

Renata Firmo Lessa

**Alteridade e Nação nos Diários de Viagem de Maria
Graham ao Chile (1824) e de John Beaumont às Províncias
Unidas do Prata (1828)**

Monografia apresentada à Graduação em História da
PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do
título de licenciada em História.

Orientador: Dr. Marco Antonio Villela Pamplona

Departamento de História
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
1 de Dezembro de 2017

*Em memória de minha mãe, Ana Silvia,
Aquele que sempre me contou histórias.*

Agradecimentos

Agradeço a todos que fizeram parte do caminho.

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Ana Silvia, por estar sempre comigo, sempre presente entre todas as minhas linhas. Te adorarei toda a vida.

Agradeço também ao meu pai, Luiz Eduardo, e aos meus irmãos, Rodrigo e Pedro, pelo amor e apoio.

Ao meu Orientador, Dr. Marco Antonio Villela Pamplona, pela orientação em pesquisa no PIBIC e nesse trabalho, pelo incentivo, atenção e paciência.

À Dra. Maria Elisa Noronha de Sá Mäder por aceitar ser leitora crítica desse trabalho.

Aos meus amigos e amigas: Isabela Soares, Julia Barros, Renata Rezende, Mariah Sabioni, Mariana Kurtz, Virgínia Fernandes, Ana Paula Moreira Duro, Felipe Marques.

Aos meus colegas e amigos do curso, que passaram por todas as provas comigo: Daniella Souza, Patrícia Bastos, Lidiane Moura, Kesi Passos, Beatriz Santos, Marcelly Dias, Matheus Targuêta, Henrique Costa Lima.

Ao CNPq, que me concedeu bolsa de pesquisa através do PIBIC, contribuindo para o desenvolvimento desse trabalho.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pela bolsa de estudos que me concedeu.

Por fim, ao Departamento de História, aos funcionários (principalmente ao Claudio, à Cleusa e Anair) e ao corpo docente pelo ensino e pela amizade ao longo dos últimos anos.

Resumo:

O presente trabalho faz uma análise comparativa dos Diários de Viagem de Maria Graham ao Chile e de John Beaumont às Províncias Unidas do Prata na década de 1820. Essa investigação atenta para a abordagem do Diário de Viagem enquanto gênero narrativo e suas particularidades. Além disso, se analisa as diferentes formas pelas quais os autores apresentam e percebem a ideia de Nação em um momento de transição após as Independências. Por fim, são exploradas as formas de representação a partir das quais os viajantes constroem a figura do Outro sob diversos aspectos, criando contraposições com as representações de si mesmos.

Palavras-Chave:

Diários de Viagem; Maria Graham; John Beaumont; Nação; Alteridade

Sumário

Introdução	6
Capítulo 1 – O Diário de Viagem como gênero de escrita	10
1.1 A narrativa do Diário de Viagem	10
1.2 Vanguarda Capitalista e Exploradoras Sociais	18
1.3 Gênero e Autoridade Discursiva	27
1.4 Testemunho e Credibilidade	35
Capítulo 2 – América como criadouro de novas Nações	44
2.1 A Construção do Estado e o Nacionalismo na América	44
2.2 Símbolos Nacionais do Pós-Independência	52
2.3 Nação e Progresso Civilizacional	59
Capítulo 3 – A Construção do Outro	66
3.1 Observando e sendo observado	66
3.2 Civilização e Exemplaridade	75
3.3 Hábitos e Costumes Sociais	82
3.4 A Religião Cristã e suas manifestações	93
3.5 Trocas Culturais: Assimilação, Rejeição e “Contágio Social”	102
Conclusão	112
Referências Bibliográficas	114

Introdução

O presente trabalho analisa dois Diários de Viagem de viajantes europeus para a América do Sul na década de 1820: o de Maria Graham, “*Journal of a residence in Chile during the year 1822; and a voyage from Chile to Brazil in 1823*”¹, publicado em 1824, e o de John Beaumont, “*Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*”², que relata sua estadia nas Províncias Unidas do Prata em 1827, publicado em 1828.

Nossa análise foi dividida em três capítulos, ou eixos de investigação. No primeiro capítulo, tratamos do Diário de Viagem enquanto gênero literário, analisando as particularidades de sua escrita. Utilizando as categorias de Mary Louise Pratt³ de “Vanguarda Capitalista” e “Exploradoras Sociais” e analisando questões de gênero que atravessam os relatos de viagem, fazemos uma comparação entre a escrita dos dois autores. Por fim, investigamos as estratégias utilizadas pelos autores para garantir a credibilidade dos seus relatos enquanto testemunhos perante o público leitor.

No segundo capítulo, analisamos os empregos da ideia de “Nação” nos dois Diários de Viagem, especialmente a partir da associação com a construção do Estado. Além disso, exploramos a questão dos símbolos da Nação que são abordados pelos autores e refletimos sobre as associações que ambos fazem entre Nação e Civilização.

Por fim, no terceiro capítulo, abordamos as diferentes formas de construção do Outro elaboradas pelos autores. Analisamos as condições de observação dos viajantes e as formas de representação do Outro enquanto contraponto em termos de identidade. Além disso, investigamos as formas pelas quais os autores abordam a questão das trocas culturais.

¹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964.

² BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828.

³ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992.

O recorte temporal, fixado na década de 1820, dá conta de um contexto logo após as independências dos respectivos países. Esse período, quando chegaram à América do Sul os escritores dos dois Diários de Viagem selecionados, foi marcado por tentativas de institucionalização dos novos Estados recém-independentes e conflitos entre projetos de poder unitários e federalistas.

O momento de transição entre a antiga ordem colonial e o estabelecimento de Estados Nacionais independentes nos parece interessante para investigar a construção da ideia de Nação e identidade, pois permite melhor perceber o caráter de provisoriedade dessas ditas construções nacionais. Investigar a ideia de identidade nacional ao final do século XIX, inversamente, implicaria trabalhar com discursos nacionais de alguma forma já bastante organizados, que tendem a descrever a mencionada identidade nacional de forma profundamente essencializada.

Notamos ademais que essas construções sobre a ideia de Nação são feitas não apenas pelos próprios americanos, mas também pelos viajantes. É a partir de um ideal europeu de civilização e progresso que estes viajantes iriam projetar suas ideias sobre nacionalidade e a sua construção, em suas experiências na América. Ao mesmo tempo, defendemos que, ao construir um Outro bem definido, Maria Graham e John Beaumont, ainda que de formas diferentes, estão reforçando uma certa ideia de identidade britânica que vivenciavam. Nesse sentido, a ideia de identidade nacional ficava ainda mais forte pelo contraste.

Por fim, faremos uma breve relação da biografia dos dois viajantes estudados, Maria Graham e John Beaumont, de modo a compreender o contexto de produção de seus Diários de Viagem.

Lady Maria Dundas Graham Calcott (1785-1842), nascida Maria Dundas, foi uma escritora e ilustradora de origem escocesa, que publicou, entre outros livros, diversos Diários de Viagem relatando suas experiências na Índia, na Itália, no Chile e no Brasil.

Suas duas primeiras obras publicadas seriam os seus escritos sobre a Índia, “*Journal of a Residence in India*” de 1812 e “*Letters on India*” de 1814, que relatam suas experiências no país no ano de 1808. Os dois livros seriam publicados após o seu retorno à Inglaterra, com aquele que seria o editor de todos os seus livros e amigo pessoal, John Murray. Sua próxima obra publicada seria o

Diário que Maria Graham produziu durante sua estadia na Itália: “*Three months passed in the mountains East of Rome, during the Year 1819*”.

Em seguida, Maria Graham acompanhou seu marido, que fora enviado em 1821 à América do Sul a comando do navio HMS Doris a fim de proteger interesses britânicos na região. O Diário do Brasil, “*Journal of a voyage to Brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823*”, é a obra resultante de sua estadia e é dividido em duas partes. A primeira reconta a sua estadia entre 1821 e 1822, e a segunda parte relata a sua estadia no ano de 1823. O intervalo temporal entre essas duas partes corresponde ao período que visitaria o Chile (Abril de 1822 e Janeiro de 1823).

A viajante embarcou rumo ao Chile junto ao seu marido em 1822. Thomas Graham, porém, veio a falecer no percurso e Maria aportou em Valparaíso viúva. Apesar de receber ofertas de oficiais da marinha britânica para levá-la de volta à Inglaterra, Maria Graham decidiu permanecer no país. O Diário de Viagem resultante, “*Journal of a residence in Chile during the year 1822; and a voyage from Chile to Brazil in 1823*” é o objeto de nosso estudo. O Diário relata suas experiências no Chile pelo período de um ano (de Abril de 1822 a Janeiro de 1823) em que residiu no Chile, entre Valparaíso e Santiago, e a sua viagem de volta ao Brasil, terminando com a sua chegada no Rio de Janeiro em Março de 1823.

Seu último Diário de Viagem a ser publicado foi “*Voyage of the H.M.S. Blonde to the Sandwich Islands, in the years 1824-1825*”. Maria Graham, porém, não participou de fato da viagem e somente organizou e compôs a narrativa a partir de Londres, a pedido de seu editor. Em 1827 se casou com o pintor Augustus Wall Callcott. Em 1837, seu marido recebeu o título de lorde, de modo que sua esposa passou a ser conhecida como Lady Callcott.

John Augustus Barber Beaumont, por sua vez, foi à Argentina em 1827 como representante da companhia *Rio de La Plata Agricultural Association*, que promovia a imigração de trabalhadores britânicos para o país. A família Beaumont se estabelecera em Londres no setor de seguros e investimentos. Além disso, se envolveu em investimentos nas independências sul-americanas a partir de suas relações com Bernadino Rivadavia, que viera a Londres em busca de investimentos quando, antes de sua presidência, fora mandado pelo governo ao exterior em missões diplomáticas.

Foi então criada a companhia *Rio de La Plata Agricultural Association*. A companhia comprava terras na Argentina e enviava capital para os imigrantes, cobrando aluguel das terras e uma porcentagem do lucro da produção agrícola. A família Beaumont, tendo ficado amiga de Bernadino Rivadavia, considerava que seus investimentos tinham grande chance de sucesso, já que tinha ligações com o governo das Províncias do Prata. Em 1825, a companhia envia os primeiros imigrantes, provindos de Glasgow, Liverpool e Londres, para se assentarem em Entre Rios e San Pedro.

John Augustus Barber Beaumont, filho do criador da empresa (John Thomas Barber Beaumont), foi ao país em 1827, justamente, para visitar as colônias estabelecidas em 1825. Além disso, Beaumont estava acompanhando uma nova leva de imigrantes, um contingente de aproximadamente 200 pessoas, para promover outro assentamento em Entre Rios. No entanto, o viajante não foi bem-sucedido em seus propósitos, principalmente em razão da Guerra da Cisplatina e dos conflitos entre os poderes locais das províncias e o poder centrado em Buenos Aires do governo de Rivadavia.

Ele relatou as suas experiências em um Diário de Viagem, publicado após a sua volta à Inglaterra em 1828, cujo título já anuncia seu propósito – “*Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs.*”

Capítulo 1 – O Diário de Viagem como gênero de escrita

1.1 A narrativa do Diário de Viagem

Neste trabalho analisamos dois Diários de Viagem como fonte. Portanto, faz-se necessário uma reflexão sobre as especificidades desse tipo de fonte. Margarita Pierini⁴ discute as condições de observação e produção do discurso dos viajantes europeus na América e seus Diários de Viagem e, concentrando-se nos séculos XVIII e XIX, nos oferece alguns elementos de reflexão. A autora ressalta que a escrita dos diários é determinada por um certo conjunto de expectativas, seja do próprio viajante, seja do seu público leitor.

A observação e leitura da realidade dos viajantes são, em suma, orientadas por leituras prévias e expectativas. As experiências na América não são compreendidas por si mesmas e tampouco correspondem ao imaginado. Os viajantes se posicionam como observadores, porém, com uma visão de cima e o Outro configura o seu objeto de conhecimento.

Os viajantes têm em mente uma escrita orientada primariamente para o seu público leitor, que pertence, em geral, à mesma cultura e com quem compartilham códigos e valores. Busca fazer inúmeras aproximações ou analogias para facilitar o entendimento desse público. Assim, o leitor, frequentemente, poderá ver suas preconcepções confirmadas pelo relato de viagem. Mas há, por outro lado, um público leitor mais reduzido, que é também alvo das descrições dos viajantes. Esse grupo, pertencente à sociedade descrita, se vê na posição de questionar a imagem produzida pelos diários e sua pretensa objetividade.

Além dessas questões de cunho mais abrangente, Pierini faz uma diferenciação acerca da escrita dos diários no que tange ao seu período de escrita. Durante o século XVIII, a produção do discurso dos viajantes era marcada principalmente pelo controle colonial. Tinham objetivos científicos de exploração e reconhecimento dos âmbitos físico, moral e sociais da América. As viagens estavam inseridas em um contexto de Ilustração, sem dúvida, mas não se limitavam à instrução. Era necessário que os diários tivessem alguma utilidade

⁴ PIERINI, Margarita. “La mirada y el discurso: la literatura de viajes”. In: *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Unicamp, vol. 2, 1994.

para as políticas dos Impérios de então. Era comum nesse período a contraposição entre as ideias de civilização e barbárie.

Foi também no século XVIII que o gênero de relatos de viagem se formou como gênero híbrido – próximo ao das memórias, crônicas e diários pessoais – a partir do cruzamento de elementos de vários tipos de discursos: o histórico, etnológico, filosófico e arqueológico.

Esse gênero tinha por objetivo primeiro garantir a veracidade do relato. Nesse sentido, era comum a oposição feita entre o saber livresco, associado aos filósofos, entendidos como teóricos desconectados da realidade, e o saber empírico proveniente da experiência vivida do narrador. De forma geral, a escrita se assentava sobre um duplo referencial – a realidade vivida e o corpo de textos precedentes com quem dialogava. Ademais, o público leitor, que era o mesmo que lia romances, esperava que estivessem presentes nesses diários os recursos do gênero narrativo, levando a intercâmbios estilísticos e temáticos entre os variados gêneros. Eram comuns descrições exóticas e pitorescas, cenas de costumes e anedotas. Assim, o gênero misturava o objetivo utilitário de informar com as expectativas dos leitores por elementos ficcionais, de forma a tornar também presente o aspecto do entretenimento.

Já no século XIX, com as independências americanas, Pierini destaca o início de uma nova etapa na produção dos diários de viagem, uma vez eliminadas as barreiras à escrita anteriormente impostas pelas metrópoles. Os viajantes seriam nesse momento marcados pelo interesse na conquista de novas áreas para influência cultural e econômica. A antiga dominação colonial, portanto, aparecia nos relatos como sinônimo do passado atrasado, marcado pela superstição e apartado dos frutos do progresso pela metrópole; já a associação com o livre comércio aparecia como expressão do futuro promissor.

Nesse sentido, os viajantes davam especial atenção à descrição dos recursos naturais e às condições de comércio, enfatizando a sua perspectiva utilitária. Informavam e descreviam as riquezas naturais, os governos, o artesanato local e a capacidade de competitividade com os países industrializados do Ocidente.

Além disso, a escrita dos diários no século XIX vinha orientada por um conjunto de leituras prévias dos viajantes. Esta observação já pré-orientada levava a uma confrontação permanente entre expectativa e realidade, o que geralmente resultava em decepção, desilusão e crítica. Nesse ponto, os autores acabavam

revelando muito mais sobre si mesmos do que sobre o Outro que pretendiam descrever – reafirmando, com frequência, uma sua visão de superioridade sobre os a “alteridade” em construção. A realidade descrita pelos viajantes confirmava suas concepções, agora com uma “autoridade” conferida a partir da experiência vivida e não somente pelos livros.

Durante o século XIX, Pierini⁵ aponta que o discurso nos diários de viagem assume uma função majoritariamente utilitária. Mas, ainda assim, há uma grande influência do Romantismo e sua atmosfera cultural sobre esses discursos, dando lugar a um maior espaço para o elemento autobiográfico e a subjetividade do escritor. Este último aparece como verdadeiro protagonista da narrativa, revelando sentimentos e vivências no decorrer do relato. Nesse período, a escrita dos diários obedeceu a um conjunto de cânones temáticos que podem ser brevemente definidos como: descrição da paisagem, arquitetura urbana, costumes, festividades e ritos. O viajante não somente observava, mas também questionava abertamente as realidades que vivenciava.

Em nosso trabalho, trabalhamos com a hipótese de que a construção do Outro nos diários de viagem revela ao mesmo tempo o reforço da identidade britânica.⁶ É sempre a partir dessa identidade (comum aos dois autores aqui trabalhados) que suas afirmações e descrições sobre o Outro são feitas.

Nesta seção iremos discutir, em especial, três aspectos do gênero narrativo observado nos Diários de John Beaumont e Maria Graham: as aproximações feitas pelos autores entre a situação que descrevem e as referências culturais do público leitor que têm em mente, o modo como as expectativas e as reações atribuídas a esse mesmo público leitor influenciam a escrita dos Diários e os elementos narrativos presentes no Diários de Viagem que se aproximam do gênero do Romance.

Em primeiro lugar, tanto John Beaumont como Maria Graham fazem aproximações ao longo do relato de modo a construir um sentimento de familiaridade no público leitor que permite que esse possa compreender aquilo que de outra forma poderia lhe causar um completo estranhamento. Graham, por exemplo, faz menções constantes a Devonshire e Lancashire para descrever as

⁵ PIERINI, Margarita. “La mirada y el discurso: la literatura de viajes”. In: *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Unicamp, vol. 2, 1994, p. 177.

⁶ Este assunto será melhor abordado no Capítulo 3.

paisagens campestres do Chile ao seu público. Na passagem seguinte, podemos observar como Graham oculta o elemento estranho ao seu público e específico ao país - a paisagem da Cordilheira dos Andes - para construir essa suposta familiaridade:

La niebla ocultaba enteramente las montañas y todo lo que caracteriza á los paisajes de Chile, de modo que el reducido círculo que quedaba visible en torno nuestro me recordaba los bellos y serenos paisajes del centro de Inglaterra. Los carneros que aquí y allá pacían en las verdes márgenes del río y algunas vacas manchadas como las de Lancashire hacían mayor aún la semejanza.

La súbita llegada á un sitio como éste produce en el viajero una impresión semejante á la que experimentaron los marineros ingleses que encontraron en Kamschatka un trozo de cuchara con la marca “Londres”; me costaba trabajo convencerme de que este sitio no me era de antes conocido y familiar.⁷

Em segundo lugar, para compreender as expectativas dos autores e do público leitor, é interessante mencionar a literatura de viagens referenciada nos Diários. Nesse sentido, podemos perceber o corpo textual com o qual os viajantes dialogam.

Os interesses de John Beaumont podem ser apreendidos, por exemplo, a partir de alguns autores a que faz referência: Major Alexander Gillespie (“*Gleanings and remarks: collected during many months of residence at Buenos Ayres, and within the upper country*” de 1818), Capitão Francis Bond Head (“*Rough Notes of some Journeys across the Pampas and in the Andes*” de 1826), Capitão Joseph Andrews (“*Journey from Buenos Ayres to Chile*” de 1827) e John Miers (“*Travels in Chile and La Plata: Including Accounts Respecting the Geography, Geology, Statistics, Government, Finances, Agriculture, Manners, and Customs, and the Mining Operations in Chile*”). Esses textos, assim como o Diário de Beaumont, correspondem ao paradigma da “Vanguarda Capitalista” analisado por Mary Louise Pratt⁸, que abordaremos na seção seguinte.

Maria Graham cita um outro conjunto de literatura de viagem: “*Purchas, His Pilgrimage or Relations of the World and the Religions Observed in All Ages and Places Discovered From the Creation Unto This Present*” de Samuel

⁷ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 319.

⁸ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 166.

Purchas, teólogo que compilou relatos de viagens de marinheiros ingleses no século XVII, além das obras de Alexander von Humboldt e de George Vancouver (*“A Voyage of Discovery to the North Pacific Ocean, and Round the World”*). Esse conjunto de textos nos mostra os interesses da autora dentro dessa tradição literária, a saber, os interesses associados à geografia, história e história natural.

No entanto, esses textos aparecem na narrativa menos como confirmadores de expectativas prévias do que como referências intelectuais a serem utilizadas no confronto com a experiência. Nesse sentido, não só podemos identificar as menções explícitas a outros autores e obras de viagens, mas também podemos perceber comparações e contrastes com outros modelos de narrativa de viagens. Se, por vezes, Graham concorda com a afirmação de algum viajante anterior, em outras ocasiões, contesta seus modelos narrativos sem mencionar um autor específico, como veremos mais adiante.

Há também uma outra espécie de expectativa do autor: a expectativa quanto à reação de um outro público, que não o britânico, ao seu relato. Em um episódio narrado por Graham, podemos perceber a presença de outro grupo de leitores do gênero de Diário de Viagens: o americano. Decerto, não é para o público americano que os viajantes europeus escrevem e ele não é priorizado na estruturação da narrativa como um todo. No entanto, podemos ver menções marginais a ele, no que se refere à possibilidade de uma reação por parte dos descritos à sua descrição. Quando Maria Graham visita uma biblioteca pública, que possui uma coleção de obras de viagens, ela menciona a reação negativa que a obra *“Viaje de Vancouver”* teve entre o público chileno. Este teria se indignado tanto com a difamação produzida pela obra que o Diário passaria a ser mostrado a todos os visitantes – infere-se que seria apresentado como exemplo do que não fazer. Relata Graham:

El director es D. Manuel de Salas y Corvalán, instruido y culto caballero, que me mostró un bello ejemplar de Cluverius y me habló con orgullo de su colección de obras de viajes y geografía.

Los libros de leyes ocupan la mitad de los estantes. Hay un buen número de obras francesas, pero pocas inglesas, y de éstas pocas lo más conocido es el pequeño *Viaje de Vancouver*. Aquí le guardan tanto rencor por haber denigrado á Chile que, como

por vía de desahogo, lo muestran á todos los visitantes.⁹

Por último, com relação às expectativas do público leitor, é interessante notar como elementos narrativos de entretenimento fazem parte mesmo do Diário de Beaumont, que se inicia anunciando a estrita objetividade e orientação utilitarista do relato. Esses episódios aparecem acompanhados de mensagens de cunho utilitário e instrutivo, como a seguinte instrução: “*It is a fortunate circumstance that these men have a deadly fear of fire-arms; an Englishman ought never to travel the country without being well provided with them, and with locks which never miss fire.*”¹⁰ Ainda assim, a narrativa é muitas vezes romantizada e aparece sob a forma de aventura, aproximando-se de uma audiência especificamente masculina. Ela geralmente opõe dois personagens o sul-americano e o inglês. Logo no início da narrativa, Beaumont narra uma história de aventura em que um inglês é detido pelo bloqueio naval efetuado pelos brasileiros no Rio da Prata, em razão da Guerra da Cisplatina. Seu navio teria sido levado ao Rio de Janeiro pela marinha brasileira, mas no caminho, quando todos dormiam, o inglês se apodera do navio e se despede dos brasileiros dando um conselho: “[...] *not to go to sleep in future when he had English prisoners on board*”¹¹. O intrépido inglês, então, retorna à Inglaterra e os oficiais brasileiros perdem o dinheiro que ganhariam com o navio e seriam culpados e ridicularizados pelo incidente, segundo as palavras de Beaumont. A breve narrativa defende a superioridade do inglês e é interessante notar que, ao final do relato, Beaumont argumenta que os oficiais brasileiros não se incomodaram pelo triunfo do personagem. Na verdade, relata Beaumont, eles ficariam secretamente satisfeitos, pois teriam ficado amigos do inglês em Montevideú.

Em um outro episódio, Beaumont opõe os *gauchos*, que são entendidos como perigosos, mas inferiores ao intrépido capitalista inglês. Nesse ponto, a arma de fogo aparece como elemento central da superioridade britânica; é ela, justamente, como diz a mensagem de Beaumont acima, que permite que o capitalista esteja ali e adentre ao interior. No trecho a seguir, o autor utiliza a

⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 297.

¹⁰ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 207.

¹¹ *Ibid.*, p. 9.

figura de seu mensageiro, que escapa de um grupo de *gauchos* que o perseguiram pela estrada tentando laçá-lo. A sua escapada se dá somente porque o mensageiro contava com pistolas, que ao serem mostradas espantam imediatamente os *gauchos*. Nesse sentido, podemos ver novamente uma instância em que Beaumont narra um episódio de aventura para atender ao seu público masculino, associando empreendimento capitalista e aventura. Relata Beaumont:

[...] during his ride, he found that he was pursued by three peons, who were galloping after him at a furious rate, and as they came near him were visibly preparing their lassoes: he accordingly stood at bay, and, presenting his pair of horse pistols, vowed certain death to them if they did not make off, which (such is their respect for fire-arms in the hands of a resolute man) they accordingly did without further discussion; he did not relax the speed of his flight, however, until he was fairly out of the province.¹²

Além disso, a própria estrutura do Diário de Beaumont se assemelha à estrutura do Romance: ao invés de organizar o relato em entradas de Diário, Beaumont divide a narrativa em capítulos temáticos. Esses capítulos têm ao seu início uma descrição dos temas abordados ou dos eventos principais da narrativa, característica comum de Romances. Ao início do Capítulo 1, por exemplo, temos a seguinte descrição: “*Departure from England—Voyage to the Rio de la Plata—Entrance of the River—Blockade—Detention at Monte Video—Events there.*”¹³

No caso de Maria Graham, também encontramos elementos narrativos do Romance. Ainda que mais raro, Graham também narra breves episódios de aventura, como:

[...] mi animoso caballo comenzó á trepar por uno de los más escarpados caminos que jamás pensara escalar cuadrúpedo alguno, á no ser una cabra montes, tal que luego me asaltó el pensamiento de que, según todas las probabilidades, no tardaría en ahogarme en alguna de esas corrientes, después de haber cruzado el inmenso océano sana y salva.¹⁴

Além disso, Graham narra um episódio em que um dos filhos dos Carreras, perseguidos após a Independência, se disfarça de um homem comum no campo,

¹² BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 166.

¹³ *Ibid.*, p. 1.

¹⁴ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 270.

vivendo por um longo período escondido, para depois revelar dramaticamente sua verdadeira identidade.

No entanto, a característica que mais se destaca no relato de Graham com relação ao Romance é a questão da centralidade da primeira pessoa na narrativa. Ainda que, de novo, sejam raras as ocasiões em que a autora faz menção ao seu lado subjetivo, podemos encontrar algumas instâncias em que se chocam no relato o seu lado intelectual e o emocional. Em dado momento da narrativa, após discutir formas de representação nacional, Graham faz a seguinte consideração:

Pero he pasado escribiendo toda la mañana y me he dejado llevar por pensamientos semejantes á los de los singulares habitantes del Pandemónium de Milton. ¿Qué me importan estados y gobiernos á mí que el sufrimiento me hace vivir en tierra extraña y que puedo decir con experiencia cuan poco influyen en los sufrimientos del corazón humano los reyes y las leyes?¹⁵

Além de apresentar elementos narrativos que se aproximam do Romance, Graham frequentemente compara situações e pessoas a personagens de livros, como, por exemplo nos trechos a seguir: “[...] *cosas que hasta ahora sólo había encontrado en las novelas.*”¹⁶; “Estos son con mucho los más interesantes y de ellos podrían sacarse argumentos de tragedias y novelas.”¹⁷ e “[...] *charlábamos, y se referían historias de personas reales y aun en vida, que los autores de obras de imaginación se alegrarían de poseer.*”¹⁸. Em outra ocasião, Graham descreve um grupo de senhoras inglesas que recebe em visita como personagens de romances escritos por mulheres:

Es curioso, á esta distancia de la patria, ver tipos como los que sólo se encuentran entre los Brangtons, de la *Cecilia*, de madame D'Arblay, ó como las Mrs. Elton, de las admirables novelas de miss Austin; y con todo, éstas son las personas más aptas para vivir aquí.¹⁹

Para terminar, destacamos a centralidade do personagem Robinson Crusóe na narrativa de Graham, porque é a ele que a autora associa o paradigma da “Vanguarda Capitalista”, que veremos a seguir. Quando, ao final do Diário, a

¹⁵ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 192.

¹⁶ Ibid., p. 303.

¹⁷ Ibid., p. 398.

¹⁸ Ibid., p. 312.

¹⁹ Ibid., p. 227.

viajante parte do Chile e relata o percurso de volta ao Rio de Janeiro, ela faz questão de mencionar a parada na ilha de Juan Fernández, onde Alexander Selkirk havia ficado isolado, dando inspiração a Defoe para escrever o seu Romance. Como aponta Pratt, é a partir dessa referência literária que Graham faz um contraponto a esse modelo de narrativa de viagens, recusando o olhar possuidor do narrador da “Vanguarda Capitalista”. Argumenta Pratt:

During a landing there, Graham finds herself alone in a clearing, where she experiences her own version of Robinson Crusoe: “Though at first I might begin with exultation to cry ‘I am monarch of all that I survey/My right there is none to dispute.’ Yet I very soon felt that utter loneliness is as disagreeable as unnatural.” The possessive, territorial paradigm rejected, Graham ends up quoting Cowper’s lines, “Better dwell in the midst of alarms/than to reign in this horrible place.”²⁰

1.2 Vanguarda Capitalista e Exploradoras Sociais

Os dois Diários de Viagem escolhidos para esse trabalho se encaixam nas categorias de Mary Louise Pratt²¹ acerca dos relatos de viagem produzidos na América do Sul na primeira metade do século XIX, a saber: a Vanguarda Capitalista e as Exploradoras Sociais. O Diário de John Beaumont segue o modelo da vanguarda capitalista, enquanto que o Diário de Maria Graham segue o modelo das exploradoras sociais. Vale ressaltar, no entanto, que o Diário de Graham interage com o modelo da vanguarda, ora adotando algumas de suas características, ora o contestando. A diferença está no fato de que, como explica Pratt²², as viajantes, apesar de interessadas no avanço do capital britânico, não têm investimento pessoal nessas empresas, levando a interpretações de cunho mais analítico e interpretativo.

O modelo do relato de viagem da Vanguarda Capitalista, como analisa Pratt, obedece a algumas diretrizes principais. Em primeiro lugar, a vanguarda – composta pelas “sentinelas avançadas” do capitalismo, que buscavam trazer informações sobre recursos e possibilidades de investimentos ao público europeu – constrói a narrativa de viagem sob uma estrutura retórica de conquista e sucesso orientada por objetivos práticos. A posição de vanguarda com relação ao capital

²⁰ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 166.

²¹ Ibid., p. 141-168.

²² Ibid., p. 156.

também é explicitada no prefácio de Beaumont já prefácio do Diário. As primeiras considerações do Diário anunciam o seu propósito: trazer um país para a consideração do capital europeu e dos imigrantes, relatando suas vantagens e desvantagens a partir das suas experiências no país.

In bringing a remote country under consideration, as suited for the employment of European capital and enterprise, it is the bounden duty of the narrator to set forth not merely the natural advantages and capabilities which the country may possess, but the local obstructions, of whatever kind, which are likely to defeat the calculations of the capitalist and the emigrant.²³

Nesse sentido, o seu caráter pragmático-econômico toma uma posição abertamente antiestética. John Beaumont se apresenta como partindo de um lugar de total autoridade na produção do seu discurso. Considerando que produz o Diário como representante de uma companhia que busca atrair imigrantes e investidores para a Argentina, possui um tom assertivo, utilitário e prático. É possível notar essa posição no Diário de Beaumont, uma vez que o viajante introduz a narrativa por uma afirmação que explicita essa questão:

As this book aims at no higher merit than to give useful information to persons who contemplate emigrating to that country, or embarking capital in its affairs, all unnecessary expenses are avoided large print, broad margin, fine paper, and showy embellishments are not befitting the occasion. There is nothing in the country to court the eye of taste, or inspire the pen of imagination; the sublime and the beautiful are strangers to its scenes: it contains no traces of ancient greatness, nor records of former worth; but it is a country which presents an almost unbounded field for the support of man, and which nothing but the misdoings of his own race can render unavailable.²⁴

Nessa narrativa orientada por objetivos, como afirmam as citações acima, a conquista enfrenta um conjunto de obstáculos. Segundo Pratt²⁵, um dos principais obstáculos é a própria sociedade sul-americana, descrita como preguiçosa e desonesta. Outros obstáculos elencados são a escassez, o desconforto, a situação das estradas, os atrasos a que estão submetidos os europeus, de modo que os

²³ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. VII.

²⁴ *Ibid.*, p. VIII.

²⁵ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 145.

termos da conquista não são exatamente militares, e sim logísticos.

No Diário de Beaumont podemos ver todas essas características expressas na descrição de sua expedição ao interior para visitar os assentamentos de imigrantes pelos quais sua companhia era responsável. Com relação aos obstáculos, são frequentes as reclamações sobre: atrasos em seus empreendimentos; as condições das estradas em termos de segurança e acomodação para os viajantes; a falta de conforto em situações diversas, sendo frequente a menção à dificuldade de se livrar de insetos e à falta de lareiras nas casas; e sobre a sua percepção de que grande parte das pessoas que encontra em seu percurso serem desonestas e quererem tirar vantagem dele.

Na passagem seguinte Beaumont comenta o hábito da impontualidade dos *criollos* americanos, associada à preguiça, fazendo um contraste com o paradigma do capitalista inglês:

[...] there is a listlessness, an unpunctuality, and a procrastination about them, which is by no means congenial with the habits of an Englishman of business. They are always thrusting in the provoking word *mañana*, when one has particular occasion for dispatch: this word corresponds to our "to-morrow," and conveys the converse of the wholesome English maxim—"Do not defer till tomorrow, what may be done to-day."²⁶

Em contraposição, os capitalistas ingleses, protagonistas dessa narrativa de vanguarda, são caracterizados no Diário de Beaumont como "adventurer" e "industrious". Beaumont comenta que seu pai estivera animado com a perspectiva "[...] of implanting on the fruitful shores of the Rio Plata, the race, the habits, and the energies of industrious Englishmen; and of materially contributing to the improvement, independence, and power of that fine country".²⁷

Em segundo lugar, de acordo com Pratt²⁸, a narrativa da vanguarda contrapõe o modelo econômico de subsistência ao paradigma extrativo e acumulador do capitalismo. No caso de Beaumont essa crítica à subsistência é expressa de forma mais emblemática pela constante crítica ao estilo de vida dos

²⁶ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 59.

²⁷ Ibid., p. 113.

²⁸ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 151.

gauchos, que analisaremos no Capítulo 3 em mais detalhes.

No caso de Maria Graham, certas análises também fazem essa contraposição, oferecendo a perspectiva de um futuro liberal, com o desenvolvimento do mercado e das formas de consumo. Essa contraposição geralmente relega a culpa da situação atual à colonização espanhola, que implementava o monopólio comercial, reprimindo as forças de mercado. Nesse sentido, as visões que Graham constrói do futuro do Chile estão associadas à expansão do capitalismo, fazendo menções, por exemplo, à construção de fábricas e a melhores métodos de produção agrícola. Na passagem seguinte, Graham constrói uma visão do futuro do porto de Valparaíso após uma visita a um navio à vapor segundo uma perspectiva liberal e utilizando a imagem do capitalista que conquista a Natureza:

Lo primero que hice fué visitar la maquinaria, que consiste en dos máquinas de vapor, de 45 caballos cada una, y de las ruedas, que van cubiertas. El buque es una gallarda polacra, cuya construcción se activó bastante antes de la venida de lord Cochrane, pero que sólo este año arribó á estos mares. Con no poco placer puse el pie en la cubierta del primer buque á vapor que navega en el Pacífico, y me entusiasmaba el pensar en los triunfos del hombre sobre los obstáculos que la Naturaleza parece haberse complacido en colocar entre él y el cumplimiento de sus deseos.

Qué transporte no hubiera sentido en su pecho Almagro si en el encantado espejo del futuro un mago le hubiese mostrado el puerto de Valparaíso, lleno de buques de Europa, del Asia y de países que entonces no existían todavía [...] ²⁹

Em termos de mercado, Graham critica os hábitos de produção e consumo dos chilenos. A incipiência do mercado interno se deve, segundo Graham, a dois fatores: a produção de subsistência, que não prevê a comercialização como fim, e a falta de estrutura para a circulação de bens, que a autora imputa novamente à colonização espanhola. O mercado consumidor mais desenvolvido que Graham observa fica restrito aos produtos de luxo que chegam da Europa e são diretamente transportados para o consumo das elites de Santiago.

Outro ponto levantado por Pratt é a crítica aos sistemas de troca não-monetários e a defesa da transformação da população americana “[...] *from an indolent, undifferentiated, uncleanly mass lacking appetite, hierarchy, taste, and*

²⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 220.

cash, into wage labor and a market for metropolitan consumer goods”.³⁰

A preocupação com a economia não-monetária é expressa em ambos os Diários, que dão grande atenção às inovações técnicas a ser implementadas nas Casas de Moedas. É no Diário de Maria Graham, porém, que podemos ver uma análise mais profunda sobre o assunto da circulação de moedas. Sobre a questão, Graham faz a contraposição entre a circulação de moeda oficial e meios informais de troca (pagareis, vales, trocas de mercadorias). Graham afirma que esses métodos informais geram grandes perdas e inconvenientes e aprova a decisão do governo, da qual ouviu falar, de cunhar moedas de pouco valor, para que a circulação de moedas prevaleça de forma geral.

Se a crítica à população americana, entendida como indolente, trapaceira, sem noções de gosto ou conforto, é abundante no Diário de Beaumont, é no Diário de Maria Graham que a preocupação sobre o tema da formação de uma classe trabalhadora assalariada é abordada. Ao comentar sobre o tema da educação no Chile e a abertura de escolas lancasterianas³¹ em Santiago e Valparaíso, Graham explicita a questão da transformação da mão-de-obra. Acerca da escola de Valparaíso, dirigida por um inglês chamado Mr. Thompson, comenta a autora:

[...] tuvo un buen resultado. Ahora es muy concurrida, y he encontrado á mucha gente del pueblo que, de mañana, lleva allí á sus hijos. El gobierno ha declarado solemnemente á Mr. Thompson ciudadano libre de Chile. Las necesidades más apremiantes son para Chile la educación de las clases media y superior y un gran número de manos de obra. Debiera decir trabajadores productivos; pero la verdad es que escasean las manos directa ó indirectamente productivas. No se cultiva ni la centésima parte del suelo [...]³²

Por fim, esse modelo de vanguarda capitalista analisado por Pratt critica a negligência humana das sociedades americanas para com a natureza em termos produtivos. Ao mesmo tempo, como aponta Pratt³³, é essa crítica que justifica a

³⁰ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 151-152.

³¹ O sistema de Escolas Lancaster tinha por princípio o ensino mútuo entre monitores e alunos, em razão da desproporção entre professores e alunos. Era principalmente direcionado a atender os filhos da classe trabalhadora na Inglaterra.

³² GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 202.

³³ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 148-149.

intervenção europeia segundo a ideia de aperfeiçoamento. Beaumont explicita esse paradigma, demonstrando como a natureza está pronta para ser posta em atividade pelo capital: “*There is no place in the world, therefore, so well adapted by nature for the support and commercial intercourse of an extensive population as the Rio de la Plata provinces.*”³⁴

A natureza aparece no Diário de Beaumont de forma diferente do paradigma naturalista analisado por Pratt³⁵ e também de como Graham descreve a natureza. Nesse ponto, Maria Graham oferece uma interessante contraposição ao modelo naturalista descrito por Pratt de enxergar a natureza de forma a-histórica e apartada do mundo cultural humano. Em um episódio, após descrever uma árvore, Graham comenta os seus usos dentro das práticas culturais indígenas:

Es además un árbol de interés en lo que se relaciona con la historia y las supersticiones de los indígenas. A su sombra los indios de Chile ofrecían los sacrificios á sus divinidades é invocaban á Pillan, el supremo juez; creo que todavía lo veneran algunas tribus indígenas. Mojan las ramas de este árbol en la sangre de los sacrificios y con ellas rocían y consagran los sitios de reunión; además se usan las mismas ramas como señales de paz y, en consecuencia, les son dadas á los embajadores para la celebración de los tratados. Hace aquí el canelo el papel que entre los druidas hacía la encina, y su belleza, su fragancia y su extendida sombra le compensan en agrado lo que le falta de la grandeza del rey de los árboles.³⁶

É interessante notar nesse exemplo que Graham, além de explorar a relação cultural entre os homens e a natureza, faz uma aproximação com o contexto cultural do seu público leitor, relacionando as práticas desses indígenas ao exemplo dos druidas. Ao mesmo tempo que cria uma familiaridade cultural para o público, gera um afastamento temporal que reafirma sua superioridade enquanto europeu contemporâneo sob o paradigma da civilização.

Beaumont, por sua vez, submete a questão da natureza aos interesses do capital e da produção. Nesse sentido, a natureza é entendida estritamente como recurso ao capitalista. No segundo capítulo, Beaumont faz uma descrição da fauna

³⁴ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs.* London: James Ridgway, 1828, p. 16.

³⁵ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation.* London: Routledge, 1992, p. 37-66.

³⁶ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823).* Madrid: Editorial America, 1964, p. 178.

e da flora da região do Prata sob forma de esboços. São feitas descrições sobre o clima, fazendo uso de tabelas meteorológicas e estatísticas, sobre os rios, o solo, animais e plantas, tendo em vista as vantagens e desvantagens para possíveis empreendimentos. As províncias da Região do Prata são descritas uma a uma com apontamentos geográficos (latitude, longitude, rios, etc.), observando o que cada uma produz.

Com relação ao modelo do aperfeiçoamento mencionado acima, Pratt explica:

É tarefa dos batedores avançados do ‘aperfeiçoamento’ capitalista caracterizar aquilo que encontram como ‘não aperfeiçoado’ e, mantendo a terminologia da anticonquista, como disponível, aberto a aperfeiçoamentos. As aspirações europeias devem ser apresentadas como incontestadas. Nesse ponto, a separação textual de paisagens e pessoas, de relatos sobre habitantes e relatos sobre habitats, atende a sua lógica. O olhar aperfeiçoador europeu apresenta habitats de subsistência como paisagens ‘vazias’, significativas apenas em termos de um futuro capitalista e de seu potencial para a produção de excedentes comercializáveis.³⁷

No Diário de Beaumont é possível constatar essa ideia ao decorrer do texto. Desde o começo, a descrição da Natureza e dos homens é dividida – a Natureza é assunto do Capítulo 2 do Diário e as categorias sociais dos habitantes das Províncias Unidas do Prata são o assunto do Capítulo 3.

Essa lógica, porém, não é realizada na narrativa de Beaumont. É a contestação à interferência do capitalista europeu que motiva toda uma retórica ao longo do Diário de indignação – para Beaumont, suas ações deveriam ser incontestes, mas ele se choca com a realidade, levando à frustração. De fato, é a decepção com a impossibilidade de realizar o aperfeiçoamento através da intervenção do capitalista europeu o tema principal do relato. Na passagem seguinte, Beaumont faz um discurso sobre essa decepção, justapondo a abundância da Natureza aos obstáculos sociais que impediram o sucesso de seu empreendimento:

When I looked on the beautiful scenery of this country, inhaled its pure air, and enjoyed its delicious climate—when I saw the rich and fertile soil which had been recently turned up, and which extends all over that part of the country—when I gazed

³⁷ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 115.

on the fields of corn in different degrees of forwardness, all thriving and luxuriant, and noticed the garden productions, all of the first quality—and the peach, quince, and fig-trees, all in blossom or in fruit—and on the neat cottages and inclosures which some of the settlers had commenced, and which, but for the perversity of intriguers, would have been proceeded with successfully and generally, I could hardly muster resolution to abandon a spot so richly endowed by nature, and on which, with so little exertion, the poor settlers and their posterity might have lived in the enjoyment of abundance; but the wretched political state of the country, and the treachery of its rulers, falsified the good gifts of the Almighty, and rendered our stay absolutely impracticable.³⁸

O modelo das Exploradoras Sociais analisado por Pratt³⁹, por sua vez, tem um caráter menos pretensamente objetivo e mais analítico-interpretativo. É marcado por um interesse etnográfico e uma centralidade do pessoal, do político e do social. As viajantes, apesar de utilizarem recursos do Romance e terem mais espaço na narrativa para a subjetividade, como vimos, tomam uma posição que rejeita o sentimentalismo. Nesse sentido, são raras as menções de Graham ao seu estado emocional após a morte do marido.

Dentro desse modelo narrativo, Pratt⁴⁰ argumenta que as viajantes constroem a si mesmas como personagens que buscam ativamente o conhecimento e que interagem com a população local na sua obtenção. Podemos perceber esse paradigma em diversas ocasiões em que Graham se coloca no lugar de aprender de forma interativa, pedindo informações e instruções. Quando Graham se encontra doente e tendo que cuidar de seu primo igualmente doente, a autora se queixa da posição passiva em que se vê obrigada a receber informações ao invés de ativamente ir atrás delas: “*Como mi salud dista mucho de estar restablecida y mi pobre inválido necesita una atención constante, no puedo salir á buscar noticias. Debo, pues, recibirlas todas por junto como me las traen.*”⁴¹ Esse conhecimento participativo se contrapõe ao olhar da vanguarda capitalista, que prima pelo objetivismo do conhecimento obtido somente através da observação e pela linguagem estatística.

³⁸ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 174.

³⁹ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 152-168.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 159-160.

⁴¹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 343.

Maria Graham, que já havia escrito dois Diários de Viagem sobre a sua estada na Índia, um sobre a sua visita à Itália e outro para a primeira parte da sua visita ao Brasil, já tinha experiência em escrever relatos de viagem. Em seu Diário podemos notar uma maior presença de interpretações e análises das situações que observa, maior presença de aspectos do cotidiano, um estilo por vezes comparativo com relação às suas experiências prévias de viagem, e uma relação já estabelecida com o público amplo de leitores britânicos a partir de uma posição consolidada como escritora de relatos de viagem. Em seu Diário, é possível acompanhar a autora partindo da observação e da experiência para chegar em interpretações. Além disso, a cultura tem grande relevância no texto. Graham observa costumes e suas transformações ao longo do tempo, roupas, danças, letras de músicas, superstições, ritos, festas populares e religiosas, entre outros aspectos.

Ademais, as exploradoras sociais partem de uma condição de mulheres burguesas europeias. Além de dar espaço na narrativa aos ambientes domésticos, Graham frequentemente se queixa da falta de privacidade que tem de enfrentar.

Pratt⁴² relaciona o hábito dessas mulheres burguesas na Europa envolvidas com o reformismo social às suas práticas de visitas às instituições dos lugares em que se encontram quando viajam. Acostumadas a visitar prisões, hospitais, conventos e fábricas na Europa, a exploração em outros países é entendida como um novo ambiente para essas práticas das Exploradoras Sociais. Com relação aos valores burgueses, Pratt também indica que as críticas feitas por essas viajantes estão estritamente relacionadas a valores de classe. Ao longo do Diário, nesse sentido, Graham constantemente critica a falta de separação entre as classes sociais em termos de costumes. Em um momento dramático da narrativa quando Graham presencia uma onda de terremotos que assolam o Chile, que exploraremos em mais detalhes no Capítulo 3, a autora reserva espaço no texto para comentar a mistura social que resulta das calamidades naturais, entendida não só como crise natural, mas também como crise moral.

Por fim, podemos citar um último exemplo do Diário de Graham, de modo a analisar uma outra forma de interação que a autora tinha com os outros estilos de relato de viagem: a confrontação. Ao discutir com um médico sobre uma planta,

⁴² PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 157.

como aponta Pratt⁴³ em sua análise, Graham faz um contraponto e uma crítica ao modelo de conhecimento do observador europeu. Relata Graham:

Hoy tuve oportunidad de observar con qué poco cuidado hacen algunos hombres cultos sus observaciones en países extranjeros sobre materias que son de su diario conocimiento.

Durante la comida un médico mencionaba las cualidades medicinales del culen (*Cytisus arboreus*), agregando que valía la pena introducirlo en Chile y hacer, por lo menos, algunas plantaciones en las vecindades de Valparaíso, á fin de cultivarlo para la exportación. Como recién llegada, tuve cierto temor de adelantar que la gente del pueblo me había mostrado una planta que llamaba culen; y cuando me aventuré á decírselo, este señor me contestó que no podía ser, porque nunca había oído hablar aquí de tal planta.

Cuando volví á casa, me dirigí á la quebrada, donde encontré las rocas de ambos lados cubiertas del mejor culen, no siendo escasa la especie inferior que crece á más altura.

Y sin embargo, este es un hombre culto y que ha residido algunos años en el país. [...]

Los errores respecto del culen me ha traído á la memoria el admirable cuento de las *Tardes del Hogar*, de Mrs. Barbault, *Los ojos que no ven*. Cuánto debemos á esta excelente mujer, qué tanto talento y gusto tenía para dar agrado á los primeros pasos de los jóvenes en la literatura, y que desdeñaba la fama con tal de hacerles un bien encaminándolos por la senda de la verdadera investigación.⁴⁴

Ao final do relato do episódio podemos perceber que Graham busca ensinar o seu paradigma de obtenção de conhecimento ao observador europeu. O olhar pretensamente objetivo do europeu é falho em sua narrativa. O médico, detentor de um conhecimento puramente acadêmico, não é capaz de chegar à verdade. Nesse sentido, o contraponto que ela faz a esse modelo é o modelo investigativo, baseado na sua própria experiência. Ao fim do relato, Graham acrescenta que a história lhe faz lembrar um conto infantil que havia lido chamado “*Los ojos que no ven*”, indiretamente criticando o observador europeu. A este fica implícita a sugestão da escritora infantil, Mrs. Barbault, de seguir pelo caminho de “*la verdadera investigación*”.

1.3 Gênero e Autoridade Discursiva

⁴³ Ibid., 160-161.

⁴⁴ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 182-183.

Tendo discutido as características mais gerais sobre a forma do Diário de Viagem, consideramos relevante investigar as especificidades dos textos, dentre elas a questão de gênero. Susan Bassnett⁴⁵, nesse sentido, faz um apanhado da argumentação de diversas autoras sobre a relação entre relatos de viagem e a questão de gênero. Podemos recuperar alguns desses argumentos para pensar as diferenças narrativas entre os textos de Maria Graham e John Beaumont, além das ferramentas que ambos compartilham.

Em primeiro lugar, Bassnett⁴⁶ aponta que a literatura de viagem está condicionada pelas associações entre gênero e espaço. A esfera pública está reservada ao homem e a esfera doméstica à mulher. O primeiro obstáculo ao relato de viagem feminino, portanto, está na mobilidade das mulheres, no próprio ato de viajar.

Nesse ponto, o caso de Maria Graham é representativo. Em todos os seus Diários de Viagem anteriores ao do Chile, a autora tinha a presença garantida e autorizada pela presença de seu marido ou de seu pai. No Chile, porém, o caso é diferente. De fato, a sua viagem ao país era legítima enquanto acompanhante do marido. Porém, quando Thomas Graham morre, a sua situação social e discursiva muda. A primeira coisa que lhe é oferecida quando aporta em Valparaíso é voltar para casa – portanto, ao espaço doméstico. E, no entanto, Maria Graham recusa essas ofertas.

De acordo com Regina Akel⁴⁷, a decisão que Graham tomou no Chile, levando em consideração sua posição social alterada pela morte do marido, levaria a autora a experimentar certo grau de rejeição social nos anos seguintes. Nesse sentido, podemos perceber como a auto-expressão se vê limitada pelas convenções sociais relacionadas ao gênero.

Em alguns pontos do texto a autora explicita a contradição entre o espaço que geralmente se associa ao homem e a sua presença nele enquanto mulher. Aproximando-se do final do relato, Maria Graham explicita esta tensão entre o espaço doméstico e o relato de viagens:

En casos como éste se despierta en el hombre cierta propensión á ver bajo un aspecto cómico sus infortunios. Más de una vez

⁴⁵ BASSNETT, Susan. "Travel writing and gender." In: YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

⁴⁶ Ibid., p. 225.

⁴⁷ AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. New York: Cambria Press, 2009, p. 119.

me sorprendí durante el camino sonriéndome al descubrir no sé qué imaginarias semejanzas entre la vida humana y las escenas que me rodeaban, ó la pensar en la mala estrella que había traído á una inglesa; esto es, á la más doméstica de las criaturas, casi á los antípodas, en medio de las conmociones de la Naturaleza y de la sociedad.⁴⁸

Nessa passagem, Graham se caracteriza como “*la más doméstica de las criaturas*”. As “*conmociones de la Naturaleza y de la sociedad*” a que se refere são os terremotos que presenciou enquanto estava no Chile e a guerra civil entre as forças do Diretor Bernardo O’Higgins e o General Freire.

Entretanto, esse comentário vai totalmente de encontro ao que Graham expressa em outras ocasiões. Opinando sobre assuntos econômicos e políticos, decididamente, portanto, no âmbito da esfera pública, a autora chega a se colocar no lugar de um legislador, utilizando a expressão: “*si yo fuera legislador*”⁴⁹. Graham, em outro episódio, se vê obrigada a explicar aos seus leitores a sua presença em uma sessão da Assembleia Nacional chilena, demonstrando como as barreiras entre seu gênero e o espaço público poderiam ser sobrepostas, isto é, através da sua condição de viajante e de intelectual e por meio de suas relações sociais com a elite chilena.

De la Casa de Moneda fuimos al Consulado, donde me habría gustado hallarme desde el principio de la sesión. Había preguntado de antemano al Director si era permitido á las mujeres ir allá. Me dijo que su madre y su hermana habían asistido á la sesión inaugural, y que los extranjeros tenían entrada libre; pero, como la inusitada presencia de una señora podría sorprender á los convencionales, hablaría previamente con el presidente de la corporación.⁵⁰

Em seguida, porém, Graham vai mais além. Não só se pode abrir uma exceção a ela enquanto viajante, como essa exceção é fruto de um processo de mudanças sociais, que a fazem refletir sobre a percepção de novidade que o final do século XVIII trouxe. Nesse sentido, a condição de gênero é colocada em perspectiva do processo histórico – aquilo que antes era inimaginável, “*cosa de cuento*”, hoje não gera mais surpresas, segundo a sua argumentação. Ao mesmo tempo, Graham aproveita para reforçar a sua posição de profissional experiente,

⁴⁸ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 409-410.

⁴⁹ Ibid., p. 208.

⁵⁰ Ibid., p. 279.

relatando suas experiências ao redor do mundo estreitamente relacionadas à presença colonial ou cultural-religiosa britânica. A partir dessas experiências de viagem, Graham já teria sido capaz de presenciar o “inusitado” anteriormente, de modo que a ideia de excepcionalidade fica de alguma forma mitigada. Considera Graham:

Pensaba que la asistencia de una señora inglesa y de un marino inglés á las deliberaciones de una asamblea nacional en Chile es, después de todo, un caso bastante curioso. Pero lo que en tiempo de Addison habría parecido cosa de cuento, en el actual se realiza todos los días, sin que nadie se sorprenda. Yo me encontré en la capital Mahratta, mientras la defendían fuerzas inglesas; he asistido á un templo protestante en la plaza Trajano en Roma; he concurrido á las sesiones de un tribunal inglés de justicia en Malta, ¿qué tiene, pues, de extraño que ahora escuchara las deliberaciones de un congreso nacional representativo de una colonia española? Quizás nunca ha experimentado el mundo tan grandes cambios como en los últimos treinta y cinco años. Que todo haya sido para bien, nadie que reflexione sobre el imperfecto estado de la humanidad lo creerá; pero abrigo la esperanza de que la mayor parte de estos cambios ha mejorado la condición general de la naturaleza humana.⁵¹

Em segundo lugar, Bassnett⁵² levanta a questão da mulher na tradição literária do relato de viagens e no meio intelectual, de forma geral. Se a literatura de viagens está centrada nas figuras do explorador, colonizador, aventureiro capitalista, cientista, então a mulher que viaja e produz relatos de viagem não tem uma inserção definida nesse gênero narrativo. Essa indefinição produzia um peso sobre a escrita no que diz respeito à autoridade discursiva das autoras. Parte de sua autoridade como escritoras está relacionada, de acordo com Bassnett⁵³, ao fato de se perceberem como membros de uma cultura superior com autoridade para descrever aqueles que percebem como culturalmente inferiores.

Maria Graham, por sua vez, buscava assumir uma persona narrativa cuja principal característica era a autoridade discursiva baseada na percepção de si mesma como uma intelectual. Regina Akel⁵⁴ argumenta que os Diários que Maria Graham publica são espaços de construção de uma persona narrativa que se

⁵¹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 280.

⁵² BASSNETT, Susan. “Travel writing and gender.” In: YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 231.

⁵³ Ibid., p. 227.

⁵⁴ AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. New York: Cambria Press, 2009, p. 248.

aproxima do ideal textual masculino como forma de aumentar a sua autoridade discursiva. Nesse sentido, Graham buscaria construir uma imagem pública de si mesma com as seguintes características: erudita, distanciada e inquisitiva. Além disso, Akel⁵⁵ afirma que Graham rejeita o sentimentalismo em sua narrativa. Apesar de que existam instâncias em que Graham se permita um comentário sobre seu estado emocional, estas são raras ao longo do texto.

A sua representação de si mesma como uma intelectual, argumenta Akel⁵⁶, é que lhe permite ignorar as barreiras impostas ao gênero dentro da narrativa. Essa representação de si mesma através de uma persona narrativa faz parte do que Bassnett⁵⁷ aponta como processo de ficcionalização. Nesse sentido, as insistências de autenticidade por parte da autora evidenciam uma tensão entre a objetividade e a dramatização de si mesma, veracidade e ficcionalização.

Apesar de se construir como autoridade intelectual, Graham reconhece a sua marginalidade no meio intelectual, em certos aspectos. Após descrever um conjunto de plantas utilizando a nomenclatura de Lineu, Graham faz o seguinte comentário:

Me entristece saber tan poco de botánica, porque soy realmente aficionada á las plantas. Me agrada ver su desarrollo y conocer su procedencia y sus usos; pero me parece que la nomenclatura botánica ha sido creada para mantener alejada á la gente de todo conocimiento real de una de las más hermosas clases de objetos de la Naturaleza. ¿Qué es lo que esos rudos vocablos tienen que hacer con cosas tan agradables como las rosas, los jazmines y las violetas?⁵⁸

Outro ponto interessante que menciona Bassnett⁵⁹ é o uso de notas de rodapé, que seria menos utilizado pelas viajantes em relação aos viajantes, segundo sua hipótese, em razão de uma insegurança intelectual resultante da marginalização da mulher do meio intelectual. Maria Graham, que se considerava uma intelectual, pelo contrário, faz uso de notas de rodapé.

As notas de rodapé fazem parte de um conjunto de elementos textuais e narrativos de que dispõe Graham para aumentar a sua credibilidade perante os

⁵⁵ AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. New York: Cambria Press, 2009, p. 120.

⁵⁶ Ibid., p. 256.

⁵⁷ BASSNETT, Susan. "Travel writing and gender." In: YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 234-235.

⁵⁸ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 200.

⁵⁹ BASSNETT, op. cit., p. 231.

leitores, que poderiam colocar seu texto sob maior suspeita crítica em razão do seu gênero.

Nesse sentido, vale mencionar que o Diário de Graham é bem mais reflexivo do que o de Beaumont quanto ao ato de escrever um Diário de Viagem. Há diversas instâncias no Diário de Graham em que a autora explicita suas fontes e métodos. Essa menção às fontes primárias pode tanto estar relacionada à sua posição de profissional e intelectual, como também pode demonstrar uma maior consideração por parte da autora quanto à credibilidade que o seu público irá atribuir ao seu relato. A questão da credibilidade do testemunho será o tema da próxima seção deste capítulo. Seguem alguns exemplos em que Graham apresenta as fontes utilizadas em notas de rodapé: “*Véase la Gaceta extraordinaria del 9 de Agosto de 1819.*”⁶⁰ e “*Con su autorización he hecho uso de esta conversación en mi bosquejo de la historia de Chile.*”⁶¹ Em uma ocasião em que conversava com San Martín, Graham também comenta sua metodologia:

“No me gusta repetir ni aun en globo, y en sus líneas generales las conversaciones privadas que, á mi juicio, deben siempre mantenerse reservadas. Pero San Martín no es un hombre privado, y además, los asuntos de que se habló fueron generales y no personales. Hablamos del gobierno, y sobre este punto creo que sus ideas distan no poco de ser claras ó decididas.”⁶²

Considerando a questão da autoridade discursiva das mulheres, podemos mencionar um episódio que ocorreria após o seu retorno à Inglaterra que diz respeito a uma de suas afirmações do Diário do Chile. A hipótese que Graham lança tem a ver com a sua investigação dos efeitos dos terremotos. A autora se pergunta se os Andes “*¿Proviene de levantamientos del fondo del mar, producidos por convulsiones terrestres?*”⁶³

Por causa de suas afirmações sobre os terremotos, Maria Graham seria o centro de um debate na *Geological Society* na década de 1830 acerca da relação entre terremotos e a formação de montanhas. Suas observações seriam incluídas na obra “*The Principles of Geology*” do geólogo Charles Lyell como evidência de suas teorias sobre formações de montanhas. George Bellas Greenough, presidente

⁶⁰ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 82.

⁶¹ Ibid., p. 299.

⁶² Ibid., p. 349.

⁶³ Ibid., p. 404.

da Sociedade, atacou as teorias de Lyell, ridicularizando as observações de Maria Graham sobre os terremotos, que havia usado em seu livro. A autora, por sua vez, publicaria respostas a Greenough e seria apoiada por Charles Darwin, que havia observado fenômenos similares aos descritos por Graham quando presenciou terremotos na costa do Chile em 1835 no navio *Beagle*. A partir deste exemplo, podemos perceber o que Bassnett afirma: “*It was certainly true that if a woman traveller expressed opinions that were controversial, the chorus of dismissive voices would be so much louder.*”⁶⁴

Em terceiro lugar, Bassnett explora a questão das diferenças estilísticas em termos de ênfase narrativa entre homens e mulheres nos relatos de viagem. Nesse sentido, a autora diz que:

In terms of stylistic features, there is no way that women’s travel writing can be differentiated from that of male writers, though a case could perhaps be made for differences in emphasis, in selection of material, in the relationship between the traveller and the putative reader.⁶⁵

Dito isto, Bassnett⁶⁶ afirma que os relatos de viagem escritos por mulheres têm, de forma geral, algumas tendências, dentre elas: o enfoque no pessoal e em relacionamentos, menções mais frequentes sobre o espaço doméstico, maior presença do cotidiano, de comentário social e maior interesse etnográfico.

Em Graham, encontramos muito mais menções ao espaço doméstico do que no Diário de Beaumont, com descrições sobre as casas em que habitou, a arquitetura interna, os móveis, a decoração, os quartos, os pátios internos, as cores e materiais das construções. Além disso, Graham descreve os trajes das pessoas e a beleza das jovens que encontra, questões que ela mesma chama de “*cosas femininas*”⁶⁷. Por outro lado, Graham também abre espaços na narrativa para o questionamento à descrição de cenas domésticas. No trecho seguinte, Graham se questiona sobre o interesse pelo doméstico e por cenas de costumes:

Estas escenas gustan más descritas que vistas. La posada de doña Josefa podría haber dado tema á Le Sage ó á Smollet para

⁶⁴ BASSNETT, Susan. “Travel writing and gender.” In: YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 229.

⁶⁵ Ibid., p. 240.

⁶⁶ Ibid., p. 239.

⁶⁷ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 256.

un delicioso capítulo; pero, como sucede con ciertos cuadros holandeses de costumbres, el atractivo de estas escenas no está en las escenas mismas, sino en el arte con que se les pinta ó describe.⁶⁸

Além disso, como aponta Pratt, há no Diário de Maria Graham alguns exemplos de mulheres que exercem o efeito de curiosidade ou até de franca fascinação por parte da autora. Essas mulheres representam, segundo Pratt⁶⁹, um paradigma idealizado de autonomia feminina.

Por último, Bassnett⁷⁰ aponta a relação entre o discurso dos relatos de viagem e a geografia, associada aos interesses da expansão colonial. Nesse sentido, é interessante pensar o lugar do sujeito feminino sob a ótica do Império Britânico. Se, como argumentamos anteriormente, as autoras de relatos de viagem não têm um investimento pessoal sobre a área colonizada ou a área em que o Império busca construir sua hegemonia econômica, ainda assim seus escritos atendem a um público que pode tirar proveito de suas informações para esses fins. Antecipando essa demanda, Graham, em seu relato da viagem de volta ao Brasil no final do Diário, faz relações de ilhas, praias, portos, descrevendo sua geografia, e aponta locais em que seria propício construir portos para o reabastecimento de navios ingleses. Contudo, o interesse maior de Graham pela geografia se dá no plano intelectual – as maiores investigações que faz nesse sentido são a respeito dos terremotos.

Bassnett⁷¹ aponta também o tom sexual da linguagem de dominação colonial, além das marcas orientalistas, presentes nos relatos escritos por homens. Uma metáfora corrente nesse tipo de linguagem é a da terra como mulher. Evidentemente, esse tipo de linguagem não aparece nos relatos de viagem de mulheres. Isso não quer dizer que as viajantes não produzam textos com características orientalistas ou racistas. Porém, a tendência das viajantes a descrever situações quotidianas oferece a possibilidade de encontrar instâncias em que o paradigma orientalista pode ser confrontado.

⁶⁸ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 333.

⁶⁹ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 161-168.

⁷⁰ BASSNETT, Susan. "Travel writing and gender." In: YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 231.

⁷¹ *Ibid.*, p. 231.

Um exemplo disso, como aponta Regina Ake⁷², pode ser encontrado em um dos Diários de Maria Graham à Índia. Nele, a autora descreve um harém que visitou na Índia. Porém, ao invés de participar da perspectiva orientalista própria de narrativas masculinas, que descreviam o harém como lugar de mistério e sexualidade, Graham somente descreve as mulheres em termos de sua ignorância e a falta de atividade intelectual a que são submetidas.

1.4 Testemunho e Credibilidade

Segundo Beatriz Sarlo⁷³, o testemunho é uma forma de narrativa que busca persuadir o leitor a dar credibilidade aos fatos narrados. A única garantia com relação à autenticidade está no seu valor referencial, isto é, somente o autor do testemunho é apresentado como prova da realidade das experiências narradas.

Os Diários de Viagem, nesse sentido, são narrativas testemunhais. Como vimos, o gênero do Diário de Viagens pode ser escrito tanto em capítulos temáticos, como o de Beaumont, como em formato de Diário com entradas datadas. No entanto, há em ambos os estilos a presença de elementos de composição.

Em primeiro lugar, Graham explicita no texto aquilo que Sarlo⁷⁴ chama de “efeito de coesão”, ou seja, o texto, que de modo geral é disperso, tem coesão narrativa dada pela figura do enunciador, aquele que passou por todas essas experiências. Maria Graham, como faz algumas vezes no meio da narrativa, pausa a narração e faz considerações sobre a composição do Diário, mostrando a contraposição entre a ideia de registro diário e a coesão narrativa:

He echado una ojeada á mi Diario de las últimas seis semanas y he encontrado que se parece algo á una galería de pinturas, en que hay cuadros históricos, retratos, paisajes, Naturaleza muerta, flores, uno al lado del otro. Cada escrito pretende ser un todo, independiente y completo de suyo, historia, paisaje, retrato, que el autor termina generalmente para que pueda figurar por sí solo en una galería de cuadros.

Pero mi pobre Diario, escrito en un país nuevo, en tiempo de agitaciones políticas, no puede aspirar á tener unidad de plan,

⁷² AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. New York: Cambria Press, 2009, p. 53-55.

⁷³ SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 37.

⁷⁴ Ibid., p. 49-50.

pues ¿puedo acaso prever lo que acaecerá mañana? Y como mis héroes y heroínas (más escasas éstas que aquéllos) son personajes independientes, no puedo, como un novelista, obligarlos á figurar en mis páginas á mi satisfacción y gusto, sino que se gobiernan por sí solos; lo cual, después de todo, en un lugar donde llevar un diario es sólo un modo de suplir la lectura de los libros nuevos del día (lectura de que ciertamente gozaría en mi casa) vale quizá tanto como lo otro: en uno y otro caso la incertidumbre del desenlace mantiene el interés.⁷⁵

Em segundo lugar, com relação à questão da credibilidade, é interessante pensar como os autores compuseram seus textos com a expectativa da sua recepção pelo público. Regina Akel⁷⁶ cita em sua obra uma ocasião em que o Diário de Viagem de Maria Graham à Itália recebeu uma resenha no *Edinburgh Review*, na qual o autor considera que a veracidade do texto é corroborada pela presença de outros dois homens que viajavam com ela. Logo, qualquer exagero de sua parte poderia ser desmascarado pelo testemunho de seus acompanhantes, de modo que a veracidade do texto é influenciada por questões sociais extratextuais. Sarlo diz, nesse sentido, que: “Todo testemunho quer ser acreditado, mas nem sempre traz em si mesmo as provas pelas quais se pode comprovar sua veracidade; elas devem vir de fora.”⁷⁷

Graham, portanto estava ciente, ao produzir o Diário, de que seu texto sofreria suspeita por parte do público, especialmente na situação social em que se encontrava (viúva sozinha em um país estrangeiro). Em outra ocasião anterior citada por Akel⁷⁸, Graham até mesmo fizera uma resposta a um crítico que dissera que seu Diário da Índia havia sido produzido por uma jovem em busca de um marido, ao invés de informação.

Acerca da veracidade do seu relato, Graham faz outro comentário explícito no trecho a seguir. A sua primeira observação realiza um contraste entre a ideia de um saber livresco e especulativo e um saber baseado na experiência. Nesse sentido, a veracidade do conhecimento através da experiência é elevada para aumentar a sua própria credibilidade. A autora comenta:

Muchas veces he pensado que una colección de memorias

⁷⁵ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 370-371.

⁷⁶ AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. New York: Cambria Press, 2009, p. 73.

⁷⁷ SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 37.

⁷⁸ AKEL, op. cit., p. 63.

fidedignas darían mejor material á un filósofo para sus especulaciones que todas las disquisiciones de aparato que se han escrito hasta ahora. Hay días en que nos vemos felices y llenos de actividad, que apenas si permiten también á la inteligencia preocupada unas cuantas anotaciones breves y concisas; otros hay en que la vanidad y el amor propio que todos sentimos más ó menos cuando escribimos un Diario, llenan las páginas de necedades artificiosas, y otros hay todavía en que unas cuantas frases breves dejan transparentar un estado de ánimo que se necesita valor para exhibirlo á los ojos de un extraño.

La copia de un Diario tiene menos carácter: puede ser igualmente verídico y dar una relación mejor de los países recorridos, por lo mismo que es más razonado y más cuidado; pero al copiarlo, pueden despertarse en el escritor asociaciones que lo lleven á contemplar otras miras, á discurrir con otros sentimientos sobre los mismos sucesos.

Y aunque no haya variaciones de intento, cierto temor hará que se disimulen algunos rasgos del carácter, y que otros se supriman, aunque sea por modestia; y hay sentimientos respecto de otras personas que no podemos menos que borrarlos del manuscrito: sin embargo, el Diario es verídico; verídico en cuanto á la naturaleza de las cosas y en cuanto á los hechos, y más verdadero por fin en cuanto á los buenos sentimientos que los que dictaron en algunas ocasiones las líneas de tedio y de sufrimiento. Esta veracidad es la que me comprometo á observar en las páginas de mi Diario.

No puedo dar más y así confío en que no me pedirán más.⁷⁹

Outra questão presente nessa passagem é a da “*copia de un Diario*”. Segundo Akel⁸⁰, Graham utiliza essa expressão para se referir à composição de um Diário de Viagens a posteriori a partir de notas tomadas, por oposição a um registro que se desse realmente no dia das entradas do Diário. A própria expressão usada pela autora no início do trecho, “*memorias fidedignas*”, corrobora essa ideia.

Nesse trecho podemos ver o que Sarlo analisa como a autodefesa do testemunho. A autora afirma que: “O discurso da memória, transformado em testemunho, tem a ambição de autodefesa: quer persuadir o interlocutor presente e assegurar-se uma posição no futuro; [...]”⁸¹ Nesse sentido, Graham busca rebater todos os argumentos que espera que sejam feitos ao seu relato. Se, por um lado, a composição a posteriori pode ser menos autêntica, ela é mais cuidadosamente

⁷⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 188-189.

⁸⁰ AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. New York: Cambria Press, 2009, p. 122-123.

⁸¹ SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 51.

organizada e igualmente verídica. Além disso, Graham evidencia a presença de elementos subjetivos e autobiográficos na composição, mas que, como argumenta, não comprometem a veracidade do relato.

Ademais, como mostramos na seção anterior, Graham busca elevar a sua autoridade discursiva mostrando suas referências e fontes. Quando a autora presencia os terremotos, a sua narração constrói uma forte oposição entre a sua reação enquanto representante do iluminismo racional e científico, que investiga, racionaliza, observa e registra, e a reação dos americanos, associada ao fanatismo religioso e à credulidade. Com esse episódio, a autora reforça a sua representação de si mesma enquanto autoridade intelectual. Em outra instância, após observar canais fluviais abertos pelos araucanos, Graham apresenta a si mesma como autoridade intelectual em razão de suas experiências de viagem prévias: “*Yo, que conozco la obra del cónsul romano, puedo apreciar la de los indígenas de Chile [...]*”.⁸²

Outra forma de aumentar a credibilidade do autor de relatos de viagem está na defesa da centralidade da experiência, por oposição ao abstrato, como vimos acima, e do testemunho ocular. Tanto Graham como Beaumont valorizam essas formas de averiguação, de modo que ambos buscam em diversas ocasiões confirmar ou refutar informações e boatos através da experiência própria. Beaumont, por exemplo, ouve rumores quando chega ao Rio da Prata de que os imigrantes que sua companhia enviara ao assentamento tinham sido incorporados ao serviço militar para lutar na Guerra da Cisplatina pelas Províncias Unidas do Prata. Em seguida, ele decide ir até os assentamentos para investigar e confirma que parte deles realmente havia sido incorporada ao serviço militar.

Maria Graham, por sua vez, também relata que a partir da experiência pode desmistificar ou refutar certas histórias que ouvira. Em um episódio, após visitar a Lagoa de Acúleo, Graham reflete sobre a incoerência entre uma descrição que recebera da lagoa e aquilo que pode ver por si mesma:

Las descripciones suelen ser completamente falsas. ¿Cómo se explica esto? A todos nos parece que describir lo que hemos visto y examinado con atención es la cosa más fácil del mundo. Sin embargo, apenas uno entre ciento logra dar á otros una idea exacta de lo que ha visto. Hoy tuve una prueba de ello. Fuimos

⁸² GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 271.

á ver la laguna de Acúleo. Me la habían descrito como circular, rodeada de un cordón de elevados cerros, y, cosa singular, salada como el mar. No hay en todo esto una palabra de verdad.⁸³

Em outra instância do texto, ao discutir os méritos de San Martín em batalhas pela Independência, Maria Graham apresenta a testemunha ocular como forma de desmistificar a sua figura:

Pero mientras las hojas y proclamas públicas aclamaban al general San Martín como el héroe de Chacabuco y de Maipü, los que tomaron parte en esas batallas y que, por consiguiente, fueron testigos oculares de su conducta, se permitían dudar de su valor personal.⁸⁴

Além disso, outro artifício que fornece credibilidade ao testemunho, segundo Sarlo⁸⁵, é a presença de detalhes, que criam a impressão de descrição realista. No entanto, como a autora argumenta, é importante que esses detalhes pareçam verossímeis. Em um momento da narrativa, Beaumont decide pular a descrição de certos detalhes, que, segundo ele, não seriam críveis ao público britânico. Comenta Beaumont: “*I hasten over details of chicanery and treachery, which, as they would be incredible to the generality of English readers, would oftener disgust than instruct [...]*”⁸⁶. Nesse sentido, o autor suprime os detalhes que parecerão inverossímeis aos leitores e poderiam prejudicar a percepção de veracidade.

Por fim, um último ponto interessante levantado por Sarlo é a proximidade entre o discurso do testemunho e a esfera jurídica: “[...] o testemunho é uma instituição da sociedade, que tem a ver com a esfera jurídica e com um laço social de confiança, como apontou Arendt.”⁸⁷ O testemunho tem por objetivo persuadir o leitor acerca da autenticidade do texto e da credibilidade do autor e, para tanto, utiliza de provas e argumentos em uma espécie de tribunal.

⁸³ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 309.

⁸⁴ Ibid., p. 64-65.

⁸⁵ SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 52.

⁸⁶ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 123.

⁸⁷ SARLO, op. cit., p. 50.

No caso de John Beaumont, ainda que seja raro um momento na narrativa em que o autor faça menção explícita ao processo de confecção do Diário de Viagem, é possível distinguir os mesmos processos de utilização de provas para a persuasão em dois níveis diferentes.

Em um primeiro nível, Beaumont faz a defesa do seu ponto de vista acerca dos prospectos das Províncias do Prata para o capitalista a partir da sua experiência. Ao longo do texto, Beaumont faz uso de provas com o intuito de persuadir o leitor de que a falha do seu empreendimento não era dele. Na realidade, ele teria sido enganado pelos convites do Governo de Buenos Aires. Este teria lhe enviado diversas garantias de que o empreendimento daria certo, contando com a proteção do governo. Nesse sentido, Beaumont defende a posição discursiva que ele tomara para estruturar a narrativa do Diário, transcrevendo cartas como provas. No trecho seguinte, Beaumont, após expor todas as suas provas e garantias, faz a acusação ao Governo de Buenos Aires:

With all these documents before the reader—with the aforesaid decrees and offers of aid and assistance to all European emigrants, from the government, thus published to all the world—with the solicitations and pledges of national gratitude, addressed by the minister of Foreign Affairs, Don Rivadavia, to Mr. Barber Beaumont, to induce him to make advances for the projected emigration and agricultural settlements—with the signed and sealed contract of the government commissioner (Don Lezica), to the same effect—with the laudatory epistle and assurances from the first minister Garcia—with the grant of privileges by the government of Entre Rios, and avowal of protectorship by Don Lezica—with the plausible book, and further assurances of Mr. Secretary of State Nunez—with all these things before him, the reader will scarcely be able to bring himself to believe, that it never was intended to allow the formation of any agricultural settlements in the country ! No! the men and the money, and the stores sent with them, were very acceptable; but no settlements—no associations in a body, would be endured! To man, or command their ships—to fill their ranks, or lead them—to execute their public works, or assist them in private and separate enterprises—to pour wealth into their country, for intriguers to scramble for, were all well enough—but no assembling in a body; and, least of all, no Association acting under orders from England!⁸⁸

⁸⁸ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 119-120.

Logo, podemos perceber que o Diário é montado como uma peça de acusação, que busca, ainda, convencer os leitores, sob uma perspectiva utilitária, a não cometerem o mesmo erro de confiar nas promessas dos governos sul-americanos. Nesse sentido, Beaumont também faz uso de exemplos retirados de outros autores de Diários de Viagem da “Vanguarda Capitalista” para corroborar sua argumentação. Na passagem seguinte, podemos ver como Beaumont elenca esses exemplos, fortalecendo a sua acusação. Além da sua experiência particular, ele apresenta a experiência acumulada de diversos viajantes que coincidem com a sua. Argumenta Beaumont:

I should not venture to offer these opinions upon mere abstract views, nor upon my own unassisted observations; but they are views in which, I believe, all who have seen much of the country coincide. Of the many who have been ruined by misplaced confidence in the South American Governments, the greater part have suffered in silence, and unnoticed; but others of more experience than myself have put their cases on record. In addition to Captain Head's "Rough Notes" and "Reports," the "Travels in Chili and La Plata," by Mr. John Miers, a scientific English gentleman, who has lived nearly ten years in Chili and Buenos Ayres, and has expended and lost nearly twenty thousand pounds in attempts to establish copper works, and other useful concerns, in Chili, will instruct the sanguine and credulous European in what he has to expect. No man ought to embark his capital or his person in South America, without reading the works of these intelligent and instructive travellers.⁸⁹

Em um segundo nível, de ordem particular, o autor faz um relato de uma ocasião em que foi efetivamente detido, preso e julgado após a visita ao assentamento de Entre Rios. De certa forma, a narrativa desse episódio reflete a narrativa da defesa discursiva, utilizando dos mesmos processos, agora de forma concreta. Beaumont narra o seu caso judicial, ora desqualificando a figura do juiz, que ele havia visto conversando com o seu acusador, Rufino Falcon, ora tentando lhe ensinar métodos de averiguação da acusação, como entrevistas com testemunhas oculares. Enquanto Beaumont deslegitima a figura do juiz, busca persuadir o público leitor para tomar o seu lado. Acerca do julgamento, Beaumont diz:

⁸⁹ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 249-250.

After all due formalities had been gone through, the alcalde informed me, that the charge against me was now in his hands; that he had seen Rufino Falcon, who had arrived from the Calera that morning, and had given in the following accusation :—That I had, with another person named, gone into his pulperia, at the Calera, and demanded from him the key of the store, containing the goods of the Association, of which he was put in charge; and at the same time, we, showing our pistols, threatened to blow out his brains if he did not comply ; that we had, in the end, carried off with us some ploughs and harrows, and a door frame, from the stores under his charge. To this I pleaded not guilty; and observed, that the charges were equally false and ridiculous, and evidently invented as a plea to detain us. I begged of him to satisfy himself of what had been our conduct, by calling on all the settlers separately, to give their testimony; and assured him I had been most particularly careful to avoid any altercation with this Rufino, knowing him to be a notorious rogue, who would take advantage of any inadvertence I might commit. In order to ascertain whether we had taken away the things specified, I begged of him to send instantly to search the balandra, which he did some days afterwards, and found nothing. The charge of having threatened Rufino with pistols, was disproved by eye-witnesses of our interview. Rufino finding that his false charges were unanswerably refuted, reduced them to his seeing a pistol, and then said that he thought we meant to intimidate him. [...] At length, however, after some days' investigation, and spelling and writing, the examinations were concluded, the whole occupying about two dozen sheets of foolscap paper.⁹⁰

No caso de Maria Graham, além da autodefesa discursiva do testemunho, em que a autora procura afirmar a sua autoridade narrativa e a veracidade do relato, a autora busca defender e reabilitar a figura de Cochrane perante a sociedade britânica, como aponta Ake⁹¹. Lorde Cochrane havia sido expulso da marinha britânica e do parlamento após acusações de fraude na Bolsa de Valores de Londres.

Na construção de sua defesa, uma das formas principais é a contraposição da figura de Cochrane à figura de San Martín. Ao longo do texto, Graham rebate acusações feitas contra Lorde Cochrane, fazendo menção à questão da prova documental. Na passagem que segue, Graham argumenta que, mesmo o governo não acreditando nas acusações feitas contra Cochrane, não as refuta publicamente

⁹⁰ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 181-182.

⁹¹ AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. New York: Cambria Press, 2009, p. 162.

por medo de antagonizar San Martín, apesar de ter provas documentais da verdade. Argumenta Graham:

Si bien el gobierno no parecía creer los cargos, mantúvose en calma por temor de entrar en hostilidades con San Martín, no obstante que en las oficinas públicas de Santiago existían documentos que desautorizaban totalmente los cargos formulados contra el almirante.⁹²

Logo, podemos concluir que em ambos os autores os mesmos procedimentos para garantir credibilidade (valorização da experiência, uso de fontes, testemunhas oculares e provas) são usados tanto na autodefesa discursiva, como para defender ou acusar outrem.

⁹² GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 141.

Capítulo 2 – América como criadouro de novas Nações

2.1 A Construção do Estado e o Nacionalismo na América

Nesse capítulo, analisamos as diferentes formas pelas quais os autores tratam da questão da Nação. É importante ressaltar que o conceito de Nação é utilizado, por vezes, de forma ambígua. Se na maioria das vezes, os viajantes se referem à ideia de Nação em uma dimensão política, estabelecendo relações com a construção do Estado após as Independências, é possível encontrar também menções que evidenciam a associação da Nação a aspectos étnicos ou culturais. Essas duas acepções do termo Nação – uma de dimensão étnico-cultural, que parte de características comuns a um determinado grupo originário de um determinado lugar, e outra de dimensão mais política, associada à ideia de um Estado-Nação em construção, como produto da vontade dos homens – convivem no vocabulário dos viajantes.

O conceito de Nação, que tinha um caráter polissêmico, passou por um processo de resignificação conceitual, que resultou em uma maior utilização da acepção política e pactista do termo, mas não excluiu os outros significados, que continuaram em uso. Como aponta Fabio Wasserman, “[...] *el concepto de nación en su doble acepción política y étnica, acompañó los intentos para institucionalizar el poder.*”⁹³ É nesse contexto, da institucionalização do poder e da construção do Estado, que os dois autores analisados farão suas observações.

John Beaumont, em uma instância, utiliza o termo Nação em sua acepção étnico-cultural para descrever uma comunidade indígena, reproduzindo um comentário de Félix de Azara: “[...] *the strong and warlike nation of the Guaycuras*”⁹⁴. O uso do termo “*nación*” por Azara é comentado por Fabio Wasserman:

[...] la voz nación era empleada para designar poblaciones que compartían rasgos físicos o culturales como lengua, religión y

⁹³ WASSERMAN, Fabio. “El concepto de nación y las transformaciones del orden político en Iberoamérica (1750-1850).” In: LOSADA, Cristóbal. SEBASTIAN, Javier. Diccionario político y social del mundo iberoamericano La era de las revoluciones, 1750-1850. Madrid: Fundación Carolina Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales y Centro de Estudios Políticos y Constitucionales de Madrid, 2009, p. 869.

⁹⁴ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs.* London: James Ridgway, 1828, p. 58.

costumbres. Este significado, que muchas veces se solapaba con los anteriores, podía remitir a una amplia gama de referentes. En ese sentido, y siguiendo una antigua tradición, se lo utilizaba para designar pueblos considerados por su alteridad, ya sean bárbaros, gentiles, paganos, idólatras o simplemente monstruosos, como consigna un diccionario portugués. En América asumió un carácter más preciso al utilizarse para hacer referencia a grupos étnicos o castas. Este uso reforzaba la asociación entre el hecho de haber nacido en un mismo lugar y el de compartir determinados rasgos, como lo hacía Félix de Azara, funcionario enviado por la Corona al Río de la Plata a fines del siglo XVIII, quien advertía a sus lectores: «Llamaré nación a cualquiera congregación de indios que tengan el mismo espíritu, formas y costumbres, con idioma propio tan diferente de los conocidos por allá, como el español del alemán»⁹⁵

Maria Graham, por sua vez, concluindo o seu relato, narra a trajetória de Lorde Cochrane no Chile e seu envolvimento com as guerras de Independência e aponta que: “*Lord Cochrane adoptó á Chile por patria.*”⁹⁶ A ideia de Nação que fica implícita nesse trecho é aquela que se associa ao Estado. O sujeito dessa Nação opta por fazer parte dela submetendo-se ao projeto político do Estado, ao invés de pertencer a ela exclusivamente em razão da sua comunidade de origem. Nesse sentido, a autora indica que Cochrane teria feito a escolha de pertencer a uma comunidade política.

No Diário de Maria Graham, a descrição da Nação no Chile parte de uma ótica iluminista e da civilização. Do ponto de vista de Graham, o processo que se inicia no Chile com a independência representa a chegada do progresso. A Nação que descreve é a que quer ver em construção – está baseada na formação do Estado. Nesse sentido, aponta para um conceito moderno de Nação, essencialmente político, associado à ideia de Estado-Nação construído como produto da vontade dos homens. Ainda assim, Graham indica que o processo também depende da educação e formação dos homens para que se desenvolva o caráter nacional, uma vez que, mesmo após a independência, a sociedade ainda é marcada pelo modelo colonial.

⁹⁵ WASSERMAN, Fabio. “El concepto de nación y las transformaciones del orden político en Iberoamérica (1750-1850).” In: LOSADA, Cristóbal. SEBASTIAN, Javier. Diccionario político y social del mundo iberoamericano La era de las revoluciones, 1750-1850. Madrid: Fundación Carolina Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales y Centro de Estudios Políticos y Constitucionales de Madrid, 2009, p. 853.

⁹⁶ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 424.

Quedé muy complacida con mi visita á la Convención, y me retiré con el deseo de que pronto tuviera el país un gobierno regular cimentado sobre bases más firmes y más fecundo en resultados prácticos que hasta el presente.

A mi juicio, Chile ha dado grandes pasos en el camino del progreso; creo, sin embargo, que los hombres, como todas las cosas, aparecen cuando se les necesita. Hay aquí elementos para la formación de un Estado; pero, antes de tenerse lo que constituye esencialmente un Estado, es necesario formar hombres.

‘Men, high-minded men,

Men who their duties know:

But know their rights, and knowing dare maintain’

Desde la revolución los impulsa un amargo sentimiento de rencor contra la pasada tiranía de la metrópoli, pero sus ideas siguen siendo aún esencialmente españolas, y la formación y desarrollo del carácter nacional chileno serán la obra de la educación y del tiempo.⁹⁷

Nessa passagem, Graham associa a formação do Estado, dos homens públicos e da Nação. A Nação aparece como um projeto político a ser realizado. Além disso, a autora considera que o “*carácter nacional chileno*” é algo a ser formado e desenvolvido, dado que suas ideias permanecem sendo essencialmente espanholas. Assim, a autora não pressupõe um caráter nacional que antecederia a Independência. A criação de Estados na América após as guerras de independência esteve associada, sobretudo, a demandas por autonomia e ressentimentos acerca da dominação imperial, não tendo por base reivindicações acerca de diferenças identitárias étnico-culturais essenciais. Portanto, a identidade nacional, para além da questão da formação do Estado, é entendida como algo a ser construído.

Ademais, a questão do homem público tem grande relevância em seu Diário. Os homens de letras chilenos, que deveriam ocupar os cargos públicos são, de forma geral, criticados pela autora. Em primeiro lugar, Graham apresenta a composição dos legisladores chilenos: “*Aquí donde tan pocos han recibido una educación aparente para servir de legisladores, los abogados y el clero tienen que actuar en una proporción desmedida respecto de los demás.*”⁹⁸

Em segundo lugar, Graham critica esses legisladores e homens de letras diretamente. Após conhecer um antigo Diretor Supremo do Chile, Francisco de la Lastra, ela conclui que lhe faltam as qualidades necessárias a um homem público,

⁹⁷ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 281.

⁹⁸ Ibid., p. 192.

apesar do polimento de suas maneiras, especialmente ao compará-lo ao homem público europeu.

Luego llegó el ex Director. Parece hombre llano y sensible, de modales sencillos pero corteses; y no tardé en descubrir en su conversación cierto pulimiento, que debe haber adquirido de los libros, y un vigor de expresión, debido quizás á las circunstancias de una vida activa puesta al servicio de la pasada revolución. Sin embargo, me inclino á creerlo algo tardo y apocado, y falto quizás de esa prontitud y presencia de ánimo para hacer frente á las situaciones extraordinarias que son absolutamente necesarias para un hombre público en los actuales tiempos.

Su gabinete de trabajo es muy pequeño y haría sonreír á un estadista inglés ó francés habituado á trabajar en medio de toda clase de comodidades; [...]⁹⁹

Por fim, a crítica ao homens público chileno se torna ainda mais forte. Este, além de não possuir as qualidades necessárias para ocupar os cargos de Estado, é entendido como “*aventurero*”, cuja participação política se resume a defender seus interesses pessoais.

Pero ni poseen la altura de miras necesaria para dirigir á los hombres y tener influencia en los consejos, ni tino para dejarse guiar por otros. En una palabra, sólo puedo considerarlos como aventureros que han tenido por único objetivo acumular fortuna en estas ricas provincias, sin tener ni la filantropía ni las caballerosas miras que han acompañado á las esperanzas de ventajas personales en la mente de muchos de sus compañeros de labor en la gran lucha por la independencia. Es natural que el despecho sea consiguiente á los que han tenido miras tan limitadas.¹⁰⁰

Além disso, os viajantes fazem considerações sobre aspectos variados da construção do Estado-Nação e da sua dissolução. Para Maria Graham são de especial interesse as discussões constitucionais. A definição constitucional de quem é o sujeito nacional é transcrita pela autora e se aproxima do conceito de Nação associado ao Estado e à cidadania baseada no conceito de *vecindario*.

El capítulo segundo de la primera sección establece que pueden llamarse chilenos: 1.º, los nacidos en el país; 2.º, los nacidos de padres chilenos fuera del país; 3.º, los extranjeros casados con nacionales, después de tres años de residencia; 4.º, los

⁹⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 272-273.

¹⁰⁰ Ibid., p. 181.

extranjeros que inviertan en Chile un capital que no baje de 2.000 pesos y tengan cinco años de residencia. Todos los chilenos son iguales ante la ley, tienen opción á todos los empleos y deben contribuir al sostenimiento del Estado.¹⁰¹

A partir dessa definição, podemos perceber que a cidadania implica em movimentos de inclusão e exclusão baseados em hierarquias. As múltiplas etnicidades que precedem a construção do Estado-Nação e a questão racial não são mencionadas nesse trecho, que destaca um modelo de nacionalismo cívico ao mesmo tempo que cria exclusões em termos de cidadania. Veremos mais adiante como a questão da raça e das capacidades de assimilação do Estado estão presentes no relato de Maria Graham.

A consolidação da Nação aparece somente como perspectiva futura, mesmo longínqua, no Diário de Maria Graham. Na passagem seguinte, Graham comenta que será necessário muito tempo até que as Nações sul-americanas se consolidem, visto que suas formas de governos serão instáveis por muitos anos. Nesse sentido, novamente a Nação aparece associada à configuração do Estado.

Pasará largo tiempo quizá antes que estas naciones se arreglen y consoliden; sus formas de gobierno fluctuarán muchos años, y correrá todavía mucha sangre por la causa de la libertad, pues, ¡ay! ¿qué bien hay en la tierra que no sea comprado al precio de algún mal? Pero el cetro de hierro de la metrópoli no volverá á imperar sobre estos países.¹⁰²

Além disso, é possível encontrar algumas menções no Diário de Maria Graham àquilo que a autora considera ser o caráter nacional chileno, ainda que ela considere que seja demasiado prematuro para se julgar. As qualidades que ela observa no presente servirão para a formação de identidade nacional no futuro – “*una nación que será algo*”.

Pero sería todavía muy prematuro un juicio sobre estas cosas. Tales como son, me inclino á tener una alta idea del carácter y disposición de los chilenos. Son francos, alegres, dóciles y valientes, y con seguridad estas cualidades les servirán para formar un hermoso pueblo, una nación que será algo.¹⁰³

¹⁰¹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p., p. 361.

¹⁰² Ibid., p. 401.

¹⁰³ Ibid., p. 181.

A principal conclusão dos dois autores, no entanto, é de que a construção do Estado-Nação era, naquele momento, extremamente frágil. Maria Graham, ao final do Diário escreve em um posfácio comentando a Guerra Civil no Chile, que começara a observar em seus últimos dias no país, e seus efeitos sobre a construção do Estado-Nação.

No ano de 1822, O'Higgins havia convocado uma Convenção para elaborar uma Constituição. A proposta discutida não definia uma forma de governo, mas buscava estabelecer um governo executivo forte e reelegível. A elite de Santiago, por sua vez, sentindo-se ameaçada por O'Higgins decidiu retirá-lo do cargo. O Conselho da Cidade de Santiago, em fins de 1822, pediu a sua renúncia e convidou o General Ramón Freire, baseado em Concepción, para entrar na capital e assumir o cargo de Diretor Supremo. A guerra civil que resulta foi narrada por Maria Graham em seu Diário do Chile, considerando que esteve no país durante o período. No posfácio, a autora comenta os resultados e efeitos da guerra, que não chegou a testemunhar, tendo deixado o Chile em Janeiro de 1823.

Em seus comentários, Graham considera que a Guerra Civil representa um obstáculo ao progresso da civilização do país. As forças provinciais que entram em conflito com o governo de Bernardo O'Higgins, entendido como soberano, são apresentadas como princípios destrutivos da indivisibilidade da Nação. O provincialismo, portanto, é associado por Graham ao interesse pessoal, que representa uma ameaça para a Independência e para a unidade e progresso da Nação enquanto Estado. Maria Graham lamenta: *“Es muy lamentable que el mal proceder de los ministros encienda la guerra civil, la peor de las plagas, y retarde el progreso de la nación, objeto de tantos esfuerzos y sacrificios.”*¹⁰⁴

Em seguida, a autora reproduz um memorial dirigido à nova Convenção formada após a derrubada de O'Higgins, firmado por Agustín de Eyzaguirre, José Miguel Infante, Fernando Errázuriz e Mariano de Egaña. Nesse documento é predominante a ideia de que, após a Guerra Civil, é imprescindível reestabelecer a Nação, associada à indivisibilidade da República e do Estado. Argumentam os autores: *“Vosotros vais, señores, á restablecer la Nación, que, desgracias que no*

¹⁰⁴ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 402.

era fácil prever, amagan reducir á la nada.”¹⁰⁵ Nesse sentido, a argumentação implica que a guerra civil havia colocado a Nação sob ameaça, visto que ela estava estreitamente relacionada à consolidação do Estado. A questão da soberania e da representação nacional é abordada algumas páginas adiante. No discurso, opõe-se a vontade particular à vontade nacional soberana: *“Los pueblos amenazan con separarse ó agregarse á su arbitrio. Los ciudadanos particulares creen que usan de la soberanía que reside en el pueblo cada vez que, reuniéndose, intentan un trastorno.*”¹⁰⁶

A Guerra Civil é associada pelos autores ao ímpeto de busca pela autonomia política gerado no período das guerras de Independência, que poderia facilmente resultar no fracionamento do Estado-Nação, levando à anarquia.

Conocimos entonces que ya estaba sobre nuestras cabezas el mal temido; la separación, aunque momentánea, de diversos territorios del Estado. Para formar ese gobierno general, centro de unión de una república indivisible, avivó la Junta negociaciones con el general Freiré y sus diputados, de que dará pormenor cuenta el ministro de Estado; [...] La Junta no considera á aquellas provincias, como tampoco á Santiago, en calidad de Estados soberanos é independientes. Les mira como una fracción de la Nación, cuyos magnates y representantes, ocupando el mando para conservar el orden en la disolución del anterior gobierno, tratan ahora de restablecer la unión de la República.¹⁰⁷

John Beaumont, por sua vez, conclui que o Estado-Nação das Províncias Unidas do Prata é uma construção artificial. Beaumont faz menção a essa ideia quando apresenta o relato da visita de seu mensageiro ao assentamento em Entre Rios, que tivera que fugir da província. Durante o relato do mensageiro há uma passagem na qual aparece a ideia de que o assentamento de imigrantes, mesmo tendo sido autorizado pelo governo de Rivadavia em Buenos Aires, não é reconhecido pelas autoridades locais da província: *“In another month, however, they were stopped again with a demand to know by what authority they had come into the country at all.*”¹⁰⁸ Nesse sentido, o mensageiro afirma que as províncias

¹⁰⁵ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 438.

¹⁰⁶ Ibid., p. 443.

¹⁰⁷ Ibid., p. 441-442.

¹⁰⁸ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 164.

não reconhecem a jurisdição e a moeda de Buenos Aires: “[...] *the authorities there held themselves quite free from the jurisdiction of Buenos Ayres, and would neither recognise the bank paper nor the copper coin of the latter city* [...]”¹⁰⁹

Ao final do Diário, Beaumont apresenta de forma ainda mais explícita a ideia de que as províncias não se submetem à construção política do Estado-Nação sob a hegemonia de Buenos Aires. Essa conclusão de Beaumont tem por contexto a queda do governo de Bernardino Rivadavia. O principal objetivo de Rivadavia em seu governo (1826-1827) havia sido a tentativa de institucionalizar o Estado sob um regime unitário. As circunstâncias de sua presidência, isto é, a Guerra da Cisplatina (1825-1828), lhe deram a oportunidade de defender um regime unitário, sob o argumento de que a guerra demandava um Executivo forte.

Foi nesse contexto que John Beaumont chegou a Buenos Aires, sob o bloqueio da esquadra brasileira. Rivadavia tomou a decisão de buscar um acordo com o Império do Brasil, tendo em vista os danos econômicos prolongados causados pelo bloqueio marítimo do Rio da Prata. A crise gerada na opinião pública de Buenos Aires ao saber dessa decisão, além das revoltas provinciais contra o regime unitário, sob alegação de que Rivadavia estava infringindo a Lei Fundamental, o obrigaram a renunciar ao cargo, sendo substituído por Vicente López y Planes em 1827.

Comentando os efeitos da Guerra da Cisplatina, Beaumont conclui, portanto, que a união das províncias sob um mesmo Estado-Nação é quase nominal. Beaumont argumenta: “*The union of the provinces is, therefore, little more than nominal, except in cases where each sees its own particular interest immediately benefited by recognising it.*”¹¹⁰ As províncias teriam convivido sob uma união política apenas enquanto todas estavam submetida à Coroa Espanhola e, posteriormente, quando as Guerras de Independência teriam exigido a cooperação entre elas pela presença das forças realistas.

This war has exposed the hollowness of the union of the twenty South American provinces. In point of fact, no two of them are now either politically or morally united. Buenos Ayres, in effect, is carrying on the war with Brazil single handed; for the adjoining province of Entre Rios has contributed little more

¹⁰⁹ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 163.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 14-15.

than in suffering, and, I believe, no other province than Mendoza has sent any contingent in support of the war.

The provinces, generally, are neither bound together by the bonds of love or fear. They are in the nature of scattered settlements in the vast wilderness of South America, in which the wants of the scanty inhabitants of each are so few, and so easily supplied among themselves, that they are independent of each other. Most of the provinces consist of little more than one town in each, with a number of cattle-walks around it, leaving extensive wastes between them and other provinces, which wastes are occupied only by wild animals, or wandering Indians. During the government of the Spaniards, these detached settlements were kept in subjection by one uniform government pervading the whole of them; by one general military force, and by habitual submissiveness: during the war of independence, they were kept united by the external pressure of the Spanish armies from the opposite coasts, and the necessity of mutual co-operation and assistance. But the military government of Spain having disappeared, and the external pressure of adverse arms having ceased, the necessity of union among the provinces has disappeared also. On the contrary, a spirit of resistance to controul has arisen, and the several detached settlements have now taken their separate stands in isolated independence.

It is observed by travellers through the Rio de la Plata provinces, that the inhabitants of one province seldom have a good word to say of the people of any neighbouring province—that "mala gente" is the character they generally bestow upon one another. They all agree, however, in expressing their dislike of the Buenos Ayreans.¹¹¹

Dessa forma, Beaumont conclui que, mesmo terminada a Guerra da Cisplatina, as Províncias Unidas do Prata não alcançariam a paz. As províncias não iriam querer se submeter a Buenos Aires. A própria Banda Oriental iria preferir, argumenta o autor, a Independência sob a proteção da Inglaterra a se submeter ao Governo de Buenos Aires.

2.2 Símbolos Nacionais do Pós-Independência

Nesta seção iremos falar brevemente da percepção e menções constantes, em ambos os Diários de Viagem, sobre a construção de símbolos nacionais e sua importância no período posterior às Independências.

O Diário de Viagem de Maria Graham, por exemplo, explicita as suas preocupações com o sentimento de nacionalidade, em particular com a

¹¹¹ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 239-240.

posteridade e a memória futura acerca do processo de independência e de seus principais atores. Na introdução do seu relato, a autora ensaia um resumo da História do Chile se focando principalmente nos acontecimentos mais recentes referentes à Independência. No Prefácio da obra, Graham demonstra especial preocupação com o papel da História da Independência na futura construção da História Nacional. Considerando que diversos documentos haviam sido destruídos no período revolucionário, aumenta a importância do seu relato, uma vez que afirma estar este sustentado por algumas informações obtidas diretamente junto aos protagonistas da Independência e demais testemunhas dos eventos a ela associados.

Pocos son los informes que pueden procurarse de los seis primeros años de la revolución de Chile, sea que se les busque en los archivos de las secretarías de Estado, sea entre los papeles de los actores del drama. Durante los pocos días calamitosos que transcurrieron entre la derrota de los patriotas en Rancagua y el paso de los Andes, fueron quemados todos los papeles y documentos públicos que se halló á mano, para evitar que cayeran en poder de los españoles, que habrían perseguido á las familias que quedaron en el país, y cuyos nombres se hubiesen encontrado entre los de los patriotas. Desde entonces, hasta el año de 1817, no se encuentran ni en los archivos de gobierno documentos que rastrear, y hasta mediados de 1818, nada de lo impreso en Chile; de manera que dentro de pocos años más podría haberse perdido todo recuerdo del primer período de la revolución de este país.

Fué una gran fortuna para mí el haber conocido durante mi residencia en Chile á muchas personas que tuvieron participación en el gran acontecimiento, sea como actores, sea como espectadores, y las cuales tuvieron la amabilidad de permitirme escribir, sobre sus relaciones verbales, los puntos capitales que he detallado. Los relatos de los realistas concordaban en todos los hechos con los de los patriotas, y todos ellos con las claras y entretenidas narraciones del Supremo Director O'Higgins, cuya liberalidad y cortesía para conmigo, en este como en todos respectos, merecen mis más calurosas expresiones de reconocimiento.¹¹²

Graham dá especial atenção às figuras de Lorde Cochrane e San Martín, preocupando-se com a questão da exemplaridade. Em sua narrativa, a autora questiona a forma como San Martín estava sendo heroicizado, ao mesmo tempo que busca ressaltar o heroísmo de Cochrane. O comportamento de San Martín é apresentado como mais próximo daquele do antigo conquistador e mais distante

¹¹² GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 21-22.

daquele que deveria ser esperado de um verdadeiro herói. Este último sim, vem bem exemplificado na sua descrição do conterrâneo Cochrane. O comportamento do primeiro nas batalhas e a forma como passou a governar o Peru após a derrota dos realistas, é entendido como a pior forma de absolutismo. A passagem a seguir, mostra como a autora relativiza a heroicidade de San Martín na tomada de Callao:

A pesar de haber permanecido en la más complete inacción todo el tiempo desde que llegó á las costas del Perú, y de haberse rendido la capital á las exigencias del hambre, causada por las maniobras de la escuadra y excitada por las discusiones civiles consiguientes á las grandes calamidades privadas, éi se da la importancia y el renombre de conquistador, y á atenerse á lo que se lee en sus *Boletines Oficiales* era de creer que se había tomado la ciudad después de una porfiada lucha.¹¹³

Lorde Cochrane, por sua vez, vem sendo apresentado pela autora como a figura a ser celebrada, capaz de representar o exemplo inspirador da posteridade. Sobre ele, Graham comenta: “[...] *él hace cumplido honor á su patria sosteniendo la causa por la cual ella siempre ha abogado, y espero que en el porvenir su nombre habrá de figurar entre los de los genios tutelares de los chilenos.*”¹¹⁴

Podemos observar também a construção de outros símbolos da Nação ancorados no contexto de Independência. Esses exemplos não se relacionam a uma ideia de identidade nacional prévia às independências, mas se relacionam à própria guerra e a uma contraposição entre espanhóis peninsulares e americanos.

Tanto Maria Graham como John Beaumont mencionam em seus Diários a questão da renomeação de navios. Com as guerras de Independência, navios espanhóis eram tomados pelos americanos e então eram renomeados. Essas renomeações refletem a oposição entre espanhóis peninsulares e americanos, além de fixar as figuras entendidas como heróis da Independência, as próprias batalhas e datas comemorativas, que deveriam ocupar um papel central na História da Nação a ser construída. A identidade americana pode ser observada nos navios rebatizados de *Araucano*, *Moctezuma* e *Lautaro*. As figuras indígenas, no entanto, funcionavam mais como uma metáfora de resistência ao Império Espanhol do que como fator de identidade nacional. Em uma outra ocasião, Graham aponta que os índios deveriam passar por um processo de aculturação. Nesse sentido, o Diretor

¹¹³ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 120.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 194.

O'Higgins, argumenta ela, procurava por indígenas que pudessem servir de mediadores entre “*la raza indígena*” e o Chile. As populações indígenas aparecem, portanto, como um Outro a ser assimilado.

El Director da una recompensa por cada persona salvada en esas ocasiones, especialmente por las mujeres y niños. A los niños se les educa, y servirán más tarde de mediadores entre la raza indígena y Chile, y, para este fin se procura que no olviden su lengua nativa.¹¹⁵

Nesse ponto, ressaltamos que a Nação na América tem um conjunto de particularidades. Como apontam Don H. Doyle e Marco Pamplona¹¹⁶, a especificidade da experiência nacional americana estaria ligada ao seu caráter político e volitivo. A ideia de uma nação baseada em um único núcleo étnico ancestral não tinha lugar na América, considerando a enorme massa de populações indígenas e mestiças, além das populações de origem africana. Portanto, de forma geral, o Estado-Nação na América assume um caráter integracionista e assimilacionista, a partir da ação voluntária de submissão individual a um projeto político-institucional encaminhado pelo Estado Nacional. A delimitação da nacionalidade se deu, em um primeiro momento, pela ocupação comum por essa autoridade política de um dado espaço geográfico que, uma vez delimitado, comporia o território nacional. Este passaria a ser mais determinante para tal identidade.

Portanto, argumentam os autores, ao contrário do modelo europeu, que se baseava na percepção de um profundo passado étnico coletivo e de tradições culturais homogêneas, associando etnia e nacionalidade na construção da identidade, a nação na América se baseia na capacidade de assimilação de identidades étnicas plurais sem pretender possuir uma única ascendência étnica. Nascer no mesmo solo sim passaria a ganhar importância. No entanto, evidentemente, as nações americanas teriam que lidar com tensões étnicas no interior das fronteiras dos Estados. A capacidade de assimilação também implicou a subjugação e exclusão de minorias étnicas, levando-as à exclusão da cidadania plena. Nesse sentido, as populações indígenas e de matriz africana não

¹¹⁵ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 261.

¹¹⁶ DOYLE, Don H.; PAMPLONA, Marco A. (Orgs.). *Nacionalismo no novo mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

participaram, como a parcela branca da população, desse projeto político nacional de forma voluntária, demonstrando as falhas desse modelo de nacionalismo cívico, que a princípio não estaria baseado em características étnicas.

Como podemos ver na citação anterior de Graham, os Estados Nacionais na América apostam na capacidade de assimilação, ao mesmo tempo que lidam com tensões étnicas e hierarquias racializadas no interior de suas fronteiras.

Retomando a questão dos nomes dos navios, os outros navios renomeados que aparecem no Diário de Maria Graham indicam a preocupação com a memória da posteridade sobre os heróis fundadores e as grandes batalhas: *O'Higgins, Independencia, San Martin, Maipú, Valdivia*. O navio *Valdivia*, em especial, é objeto de comentário da autora. Segundo Graham, era a intenção original era renomear o navio capturado de nome *Esmeralda* para *Cochrane*, mas este teria preferido que o navio fosse rebatizado de *Valdivia* para comemorar a tomada da cidade. Nesse sentido, a autora reforça a figura heroica de Cochrane sob o signo da abnegação.

No Diário de John Beaumont, a questão dos nomes dos navios aparece em um excerto transcrito do jornal *Mensagero* que lista os navios que lutavam nos dois lados da Guerra da Cisplatina. De um lado, os navios brasileiros celebram as figuras reais e a questão da Independência – *Maria Teresa, Maria da Glória, Imperatriz, Independência ou Morte*. De outro lado, os navios das Províncias Unidas do Prata refletem a preocupação com datas e eventos marcantes - da Revolução de Maio e das batalhas vitoriosas – *Hijo de Mayo, Republican, Ituzaingo, Chacabuco, Sarandí*.

Além disso, é possível encontrar no Diário de John Beaumont uma preocupação também com aquilo que Anthony Smith chamou de comunidade de história e destino. Em um episódio, Beaumont relata que após uma batalha naval da Guerra da Cisplatina na qual morrera o capitão inglês Drummond, que lutava pelas Províncias Unidas, o governo de Buenos Aires havia preparado um funeral. Quando o viajante visita o funeral, ele fica incomodado com o fato de que a população da cidade não comparecera. Em especial, a centralidade do túmulo ressaltada por Smith na construção da ligação entre as gerações de uma mesma Nação é reclamada pelo autor, que se decepciona com a população de Buenos Aires. John Beaumont associava a população de Buenos Aires ao individualismo e, em seguida, reclamava da falta de união das províncias, de modo que esta

“falha” do símbolo nacional refletia, de certo modo, também uma “falha” da construção do Estado-Nação.

Due honour was done to the brave Drummond by the Government. His body was laid in state; but when I paid my mournful visit to his remains, I found myself alone; so little curiosity is felt by the inhabitants of the city in matters which do not immediately concern themselves individually.

At the end of a year from my arrival in the Rio de la Plata, almost all the provinces had disclaimed connection with Buenos Ayres; even the adhesion of its neighbour Entre Rios, had become equivocal. News arrived, from time to time, that the interior provinces were making war one upon the other. Tucuman with Santiago, Rioja with Catamarca, and that Salta and San Juan were in arms. The councils of Buenos Ayres were distracted—the treasury without a dollar—the paper credit worn out—the Government unable to pay me, had they possessed the inclination; [...]¹¹⁷

A questão da posteridade tem especial relevância na criação de um senso de comunidade. Segundo Anthony Smith¹¹⁸, a identidade nacional se constitui a partir de um sentimento de comunidade de história comum e de destino, de modo que diversas gerações de uma nação se tornam capazes de reconhecer uma dada continuidade que conecte o passado nacional à situação presente dos contemporâneos e, igualmente, ao destino comum específico daquele grupo nacional. É nesse sentido que Smith entende a identidade nacional como expressão de uma relação entre os mortos, os vivos e os que ainda estão por nascer. Esta invocação da posteridade é justamente o que garante o reconhecimento do aspecto transcendental da nação: a posteridade faz com que o não esquecimento esteja presente no indivíduo que hoje serve à nação – o soldado, por exemplo – dando-lhe a possibilidade de transcender a morte através da construção dessa memória nacional, isto é, da comunidade maior à qual sente que pertence. A crítica de Beaumont ao individualismo dos chilenos está justamente relacionada à negação da possibilidade de construção de um senso de comunidade de história e destino. Esta perspectiva da transcendência pela Nação lhes é negada

¹¹⁷ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 223.

¹¹⁸ SMITH, Anthony D. Conmemorando a los muertos, inspirando a los vivos. Mapas, recuerdos y moralejas en la recreación de las identidades nacionales, *Revista Mexicana de Sociología*, v. 60, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 1998.

no relato do viajante. A relação descrita por Anthony Smith, encarregada de vincular os mortos, os vivos e a posteridade se revelava bastante frágil.

Dessa forma, podemos perceber os símbolos associados à Nação como parte essencial das próprias estratégias de sua imaginação. Segundo Benedict Anderson¹¹⁹, é essa imaginação a responsável pela construção de dado senso de comunhão entre as pessoas que se pensam como pertencentes a uma determinada Nação. Como podemos ver, os exemplos de Graham e Beaumont refletem sobre a dimensão criativa da imaginação nacional como projeto e sobre as suas construções simbólicas, comentando sobre a falta de um senso de continuidade nacional através das gerações, e atentando para a necessidade de criação de exemplos e heróis na memória nacional para garantir a sua posteridade.

Um último importante símbolo do nacionalismo descrito por ambos os viajantes dizia respeito às celebrações da Independência. Maria Graham não pôde participar da festa do dia 18 de Setembro, aniversário da Independência do Chile, em razão de uma doença que a deixara de cama. No entanto, a autora, que estava hospedada junto à família Cotapos em Santiago, descreveu a vista de sua janela por onde passa o desfile das tropas: “*La única compensación que tengo de no poder presenciar las fiestas nacionales, es ver desfilar las tropas.*”¹²⁰ Graham, concordando com a opinião de alguém a que se refere somente como “B.”, conclui que as tropas milicianas que observa, apesar de desorganizadas, haviam sido essenciais para a vitória da Independência, auxiliando as tropas regulares.

Beaumont, por sua vez, observava as comemorações nas ruas de Buenos Aires no dia 25 de Maio. O viajante notava que eram celebrados em praça pública os nomes dos generais que se destacaram nas guerras de Independência e que havia um cortejo encabeçado pelo presidente, Bernardino Rivadavia, em direção à Catedral de Buenos Aires, acompanhado por tiros de canhões. Além disso, Beaumont sublinhava o caráter de entretenimento popular da festa. Os fogos de artifício, a encenação da guerra com o Brasil com as cores de Buenos Aires e do Império do Brasil e as bandas militares são entendidos como “*amusement to the rabble*”.

¹¹⁹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹²⁰ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 336.

On the 25th of May, was celebrated the anniversary of the Declaration of Independence, and it continued throughout the two following days, during which time all business was suspended, and the whole time was devoted to thanksgivings and rejoicings. A circle, of eighty yards diameter, was laid out in the plaza, and enclosed by a series of wooden pillars of every order, in and out of the rules of architecture, and surmounted with a cornice, upon the fascia, or frieze of which were inscribed the names of the generals who had distinguished themselves during their struggles for independence. [...] The corners of the plaza were occupied by roundabouts, and greased masts, affording amusement to the rabble. On the morning of the 25th, the President proceeded to the cathedral with his cortege, passing through lines of soldiers; the guns of the fort saluting—the vessels in the roads displaying their gayest colours, and also firing their cannon. During the second night, a sort of sham fight took place. At each end of the *recoba*, a castle was painted on some boards. On the one was hoisted the colours of Buenos Ayres; on the other, those of Brazil. From each of these, the military, clad in the same uniform, kept up a fire of musquetry at each other, and a plentiful discharge of fire-balls was interchanged. The drums beat and trumpets sounded; and at length the Buenos Ayreans advanced on the Imperialists at the *pas de charge*. The Imperialists showed fight for awhile, but nothing could withstand the fury of the Republicans, and "the magic cry of liberty." The Imperialists retreated—a mine was sprung, and several squibs went off—the boards on which the castle was painted, were thrown down—and the Buenos Ayrean officers and men rushed to the spot, and raised the colours of the Republic, amidst the *vivas* and bursts of laughter of the assembled multitude. During the contest, a number of stuffed figures were thrown over the *recoba* to represent falling combatants, and it had the effect of terrifying some females, who really thought that a serious hostility had broken out. The pyrotechnical part of this exhibition was bad enough, and the sham fight, sham indeed; but the spectators seemed highly amused, and what more was necessary?¹²¹

2.3 Nação e Progresso Civilizacional

Nessa última seção, exploraremos algumas associações importantes feitas pelos viajantes entre Nação e Civilização. Maria Graham considera em seu Diário de Viagem que a construção da Nação no Chile se dava em um contexto de atraso. Após observar as festividades do Dia de São Pedro, a autora fazia considerações acerca da possibilidade de associar os sentimentos religiosos da população, demonstrados publicamente, à ideia de Nação. Para Graham, se a população

¹²¹ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 214-215.

chilena, caracterizada pela superstição, ainda não era capaz de atingir os sentimentos do patriotismo pela via da “*ilustrada política de los tiempos actuales*”, deveria associar ao governo os sentimentos religiosos já existentes para criar um sentimento popular ligado à nacionalidade e à ideia de pátria. Ou seja, para dar a esta última uma dimensão de sagrado também. Para tanto, se coloca no lugar de um legislador e sugere, sem reservas, transformar a festa religiosa em festa nacional e política.

Puede objetarse que ingertar de esta manera los sagrados sentimientos del patriotismo en el tronco de la superstición sólo aprovecha á esta última, y que la ilustrada política de los tiempos actuales debe sobreponerse al espíritu de contemporización que semejante unión exige. Pero si las poblaciones tienen actualmente la ilustración suficiente para ser insensibles á la ostentación, á los entretenimientos y á las manifestaciones externas, ¿no sería cuerdo utilizar esas ostentaciones y manifestaciones para ligarlas á los sentimientos patrióticos?

Chile es un país tan esencialmente marítimo, limitado como se halla su territorio por los Andes, de los países orientales y por el desierto de Atacama de los países del Norte, que si yo fuera legislador dirigiría toda mi atención y todo mi interés hacia el mar. Haría del día de San Pedro una festividad nacional esencialmente marítima; distribuiría premios á los pescadores y á los lancheros; acordaría recompensas honoríficas á los oficiales, recibiría y solucionaría todas las peticiones y representaciones que tuvieran atingencia con el mar; en una palabra, haría sentir en ese día que la protección del gobierno se daba la mano con la de la religión para amparar á la más útil y, por consiguiente, á la más favorecida clase de los ciudadanos chilenos.¹²²

A autora apresenta essa associação entre a religião e política e a tentativa de construção de um sentimento nacional também em outra ocasião, quando sob forma de crítica, reconta uma anedota que havia escutado:

En cierta ocasión se colocó una imagen de la Virgen en un sitio espectable y se le presentó la bandera de los patriotas: la imagen movió la cabeza. Presentósele después la bandera española, y al instante los brazos de la imagen la estrecharon. Naturalmente, la multitud acató tal homenaje.¹²³

Essa anedota, que aparece em uma nota de rodapé, é utilizada por Maria Graham para exemplificar a sua opinião de que, durante o período das

¹²² GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 208-209.

¹²³ Ibid., p. 113.

independências, o papel dos sacerdotes havia se misturado com questões políticas e militares indevidamente. Comenta a autora:

Las atrocidades que ambos bandos cometían afrentaban á la humanidad, y no era de las menos odiosas señales del tiempo la manera escandalosa con que los sacerdotes prostituían la religión cristiana ante las conveniencias bélicas y políticas; [...]¹²⁴

Há ainda uma outra cena descrita pelos dois autores que evidencia a associação entre o aspecto transcendental da religião e da Nação. Tanto Graham, como Beaumont descrevem igrejas repletas de bandeiras. Em Buenos Aires, Beaumont visita a Catedral e relata que ela estava repleta de bandeiras conquistadas na Guerra da Cisplatina contra o Brasil.

The cathedral, situated in the plaza is the largest of their places of devotion; within, it is decorated with some large scriptural paintings, and a handsome altar-piece. A few banners are suspended from the columns forming the aisles, among them are those which were taken from the Brazilians during the present war. On the 25th of May (the anniversary of their independence), the president proceeds, attended by his cortege and a military escort, to return thanks. This ceremony is conducted with more magnificence than any other which I saw during my ten months' stay at Buenos Ayres.¹²⁵

Maria Graham descreve, ainda, que bandeiras foram levadas a igrejas justamente com o propósito de serem consagradas: “*El 2 de Octubre, aniversario de la infortunada derrota de Rancagua, se mandaron las banderas al altar de N. S. del Carmen, protectora de las armas de Chile, á quien se las consagraron.*”¹²⁶

Além disso, as narrativas dos Diários de Viagem associam Nação e progresso, segundo a ideia de atraso. A ideia de Nação, nesse sentido, está associada ao conceito de Civilização. John Beaumont, comentando os efeitos da Guerra da Cisplatina, considera que: “*The war for the Banda Oriental, however,*

¹²⁴ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 113.

¹²⁵ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 77.

¹²⁶ GRAHAM, op. cit., p. 123.

*which has been waged with Brazil during the last two or three years, has arrested the march of prosperity and civilization throughout the whole of the provinces.”*¹²⁷

Maria Graham, por sua vez, também faz a associação entre Nação e Civilização. A autora descreve a Nação chilena como incipiente e não adaptada à Constituição que se estava debatendo, que corresponderia a uma Civilização superior:

Tengo bastante experiencia para no sentirme recelosa de las constituciones que se hacen á la carrera y especialmente de ver súbitamente aplicada á una nación incipiente como ésta una constitución adecuada á los hábitos de otros pueblos de una civilización superior.¹²⁸

Nesse sentido, a autora contrapunha duas imagens de política. Por um lado, a política norte-europeia, como paradigma da Civilização, vinha associada à prudência, racionalização, comedimento, autocontrole e ao liberalismo. Por outro lado, a política sul-americana corresponderia ao *pathos*, ao autoritarismo e via-se dominada pelo interesse pessoal de conquistadores, aventureiros e oportunistas. A figura que melhor encarnava a imagem da política europeia era a de Lorde Cochrane, contraposta, principalmente, à figura de San Martín, que representava a imagem da política associada ao *pathos*. É segundo esse esquema que ao final do Diário Maria Graham ponderou sobre as motivações do General Freire, associando Nação e Civilização, como poderemos ver no trecho a seguir. Reforçava, assim, que nas Nações mais adiantadas a cultura permitia aos indivíduos exercer controle sobre as manifestações externas de seus sentimentos individuais, de modo que o *pathos* ficava restrito ao âmbito privado ou ao círculo familiar.

Provocaciones menores que éstas han armado en otros tiempos naciones contra naciones, y en un país semi-civilizado como éste los sentimientos privados tienen más parte en la suma total de las causas de las guerras civiles que en naciones más adelantadas, en que la cultura hace asemejarse tanto á los hombres unos á otros y les da tanto dominio sobre las manifestaciones externas de sus sentimientos que las emociones individuales rara vez tienen influencia fuera del círculo de la

¹²⁷ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 240.

¹²⁸ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 191.

familia.¹²⁹

A questão das paixões na política aparecia, ainda, numa outra instância no Diário de Viagem da autora. Comentando as prisões e fuzilamentos do período da guerra de Independência, Graham considerava que haviam sido empregados métodos muito cruéis, que representavam uma falsa política e uma verdadeira vergonha para Nação e para o século XIX. A autora argumenta que empregavam-se:

[...] los recursos de la más injustificable crueldad y de la más falsa política.

Por lo que hace á la causa de la salvación de Benavente y á los detalles de la muerte de don José Miguel, me refiero á la publicación de Mr. Yates que figura en el Apéndice; las gacetas en que se anunciaron al publico estos sucesos respiran tanta ferocidad, tanto espíritu de venganza, que son una vergüenza para los jefes de la Nación y para la época.¹³⁰

Um pouco mais adiante Graham seguia com essa oposição, criticando a forma com que o governo havia lidado com os restos mortais de Vicente Benavides, militar realista executado. Em seu discurso, a autora coloca de um lado “*un gobierno justo del siglo XIX*” e do outro “*la venganza de salvajes*”: “[...] *tales fueron las indignidades que se hicieron con sus restos que más parecen obra de la venganza de salvajes que castigo impuesto por un gobierno justo del siglo XIX.*”¹³¹

Em oposição a esses exemplos estava Cochrane, é descrito pela autora, como argumentamos anteriormente, como símbolo máximo da política civilizada europeia. Na passagem seguinte, a autora transcreve parte de um discurso proferido por Lorde Cochrane por ocasião de uma visita a Guayaquil. Ele, inglês, é apresentado como paradigma da Civilização, aquele que “*dedicó todo su empeño á ilustrar á los pueblos que protegía y á enseñarles los principios de una libertad racional.*”¹³² No discurso, Cochrane impunha a ideia de um passado ligado ao atraso por conta das ações da metrópole no sentido de garantir o monopólio comercial e à perspectiva de um futuro melhor sob o paradigma liberal.

¹²⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 402.

¹³⁰ Ibid., p. 136.

¹³¹ Ibid., p. 140.

¹³² Ibid., p. 144.

‘Recordad las ideas que hasta hace poco tiempo se acataban respecto al comercio y á los manufactureros, y comparadlos con las justas y liberales nociones que ahora tenéis sobre esas materias. Acostumbrados como estabais á las estrechas miras del monopolio español, ¿no creíais una verdadera defraudación para Guayaquil el que su comercio no estuviese limitado á su propios comerciantes? ¿No se les impedía á todos los extranjeros, por medio de leyes prohibitivas, la atención de sus negocios ó intereses particulares, como si sólo hubiesen venido aquí para vuestro exclusivo provecho? Y teníais oficiales, marineros y buques para vuestro comercio, excluyendo á los de las demás naciones.

‘Ahora os dais cuenta de la verdad y tenéis un gobierno ilustrado, dispuesto, no sólo á seguir á la opinión pública en la promoción de vuestra riqueza, de vuestra felicidad y de vuestra fuerza, sino para apoyaría con el glorioso privilegio de esparcir por medio de la prensa las justas opiniones de grandes y sabios hombres sobre los asuntos políticos, sin temor á la Inquisición, al látigo ó al garrote.’

Sigue lord Cochrane ponderando los grandes beneficios del comercio libre, comparados con las desventajas del monopolio, que hace á la comunidad tributaria de unos cuantos privilegiados, y después de trazar con gran amplitud de miras el brillante porvenir que le espera á un pueblo de ideas liberales que abre sus puertas al comercio y al capital extranjero y cuyos destinos están regidos por un gobierno ilustrado y guiados por una prensa independiente, [...]¹³³

Nesse ponto, nota-se que a autora apresenta uma perspectiva que associa a consolidação da Nação não somente à ideia de Civilização e Progresso, mas também à expansão do liberalismo econômico. É nesse sentido que Graham critica fortemente um novo regulamento de comércio que estava sendo discutido à época de sua estadia no Chile, que pretendia aumentar os impostos sobre os produtos importados. Essa medida, considerava Graham, “*retardará la civilización del país*”¹³⁴, de modo que a autora sugere que se siga o exemplo europeu. A possibilidade do regulamento ser aprovado, taxando, portanto, grande parte dos produtos ingleses que chegavam ao Chile levava Graham a se perguntar ainda: “*¿Son las naciones como los individuos, que nunca sacan provecho de la experiencia ajena? ¿Debe tener cada país su siglo de ignorancia y de tinieblas?*”¹³⁵ O regulamento era entendido pela autora como inadequado, especialmente porque se tratava de uma Nação incipiente, cuja população era

¹³³ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 143.

¹³⁴ Ibid., p. 343.

¹³⁵ Ibid., p. 344.

composta em metade por “*salvajes*”.

Esto, para una nación que se halla todavía en su infancia, con un millón apenas de habitantes y de éstos la mitad salvajes, y produce metal suficiente para comprar las manufacturas del mundo, es quizás la más exquisita muestra de perversión de principios y de su falsa aplicación que puede concebirse. Los discursos de Mentor en el Telémaco serían igualmente aplicables á este caso.

Durante largo tiempo Chile no dispondrá de gente para manufacturar artículos no absolutamente necesarios; necesita brazos para cultivar la tierra, para trabajar las minas, para tripular los buques, que debe poseer si quiere poseerlo todo. Su producción en bruto, su principal comercio consiste en oro, ó en el no menos importante cobre; y da grima ver que reglamentos buenos para un adelantado país europeo en que la mezquina tierra no produce lo suficiente para las necesidades del comercio y en que todo exige el trabajo y la industria del hombre y el oro y la plata deban ser elaborados por sus manos, se adopten aquí, donde todas las circunstancias son diametralmente opuestas á las de Europa.¹³⁶

Em suma, podemos ver que os autores constroem representações sobre a ideia de Nação nas Províncias Unidas do Prata e no Chile utilizando muitas vezes as ideias de atraso e progresso civilizacional, que podem ser exemplificadas através das associações feitas pelos viajantes entre Nação e Religião, ou Nação e Comércio, segundo o paradigma liberal.

¹³⁶ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. Madrid: Editorial America, 1964, p. 360.

Capítulo 3 – A Construção do Outro

3.1 Observando e sendo observado

Nesse capítulo, analisamos as diferentes representações e construções do Outro nos Diários de Viagem sob aspectos culturais, religiosos e sociais. Para tal, partimos da perspectiva de Margarita Pierini¹³⁷, que discute as condições de observação e produção do discurso dos viajantes europeus na América em seus Diários de Viagem. A autora ressalta, como vimos no Capítulo 1, que a escrita dos diários é determinada por um conjunto de expectativas, seja do próprio viajante, seja do seu público leitor. Nesse capítulo, trabalhamos com a hipótese de que a construção do Outro nos Diários de Viagem revela ao mesmo tempo o reforço da identidade britânica. É a partir dessa identidade que as afirmações e descrições sobre o Outro são feitas.

Para dar alguns exemplos desse encontro entre o viajante e o Outro na escrita dos Diários, selecionamos algumas passagens que vêm ao encontro da perspectiva de Pierini. Os trechos a seguir apresentam aproximações com o público inglês feitas por Maria Graham que revelam ao mesmo tempo o reforço da identidade britânica como paradigma de civilização.

Todo está aquí tan atrasado con respecto á las conveniencias y mejoras de la vida civilizada, que si no recordásemos el estado de los high-lands de Escocia hace setenta años, sería de no creer que este país haya estado por más de tres siglos en poder de un pueblo tan culto y tan brillante como era el pueblo español en el siglo XVI, cuando tomó por primera vez posesión de Chile.¹³⁸

Las haciendas ganaderas, parecidas á las tierras forestales de Inglaterra, son mucho más pintorescas que las otras, pero al mismo tiempo más incultas y con menos apariencias de civilización.¹³⁹

“Inglaterra, con todas tus faltas, siempre te quiero”, decía Cowper en su casa, y lord Byron en Calais. Por mi parte, creo que si cualquiera de ellos hubiera estado en Valparaíso, habría olvidado que hubiera faltas en Inglaterra.¹⁴⁰

¹³⁷ PIERINI, Margarita. “La mirada y el discurso: la literatura de viajes”. In: *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Unicamp, vol. 2, 1994.

¹³⁸ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O’Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 167.

¹³⁹ Ibid., p. 285.

¹⁴⁰ Ibid., p. 177.

Dessa forma, em se tratar do problema da alteridade nos Diários de Viagem analisados, nos aproximamos da perspectiva de Edward Said no que diz respeito ao processo de construção da identidade através de contrapontos. Para o autor:

Num sentido importante, estamos lidando com a formação de identidades culturais entendidas não como essencializações (embora sejam atraentes, em parte, porque parecem e são consideradas essencializações), mas como conjuntos contrapontuais, pois a questão é que nenhuma identidade pode existir por si só, sem um leque de opostos, oposições e negativas: os gregos requerem os bárbaros, e os europeus requerem os africanos, os orientais etc.¹⁴¹

As abordagens dos dois autores que analisamos no que se refere à Construção do Outro são distintas entre si. No Diário de John Beaumont, a alteridade é construída a partir de tipos essenciais (o *gaucho*, o *criollo*, o índio, o escravo). No início do seu Diário, após fazer esboços do clima, da fauna, da flora, entre outros, o autor faz esboços desses tipos sociais com os quais um viajante potencial poderia se encontrar. Dessa forma, os personagens e grupos sociais são descritos antes da narrativa, de modo que as interações que Beaumont relata no decorrer do relato funcionam como exemplos desses tipos. As descrições, portanto, não partem de uma relação entre observação e conclusão, mas são antes descrições estáticas – o clima é assim, a fauna é assim, o *gaucho* é assim. Nesse sentido, o procedimento de observação de Beaumont obedece a uma lógica de expectativa e confirmação através de suas interações, segundo uma visão pré-orientada.

Um exemplo dessa descrição estática no Diário de Beaumont é a sua descrição dos índios, de forma geral. Sem relatar qualquer encontro, o autor se baseia na obra de Felix de Azara para construir uma imagem do índio americano, dando especial atenção aos seus caracteres físicos sob uma perspectiva racial.

The aboriginal inhabitants of this part of South America have the distinctive marks which are common to all the Indians of America, both north and south. The copper complexion, the want of beards, the long black hair, the head and body large in proportion to the lower extremities, the eyes far asunder and small, the high cheek bone, nose somewhat flat, and phlegmatic countenance. As a separate race they are evidently disappearing from the face of the country; multitudes of them were induced to settle in towns under the Spaniards, soon after

¹⁴¹ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 103.

the first settlements were formed in the country, as has been noticed in the historical sketch; and subsequently in communities under the Jesuits. The descendants of these civilized Indians continue partly in their original towns, and partly dispersed over the country, with all the marked and distinctive physiognomy of their race; and they appear to be the most orderly and industrious inhabitants of the country.¹⁴²

Além disso, Beaumont demonstra a lógica de visão orientada pela expectativa ao relatar uma anedota de viagem. O autor relata no trecho seguinte que seu companheiro de viagem ainda não teria encontrado a “*natural cunning*” pela qual os sul-americanos eram famosos.

My companion had been sometime observing, that he had not seen any of that natural cunning so frequently met with among the peasantry every where, and for which he had heard that the South Americans were famed; but he soon had his judgment improved.¹⁴³

A essa consideração se segue a seguinte anedota: Beaumont e um companheiro de viagem, também inglês, teriam encontrado um *criollo* que era comerciante itinerante de bebidas alcóolicas acompanhado por seu filho e ajudante. O comerciante ofereceu sua bebida, sem cobrar nada, a todos que estavam no estabelecimento. O companheiro de Beaumont não gostou da ideia de aceitar gratuitamente a mercadoria com a qual o comerciante conseguia seu sustento – portanto, ofereceu a quantia de dois reais pela bebida. O comerciante respondeu que não queria receber pagamento por algo que havia oferecido de graça, mas que aceitaria os dois reais se o inglês fizesse questão. Isso foi feito, e o inglês recebeu um copo cujo conteúdo, segundo ele, deveria valer pouco menos que um real. Percebendo que o ajudante do comerciante ainda não havia provado a bebida que fora oferecida aos demais, o inglês ofereceu um gole a ele. O ajudante bebeu todo o conteúdo do copo, de modo que o inglês sentiu que havia sido subtraído de seus dois reais, sem sequer ter provado a bebida.

A anedota é apresentada por Beaumont como exemplo que confirma a sua expectativa prévia. O relato, portanto, funciona como exemplo de caráter ilustrativo. Um encontro que confirma suas expectativas é representativo o

¹⁴² BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 51.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 145.

suficiente para que o autor chegue à seguinte conclusão sobre a natureza dos habitantes da Região do Prata:

But this little anecdote is strongly illustrative of the manners of the country; the people are really liberal according to their means, they act upon the feeling of the moment, and when want or distress implore relief, they freely grant it; if, in lighter matters, a traveller whom they have no expectation of seeing again, require a meal, or meals, or a handful of segars, they give them without hesitation, or a thought of payment; knowing that if they in a similar manner stood in need of assistance, it would be yielded to themselves. But once leave this barter of gratuitous civilities, and reduce your transactions to commercial bargains, and there is an end of their liberality. Their nature then seems to undergo an entire change, they appear to consider themselves called upon to play a game, in which he who can most effectually deceive and over-reach his antagonist, is to be admired as the most expert player.¹⁴⁴

É segundo esse esquema que Beaumont analisa o “caráter” dos sul-americanos, isto é, sob uma perspectiva em que qualquer instância confirma a expectativa, na medida em que são representativas. O autor resume esse esquema a partir da frase “*Ex uno disce omnes*”, ou, “A partir de um se conhece a todos”. Relata Beaumont:

[...] the postmaster had promised to let us have the horses at day-break without fail, mañana por la mañana; but when we awoke, we were far from surprised to learn, that the horses had strayed during the night, and the boy had gone in search of them:—*Ex uno disce omnes*. This discrepancy, between the word and the deed, we invariably found to be the 'character of the South American postmasters, and too many of the rest of their countrymen.¹⁴⁵

Maria Graham, em geral, apresenta uma perspectiva diversa ao representar a alteridade. Em seu tratamento do Outro, é possível perceber uma lógica inversa. Ainda que a autora também apresente expectativas no texto e que seu olhar seja também orientado por suas próprias concepções, as suas conclusões sobre o Outro são apresentadas, predominantemente, como resultado de suas observações. Quando a autora enuncia alguma caracterização dos chilenos, esta frequentemente resulta de uma menção à sua observação, como no seguinte exemplo: “A juzgar

¹⁴⁴ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 146-147.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 198.

por lo que hoy he visto, podría decir que los chilenos comen mucho, especialmente dulces, pero son muy parcos en la bebida.”¹⁴⁶

Além disso, as descrições de Maria Graham frequentemente levam em consideração a dimensão histórica da cultura e apresentam certo interesse etnográfico nas observações. Como veremos mais adiante, a autora busca, em certos casos, apresentar os costumes e as crenças como resultado de processos históricos de assimilação e trocas culturais. Nesse sentido, suas descrições não são estáticas, na medida em que tematizam a mudança de costumes e hábitos ao longo do tempo. Vejamos o exemplo seguinte.

Ao indagar uma família que visitava sobre a crença popular em bruxas. Graham relata que uma mulher se benzeu e beijou o escapulário e recontou a ela histórias de santos e de milagres realizados contra hereges. Em seguida, a autora faz considerações sobre as raízes culturais da crença, que considera como supersticiosa. Graham se indaga se a crença seria resultado de misturas entre a tradição espanhola e influências indígenas e chilenas e conclui, em um movimento aproximativo, que: *“las brujas se dedican aquí á hacer las mismas cosas que en Europa”*¹⁴⁷.

No relato, é possível perceber o interesse da autora pelo aspecto híbrido da cultura – a crença era resultado de tocas culturais que ela mesma não tinha capacidade para compreender. Graham interpreta:

La gente es aquí tan española en sus costumbres, que sería difícil para una persona determinar qué parte de sus supersticiones, hábitos é inclinaciones se derivan de los aborígenes chilenos, y mucho más difícil lo es para mí que no he estado nunca en España; de modo que donde las costumbres se diferencian de las de los campesinos de Italia, quedo ignorando igualmente si la diferencia procede de los antecesores hispano-moriscos ó de los chilenos. Las supersticiones y la cocina de hoy día son decididamente españolas, á pesar de que algunos de los materiales de ambos son de origen netamente americanos; no es mal tipo, me parece, para caracterizar á la nación.¹⁴⁸

A partir dessa história, Graham faz uma projeção para o âmbito nacional. Aqui, a autora está interessada pelo aspecto cultural da nação. O exemplo das

¹⁴⁶ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 251.

¹⁴⁷ Ibid., p. 206.

¹⁴⁸ Ibid., p. 207.

superstições que investigara, portanto, lhe são úteis para caracterizar a cultura chilena, enquanto produto de trocas entre matizes espanhóis e americanos.

Com relação à sua posição de observação, há momentos em que a autora representa o Outro demarcando a sua posição de observadora distanciada, mas há ainda outros momentos em que Graham se representa em uma relação de observação participante. Ao observar a procissão de Corpus Christi em Valparaíso, Graham demarca na narrativa que “*para no vernos envueltos en ella*”, era necessário “*buscar un sitio desde donde observarla á la distancia*”. Relata a autora:

La procesión estaba ya formada, y entonces, para no vernos envueltos en ella, salimos apresuradamente de la iglesia y fuimos á buscar un sitio desde donde observarla á la distancia. Cuando vi aparecer la diminuta procesión, porque era bien poco numerosa, á pesar de formarla todos los dignatarios municipales y militares que pudieron reunirse, no pude dejar de recordar el espléndido espectáculo que presencié tres años ha en el día de Corpus Dominio en Roma, y de pensar cómo, en ambos casos, las formas del culto hacen desmerecer la idea del poder de la divinidad, y cuánta distancia hay de esto á la fe que adora á Dios en espíritu y en verdad.¹⁴⁹

A partir dessa posição distanciada, portanto, Graham observa a procissão comparando-a com suas experiências prévias em Roma e conclui que essa forma de manifestação religiosa não corresponde à forma de adorar a Deus “*en espíritu y en verdad*”, implicitamente associada à sua própria perspectiva religiosa protestante. Nesse sentido, a posição de superioridade do observador, com quem se identifica culturalmente o leitor, é confirmada.

No entanto, é possível encontrar no texto algumas instâncias em que essa posição é matizada. Ao observar outra procissão em Valparaíso partindo da Igreja de la Merced, Graham se vê envolvida nas orações, até que é interrompida e afirma que “*sentí que renacían todos mis prejuicios de protestante*”. Dessa forma, a autora coloca em questão a sua própria posição de observadora.

No puedo ni quiero pensar en mezclar mis oraciones á las de otro culto; pero la verdad es que jamás he orado con más fervor que ahora. Pero cuando de pronto me vi obligada á interrumpir mis oraciones para seguir la procesión, sentí que renacían todos

¹⁴⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 193-194.

mis prejuicios de protestante.¹⁵⁰

Em um outro caso, analisado por Mary Louise Pratt, Maria Graham se coloca na posição de observadora participante. Tendo ido visitar um local de manufatura de produtos de cerâmica em Rinconada, Graham se depara primeiro com a diferença entre suas expectativas quanto à produção:

En vano miré á mi alrededor tratando de descubrir alguna construcción bastante grande que sirviera de fábrica ó bien que contuviera los hornos necesarios para cocer loza; con todo, pasé por delante de varias chozas en cuyas puertas había en venta fuentes y cántaros, por lo que deduje que serían las viviendas de los trabajadores de clase inferior. Sin embargo, adelantándome un poco más lejos, me convencí que no había esperanzas de encontrar ninguna manufactura regular, nada de división del trabajo ni de maquinaria, ni siquiera la rueda del alfarero; nada, en fin, de los auxilios de la industria que me parecían casi indispensables para un trabajo tan artificial como la preparación de la loza de barro.¹⁵¹

Após ver suas expectativas frustradas, Graham se coloca na posição de observadora participante. Como aponta Pratt, Maria Graham estabelece nesse relato um contraponto aos “[...] *objectivist ways of knowing based on a static relation between seer and seen.*”¹⁵² Nesse sentido, Mary Pratt afirma que: “*In contrast with the seeing-man or the statistical observer, Graham here quite self-consciously presents herself acquiring knowledge in participatory fashion, and from an infantile rather than a patriarchal position.*”¹⁵³ Esse relato, portanto, revela uma instância em que a posição de superioridade cultural é posta de lado em favor de uma descrição segundo um interesse etnográfico. Relata Graham:

A la puerta de uno de los ranchos más pobres, hecho únicamente de ramas y cubierto con totora, y que tenía un cuero á guisa de puerta, estaba sentada una familia de loceros. Trabajaban sentados en unos cueros de carnero, extendidos bajo la sombra de una pequeña enramada verde. Delante tenían una masa de arcilla recién compuesta, y cada cual, según sus años y su capacidad, iba hacienda cántaros, platos y fuentes. Sólo las mujeres hacen estos trabajos pequeños, y, según me parece, ningún hombre consentiría en hacerlos; ellos hacen las grandes tinajas de Melipilla para el vino, etc.

¹⁵⁰ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 216.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 184.

¹⁵² PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 159-160.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 160.

Como el medio más corto para aprender algo es mezclarse desde luego con las personas cuyo oficio deseamos aprender, me senté en uno de los cueros y comencé á trabajar con empeño, imitando como podía á una muchacha que estaba haciendo una fuentecita sencilla. La vieja que parecía hacer de directora me contempló con gravedad, y en seguida tomó mi trabajo y me enseñó á hacerlo de nuevo y á trabajar con esmero en darle forma.¹⁵⁴

Até o momento, porém, consideramos as condições de observação do viajante em relação aos seus objetos de descrição. Além disso, é possível perceber nos Diários de Viagem analisados exemplos que admitem a possibilidade do observado, ele também, observar o viajante.

No Diário de Viagem de Maria Graham, é possível perceber algumas instâncias raras em que a sua presença aparece como elemento disruptivo, que provoca um estranhamento naqueles Outros que geralmente descreve. Ao entrar em um estabelecimento que vendia licores, Graham reconhece que sua presença interrompe as dinâmicas dos observados:

Nuestra entrada pareció interrumpir por un momento su conversación; pero después de un cuchicheo de unos cuantos minutos, durante los cuales oí una y otra vez las palabras *viuda inglesa* volvieron á su política, hasta que habiendo concluido sus cigarros se levantaron y se fueron.¹⁵⁵

Em outra ocasião, Maria Graham demonstra na narrativa do Diário como aqueles que viera observando, os moradores de Melipilla, então, se viram para observar a ela e seu companheiro de expedição, Frederick de Roos. Graham se coloca na posição de observada, de Outro que causa um estranhamento. Essa posição, porém, gera um desconforto, de modo que a autora prontamente explica aos melipillanos quem eram e afirma que “*luego nos vimos libres de ellos*”. Além disso, as conclusões que imputa aos melipillanos sobre seu acompanhante refletem, em verdade, a representação que Maria Graham faz dos ingleses, entendidos como objeto de admiração.

Me imagino que los melipillanos no habían visto nunca una inglesa, pues el patio de la casa se llenó completamente de hombres, mujeres y niños, que al ver mi cofia y vestido negro me tomaron por monja de alguna orden extranjera. Salí al patio

¹⁵⁴ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 184.

¹⁵⁵ Ibid., p. 214.

y les hablé y expliqué quién era, y luego nos vimos libres de ellos, con excepción de algunas personas que no se cansaban de contemplar y admirar al *rubio* como llamaban á De Roos, cuyos cabellos rubios y fresca y rosada tez provocaban universal admiración.¹⁵⁶

No Diário de Beaumont, a posição de observado é mais rara, mas é possível encontrar instâncias em que o autor apresenta a forma como os outros o descrevem, ou então, descrevem os ingleses de forma geral. Nesse sentido, tanto Maria Graham, como John Beaumont buscam apresentar como esses Outros estariam percebendo a eles.

No caso de Beaumont, o autor compreende que os *gauchos* e salteadores de estrada percebiam os ingleses como pessoas geralmente ricas e facilmente trapaceadas ou enganadas. Sobre os salteadores de estrada, Beaumont afirma: “*They have, for the most part, an idea that Englishmen must be rich; and I saw two Englishmen who had been most barbarously treated by bands of these ruffians.*”¹⁵⁷ Ao conhecer a família de um *gaucho*, Beaumont reconta que a mãe lhe pedira ajuda para lidar com seu filho doente. Após dar instruções à mulher, o autor comenta a admiração com que teria sido encarado: “*A man who has any knowledge of physic is always much esteemed among the gauchos, they look upon him as almost a superior sort of being.*”¹⁵⁸

Por último, vejamos um último caso em que Beaumont descreve um *gaucho* que o acompanhava em viagem. No caminho para Ensenada, o cavalo de Beaumont morrera de exaustão, e por estarem longe de um local onde pudessem trocar de cavalos, o viajante decidiu tomar o cavalo do *gaucho*. Depois de discutirem, Beaumont termina seguindo sobre o cavalo e o *gaucho* prossegue a pé. Na passagem seguinte, o autor descreve o *gaucho* de forma humilhante, ao mesmo tempo que dá espaço para os insultos dele, como “*diabolo—estos Ingleses*”, e apresenta sua visão de que “*if it were not for my pistols, I should not ride his horse long*”. A sua posição de superioridade, contudo, é novamente confirmada nessa interação. Relata o autor:

¹⁵⁶ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 325.

¹⁵⁷ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 208.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 148.

[...] after this explanation, and many attempts to convince me that it was far more reasonable that I should walk than himself, in which he was not successful, he took up my bridle and girths, proceeded in silence on foot, muttering occasionally, *diabolo — estos Ingleses*.

The poor fellow trudging along on foot was completely out of his element, and I could not help feeling for his evident chagrin and humiliation, but still not so much so as to resign my seat to him. A *gaucho* on foot! The pedestrian, *malgré lui*, appeared to wish the earth would open and swallow him up, as the humiliating idea struck him. In this dilemma he was met by several of his acquaintances. He hung down his head with shame, and related very feelingly the circumstances which had placed him in his present predicament; vowing that if it were not for my *pistolas*, I should not ride his horse long [...]¹⁵⁹

3.2 Civilização e Exemplaridade

É comum encontrar nos Diários de Viagem que analisamos instâncias em que os viajantes identificam aquilo que observam com a percepção de um atraso a ser superado. Esse atraso em relação à Civilização, como percebem os autores, se reflete em considerações sobre questões tanto materiais, como questões do âmbito da cultura e dos costumes. Partindo da percepção do atraso, por vezes identificado com a colonização espanhola, os autores oferecem a perspectiva da exemplaridade europeia como via para o progresso.

Ao percorrer o vale de Cajón de Zapata, Maria Graham compara o cenário com as paisagens italianas, que conhecera em uma de suas viagens anteriores. A diferença para a autora, porém, está na falta de símbolos da presença humana, como edifícios e templos. Graham conclui que “*aquí todo es aún demasiado nuevo*”, traçando uma associação entre o novo e o selvagem.

En una palabra, aquello habría sido un paraje de Italia á no faltar allí los edificios y templos, signos de la presencia del hombre; pero aquí todo es aún demasiado nuevo, tal que uno casi no se sorprendería de ver salir un salvaje de entre los árboles más próximos ó de oír rugir una fiera desde el cerro.¹⁶⁰

Tendo reconhecido o atraso, Maria Graham adiciona, ainda, que o progresso se faz necessário. No trecho a seguir, a autora inicia seu comentário com uma

¹⁵⁹ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 155.

¹⁶⁰ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 246.

rejeição do aspecto idílico e romântico da natureza, como contraposição à Civilização. Para Graham, o progresso é necessário, uma vez que está relacionado com as disposições sociais do homem, como argumenta:

Es muy lindo, muy encantador leer relaciones de deliciosos climas y de arboledas de mirto y de habitantes inocentes y sencillos que tienen pocas necesidades; pero como el hombre es un animal nacido con disposiciones sociales y de adelanto, es realmente muy desagradable tener que dar sus pasos retrogradando á un estado que hace menospreciar las bendiciones del clima y que se encuentre menos bienestar en un palacio de Chile que en la choza de un labrador en Escocia.¹⁶¹

É nesse sentido, portanto, que a autora apresenta diversos exemplos no relato em que o europeu aparece como objeto de admiração, servindo de modelo ou exemplo a ser seguido pelos americanos. Ao visitar o porto de Valparaíso, Graham introduz duas instâncias entre suas observações em que ela apresenta o europeu como modelo. Em primeiro lugar, no que concerne ao progresso material, Graham considera que a casa de um alemão serve como excelente modelo para os chilenos.

Hay establecidos aquí algunos artesanos alemanes, y se hace notar principalmente un herrero mariscal, un tal Freit, cuya casita, hermosa y aseada, con su taller y su jardín, es un excelente modelo para los chilenos que se levantan.¹⁶²

Em segundo lugar, Graham considera que, em se tratando dos açougueiros, a carne é cortada no Chile de forma grosseira, ofendendo o gosto inglês. Imediatamente após a crítica, a autora relata que ingleses estabeleceram açougues na região, introduzindo os costumes ingleses quanto à forma de cortar a carne, o que representaria um positivo benefício para o país.

Las carnes de buey, de cordero y de chanco son todas excelentes, pero el burdo método de cortarlas ofende la vista y el gusto de un inglés.

Unos cuantos ingleses, sin embargo, han establecido carnicerías, donde también se prepara carne salada, y uno de ellos ha hecho fundir últimamente bujías tan finas como las de Inglaterra, lo que es un positivo beneficio para el país.¹⁶³

¹⁶¹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 177.

¹⁶² Ibid., p. 173.

¹⁶³ Ibid., p. 174.

John Beaumont, por sua vez, também apresenta uma preocupação em seu Diário acerca da exemplaridade europeia. No trecho a seguir, Beaumont naturaliza a questão da exemplaridade europeia, que ofereceria modelos de conduta superior aos nativos. No entanto, o autor lamenta que os europeus que chegavam à América não representavam “*beneficial specimens*”.

From Europe, to which the natives naturally look up for examples of superior conduct, it is to be lamented that they have not received the most beneficial specimens. Pennyless adventurers—fraudulent bankrupts—faithless agents—have come amongst them, and grown into some of the most thriving of their traders.¹⁶⁴

Ainda em outra instância, Beaumont apresenta a relação de exemplaridade. Ao descrever os *criollos* no início do seu Diário de Viagem, o autor critica-os pelas características que não seriam “*congenial with the habits of an Englishman of business*”. Em seguida, Beaumont afirma que com o contato prolongado com “*the better sort of Europeans*”, os *criollos* se aprimorariam, passando de uma perspectiva imediatista e individual, para uma perspectiva geral e prospectiva.

The term is generally used to distinguish the descendants of Spanish settlers from new comers; and also from the aborigines and blacks, their descendants and crosses. The Creoles are polite in their manners, sober in their habits, and attentive to strangers from Europe; but there is a listlessness, an unpunctuality, and a procrastination about them, which is by no means congenial with the habits of an Englishman of business. [...] The Creoles, generally, are very acute; and when a more extended intercourse with the better sort of Europeans shall have extended their views from mere personal and immediate advantages to general and prospective interests, their acuteness may turn to an improved account.¹⁶⁵

Maria Graham também aborda em seu Diário a questão da comunidade inglesa no país, com a qual os americanos teriam contato. A comunidade inglesa residente na região é descrita pela autora nessa e em outras instâncias como vulgar, ignorante e rude, apesar de serem bondosos, de modo que Graham comenta que “*desearía que aquí hubiera mayor número de cumplidos ingleses, por el honor de nuestra nación y para bien de Chile*”.

¹⁶⁴ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 245-246.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 59.

Visité á varias personas inglesas y chilenas. Nada diré de los ingleses residentes en Santiago, porque, con una ó dos excepciones, Mr. B. y Mr. C. por ejemplo, son individuos muy vulgares. Mr. B. llamado comúnmente don Diego, ha vivido aquí desde la revolución, y dice que nunca ha sido tratado con injusticia ó malevolencia en el país, que conoce mejor que muchos nacionales. Mr. C. ha viajado mucho; tuvo cierta participación en la guerra del Sur, prestando dinero, caballos y buques á los patriotas y es, de las personas que conozco, una de las que poseen más claras ideas acerca de la actual condición de Chile.

Hay entre mis paisanos excelentes sujetos, algunos que se dan aires de caballeros distinguidos y otros que se dedican á estafar al prójimo. Así sucede en todas partes; pero desearía que aquí hubiera mayor número de cumplidos ingleses, por el honor de nuestra nación y para bien de Chile.¹⁶⁶

Maria Graham acrescenta, ainda, uma outra problemática à questão da exemplaridade europeia: qual esfera cultural e política serviria de exemplo aos chilenos? Ao longo do seu Diário, Graham, através de suas observações, deixa entrever uma disputa entre a França e a Inglaterra por áreas de influência cultural e política na América. Como exemplo, vejamos a situação seguinte.

Por ocasião de uma visita à casa de Dona Mercedes del Solar, a autora comenta que o filho desta, Vicente, estava rodeado de uma atmosfera cultural francesa, fato que ela entende como negativo. Graham, de maneira um pouco constrangida, afirma que invejava a presença dominante de autores franceses entre os livros da casa, que preferia ver substituídos por livros ingleses.

Espero que sus excelentes disposiciones, que tanto prometen, no serán destruidas por su continuo trato con los franceses que frecuentan la casa de su padre, don Felipe del Solar, que es agente general de todos los buques franceses que llegan á Chile. Acaso será este un sentimiento poco noble, pero no puedo evitarlo; hay ciertas cosas que, como la fe, no dependen de la voluntad, y ésta es una de ellas. Quizás envidiaba á los autores franceses el lugar que ocupan sobre la mesa de la señora Solar, y habría preferido ver allí el *Rape of the lock* en lugar del *Lutria*.¹⁶⁷

¹⁶⁶ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 295.

¹⁶⁷ Ibid., p. 265.

Estabelecido o paradigma da exemplaridade, de qualquer forma, a lógica narrativa funciona a partir de dois movimentos – o reconhecimento da negligência e a percepção da necessidade do aperfeiçoamento – como aponta Mary Pratt¹⁶⁸.

Tanto Maria Graham como Beaumont articulam as ideias de negligência e preguiça. É nesse sentido que os autores apontam as deficiências na produção. A pesca, para Graham, é deficiente em razão da preguiça: “*El mercado de pescado se surte con mucha deficiencia, por desidia, se me ocurre, porque el pescado es abundante y de excelente calidad.*”¹⁶⁹ A horticultura é deficiente, demonstrando falta de cultivo. Um jardim visitado por ela, apesar de ser elogiado, aparece como carecendo de cuidado: “*Yo desearía, sin embargo, ver todo esto cuidado con más aseo. Hasta Eva escardaba su jardín y Adán tenía la obligación de adornar el terreno que cultivaba.*”¹⁷⁰ Beaumont, por sua vez, também aponta a suposta negligência e preguiça no caso das Províncias Unidas do Prata. Comentando a guerra com o Brasil, o autor considera:

Though the soil and the climate of Buenos Ayres are both so favourable to agriculture, the natives have hitherto preferred purchasing all the vegetable productions they can from foreign countries, at high prices, to exerting themselves, in order to raise them on their own soil.¹⁷¹

Reconhecida a negligência, a exemplaridade europeia é associada à possibilidade do aperfeiçoamento. Por meio desse tipo de narrativa, reforça-se a imagem de superioridade britânica.

Ao visitar a fazenda de Lorde Cochrane em Quinteros, Graham narra como ele havia trazido diversas ferramentas agrícolas a fim de introduzir o progresso material ao país. Logo antes desse relato, a autora havia descrito a própria figura de Cochrane como gênio, que aparentava uma “*expresión de superioridad*”¹⁷² e um aspecto de benevolência. Graham descreve a fazenda da seguinte forma:

A la entrada hay varias herramientas agrícolas que lord

¹⁶⁸ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992, p. 148-149.

¹⁶⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 174.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 203.

¹⁷¹ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 29.

¹⁷² GRAHAM, op. cit., p. 238.

Cochrane ha traído con el objeto de introducir los adelantos modernos en Chile, país de su adopción.
El arado, el rastrillo, la pala de la Europa moderna todo es nuevo aquí, donde durante siglos no se ha conocido ningún adelanto.¹⁷³

A figura de Cochrane apareceria ainda outra vez como modelo no Diário de Maria Graham. Ao final do seu relato, a autora apresenta a perspectiva de Cochrane ao deixar o país, que teria ficado satisfeito de ter contribuído para o progresso do país, introduzindo nele tanto ideias como objetos.

En cuanto al almirante, á pesar de no habérsele recompensado dignamente sus servicios, recordará siempre con satisfacción que fué útil á la gran causa de la independencia sur-americana y á los habitantes de este país, que le deben las primeras ideas de muchos adelantos en la agricultura, en las artes y hasta en el gobierno, ideas que algún día darán fruto.¹⁷⁴

É interessante notar que tanto Graham como Beaumont elogiam uma mesma figura, o botânico e engenheiro John Miers, no que se refere ao progresso material. Beaumont comenta o seu trabalho na construção da Casa da Moeda de Buenos Aires, enquanto Graham elogia-o associando o seu trabalho ao avanço da Civilização e da cultura. Descrevem os autores:

A mint has recently been erected in Buenos Ayres, of which the Buenos Ayreans are not a little proud, and with good reason, for this is certainly the most scientific and best arranged establishment in the country. [...] Several novel and ingenious mechanical improvements have been introduced into it, by Mr Myers, to save labour. The whole forms a very neat and perfect national mint, and reflects the greatest credit upon its scientific founder.¹⁷⁵

Mr. Miers llegó á Chile con una gran instalación para laminación de cobre, cuños para sellar metales y otras maquinarias adaptables sólo para un país de un estado de cultura mucho más adelantado. [...] La instalación de Mr. Miers puede considerarse adelantada en cien años á la civilización de Chile.¹⁷⁶

¹⁷³ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 238.

¹⁷⁴ Ibid., p. 423.

¹⁷⁵ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 81.

¹⁷⁶ GRAHAM, op. cit., p. 235.

Além disso, Beaumont apresenta, em uma passagem interessante, o paradigma do aperfeiçoamento como contrário ao paradigma da conquista. Considerando a relação de hostilidade entre Buenos Aires e as províncias, o autor argumenta que se Buenos Aires houvesse seguido o caminho da paz e proporcionado o aperfeiçoamento às províncias, estas teriam sentido a necessidade de se submeter ao governo de Buenos Aires. No entanto, conclui Beaumont, não havia sido este o caminho tomado por Buenos Aires – esta teria feito guerra contra os vizinhos e os índios, buscando forçar a submissão ao governo. Argumenta o autor:

Had good faith been preserved, and the professed object of domestic improvement been steadily pursued, population, wealth, and intelligence, would have continued to flow into their country, and have rendered the power and influence of Buenos Ayres so predominant, that the neighbouring provinces would eventually have felt the necessity, and, perhaps, the advantage, of submitting to the supremacy of that State.¹⁷⁷

Por fim, o paradigma da exemplaridade e do aperfeiçoamento não está relacionado apenas ao âmbito do progresso material, mas também pode ser observado nas considerações dos autores sobre a cultura. É possível perceber como a narrativa do progresso material tem efeitos sobre as observações de Maria Graham sobre os costumes. Em uma queixa por parte da autora sobre o novo regulamento comercial, já mencionado no capítulo anterior, Graham associa as formas de consumo com os hábitos dos chilenos. Nesse sentido, os preços altos dos produtos importados fariam com que os chilenos, que se habituavam a novos produtos e padrões de consumo, voltassem aos seus hábitos antigos. Argumenta a autora:

Se gravan con derechos tan altos las mercaderías importadas, que en muchos casos equivalen á derechos prohibitivos. Preténdese proteger así las manufacturas nacionales, olvidando que, con excepción de las de sombreros y cerveza, no hay en Chile manufactura alguna, pues no merecen tal nombre las rudimentarias industrias de jabón y velas. Por cuanto un hombre ha logrado hacer en Santiago un par de medias en un día, no se introducirán ya más medias extranjeras, y las señoras tendrán que aprender á tejer ó á andar descalzas, pues no parece probable que á razón de un par de medias por

¹⁷⁷ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 238.

día se alcance á proveer de ese artículo ni siquiera la capital. Más valdría traer algunas medias de Manchester hasta que el industrial santiaguino pueda ocupar en su fábrica unos pocos obreros más. Como no hay mueblistas chilenos, la prohibición de introducir sillas y mesas extranjeras obligará á las damas á volver á la antigua costumbre de acucillarse sobre el estrado; y como pasarán algunos años, siglos quizás, antes que aquí se produzca y teja la seda ó se manufacturen muselinas, seguirán usando sus antiguas capas y vestidos de lana; y los futuros viajeros hablarán de las chilenas como de lindas salvajes, en vez de deleitarse en la sociedad de bien vestidas y bien educadas señoritas.¹⁷⁸

Em suma, o paradigma da exemplaridade, além de ressaltar a ideia de um Outro atrasado tanto no que se refere ao âmbito material quanto no âmbito dos costumes, reforça a imagem de superioridade britânica. Contudo, como veremos na seção seguinte, a superioridade cultural nem sempre é o ponto de partida das observações de Maria Graham.

3.3 Hábitos e Costumes Sociais

A observação e descrição dos costumes por ambos os autores parte de uma posição informada por uma sensibilidade burguesa, que demonstra grande interesse pelos hábitos de consumo e produção, além de valorizar ideias como a privacidade, a comodidade e o conforto.

A privacidade é uma questão, principalmente, para Maria Graham. A primeira instância na narrativa em que ela observa com estranhamento a falta de privacidade é encontrada na descrição que faz da sua casa em Valparaíso. A descrição dos espaços domésticos, como apontamos no Capítulo 1, é mais frequente no relato de Maria Graham do que no de Beaumont. A autora compara a sua casa com o resto das casas de classe média de Valparaíso, notando a presença e ausência de portas e janelas. Com relação a sua casa, Graham considera-se afortunada, porque seu quarto tinha portas, ao que ela acrescentou cortinas para ter privacidade. A isso, a autora contrapõe a reação de uma chilena, que não entendia como ela não preferia observar o movimento da rua.

Ninguna casa de Valparaíso de la clase media ostenta más de una ventana, sin vidrios, resguardada por lo general con

¹⁷⁸ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 359.

barrotes de madera tallados ó con rejas de hierro. Por lo demás, esta ventana le toca á la antesala, de manera que el dormitorio está perfectamente á oscuras.

Me considero muy afortunada con que el mío tenga puertas, pero como no hay ninguna entre el zaguán y la antesala, me he permitido colgar una cortina, con gran asombro de mi patrona, que no puede comprender cómo no encuentre entretenido observar los movimientos de los sirvientes y de las visitas que pueden estar en las piezas de afuera.¹⁷⁹

Ao se hospedar na fazenda Salinas, mais adiante na narrativa, Graham novamente se queixa da falta de privacidade no espaço do quarto. Comenta a autora que: “*En Chile no se respeta la interioridad de los dormitorios como en Inglaterra; felizmente tengo el hábito de madrugar, que entre otras ventajas me procúrala de librarme de intrusiones inoportunas.*”¹⁸⁰

Em outro episódio, Graham reconta que fora obrigada a dividir um quarto com seus acompanhantes de viagem, dentre homens e mulheres. Para manter a sua privacidade e a de Dona Rosario, Graham relata que estendeu seu vestido de montaria por sobre algumas cadeiras, formando uma cortina divisória no quarto. A autora afirma que havia tido essa ideia ao lembrar-se da Viagem Sentimental de Lawrence Sterne, mesclando no relato aspectos de realidade e ficção.

La cuestión camas tenía muy perplejo á De Roos. En cuanto á mí, los largos viajes me han enseñado á mirar con filosofía estas cosas, y nuestros amigos chilenos están habituados á ellas. No quedó, pues, á mi joven compatriota otro remedio que resignarse á que todos pasáramos la noche dentro de los mismos cuatro muros. Para doña Rosario y yo dispuso en un extremo del estrado un excelente colchón con sus debidos aditamentos, y á los pies de nuestra cama se arreglaron otras dos con los paños y cueros de las monturas para De Roos y don José Antonio. Acordándome del *Viaje sentimental*, puse entre nosotras y nuestros compañeros algunas sillas de respaldo alto, sobre las cuales extendí las largas faldas de mi vestido de montar, diligencia que bien pudo excusarse, si todos durmieron tan profundamente como yo; y presumo que tal sucedió, porque al levantarme en las primeras horas de la mañana los encontré á todos dormidos.¹⁸¹

Com relação à ideia de conforto, os dois autores comparam os hábitos ingleses com os dos chilenos e argentinos baseando-se em objetos. Lareiras,

¹⁷⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 158.

¹⁸⁰ Ibid., p. 304.

¹⁸¹ Ibid., p. 324.

cadeiras, pianos – todos esses objetos representam os hábitos relacionados ao conforto e ao modo de vida burguês.

Ao visitar a casa do governador de Valparaíso, José Ignacio Zenteno, Maria Graham relata que este teria se adiantado em lhe mostrar as comodidades inglesas que teria adotado em sua casa, segundo a noção de gosto, associado à vida civilizada.

Este llegó inmediatamente, al parecer muy regocijado de poder exhibir las comodidades á la inglesa que había en el departamento en que fui recibida.

En un día frío y lluvioso como éste es agradable encontrarse en una habitación donde hay un tapiz inglés, una estufa inglesa y hasta carbón inglés encendido. Zenteno me aseguraba que no había para él nada que estimulara mejor la conversación que un fuego encendido así en una estufa abierta, y que lamentaba haber pasado tantos años sin sospechar siquiera que existiera tal comodidad. Puede decirse que todo su afán es introducir el gusto por la elegancia de la vida civilizada; en cualquiera otra circunstancia habría podido decir yo que en su gran admiración por todo lo inglés había cierto fondo de afectación.¹⁸²

Os objetos a que estão relacionadas essas comodidades teriam sido introduzidos no Chile com a abertura dos portos, levando à mudança de costumes e hábitos de consumo. Dessa forma, Graham contrapõe a possibilidade de comprar, por exemplo, vestimentas europeias por parte das classes altas com a abertura do porto de Valparaíso ao costume tradicional de fabricar vestimentas em casa para consumo próprio, utilizando utensílios grosseiros.

Ao chegar na casa da família Cotapos em Santiago, Graham comenta como a introdução das cadeiras nas casas havia alterado os hábitos das senhoras chilenas, ainda que a cena que descreve ainda sugere um maior contato entre as pessoas do que Graham esperava. Relata a autora:

Hace muy poco tiempo que las damas chilenas han aprendido á sentarse en sillas, en vez de hacerlo sobre el estrado. Ahora, en lugar del estrado, hay generalmente largas alfombras á cada lado de la sala y dos filas de sillas, con tan poca distancia entre una y otra fila, que los pies de una persona quedan en contacto con los de la que está sentada frente á ella.¹⁸³

¹⁸² GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 211.

¹⁸³ Ibid., p. 251-252.

Outro objeto destacado por ambos os viajantes em suas descrições dos espaços interiores é a lareira. Beaumont relata que a introdução das lareiras nas casas das Províncias do Prata eram de tal maneira benéficas à saúde que teriam sido imitadas pelos americanos: “*The English have introduced fire-places and flues in their dwellings; and the superior warmth and dryness, and healthiness of their habitations, have caused many of the natives to imitate them.*”¹⁸⁴ Graham, por sua vez, aborda a chegada da lareira como símbolo do progresso. Em uma visita à fazenda de Enrique Lastra, Graham considera que esta era a fazenda que mais se ajustava ao métodos de produção europeus. Além disso, comenta que após renovações, a casa teria lareiras:

En los principales aposentos habrá chimeneas, que reemplazarán los tradicionales braseros. Comienzan ya á darse grandes pasos en el sentido del progreso en este país, que hasta ahora ha sido el más reacio de todos los de este continente á los adelantos por causas de orden político, moral y físico que le son peculiares.¹⁸⁵

As principais queixas de Beaumont com relação aos costumes, por sua vez, se apresentam como parte dos obstáculos de sua jornada narrativa enquanto membro da vanguarda capitalista. A falta de gosto, de limpeza e de conforto, as acomodações insatisfatórias, a dificuldade em obter cavalos em entrepostos nas estradas, a falta de pontualidade e os atrasos, resumidos pela expressão “*mañana por la mañana*” que o autor repete algumas vezes no texto, todos são organizados como obstáculos ao percurso do capitalista.

O percurso é caracterizado pela aventura e pelo risco, ainda que a narrativa seja permeada por um senso de responsabilidade por parte do Beaumont com relação aos imigrantes trazidos por sua companhia. Nesse sentido, Beaumont faz questão de mencionar que os imigrantes, mesmo não conseguindo se fixar no assentamento, tinham conseguido arrumar empregos variados entre Buenos Aires e Montevidéu.

Em meio ao enredo da aventura capitalista, como vimos, Beaumont intercala observações sobre os costumes, principalmente no que se refere ao

¹⁸⁴ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 47.

¹⁸⁵ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 272.

conforto, que remetem ao espaço do lar burguês. Cabe ressaltar que a questão da cultura e dos costumes é marginal no Diário de Beaumont. Como aponta Cherish Bolton¹⁸⁶, a retórica imperial era condicionada pelas diferentes localidades geográficas visitadas pelos viajantes. No caso das Províncias Unidas do Prata, argumenta a autora:

In Argentina, travelers focused on subjects relevant to commerce: they stressed the importance of manpower and called for British emigration; their descriptions of life in Buenos Aires informed potential emigrants about what they could expect in their new home; they enumerated the prospects for the importation of manufactures and the exportation of raw materials were listed throughout the narratives; they detailed the possibilities for cheap labor, including slavery; and they extolled the benefits of free trade for British interests.¹⁸⁷

O Diário de Viagem de Beaumont é permeado pelo *ethos* burguês. Por diversas vezes ele se refere aos capitalistas, ele inclusive, como “*adventurer*”, mas é a partir das contraposições que realiza e da percepção da alteridade que a imagem do burguês inglês se produz com mais clareza. Essa tensão entre a aventura e a regularidade é analisada por Franco Moretti¹⁸⁸ no que tange às representações da figura do burguês na literatura do século XIX.

Nesse sentido, podemos perceber que a sensibilidade burguesa das representações literárias está presente na representação do si mesmo enquanto autor de relato de viagens. Como vimos no Capítulo 1, os limites entre o factual e o ficcional são, por vezes, ambíguos nos relatos de viagem. Não é irrelevante, portanto, a afirmação de Graham de que: “[...] *Robinsón Crusoe es, después de Don Quijote, el prototipo del más interesante de los héroes de novelas.*”¹⁸⁹ Está presente nos dois autores aquilo que Moretti identifica como a tensão entre “[...] o imperativo ascético da produção moderna e o desejo de fruição de um segmento social ascendente.”¹⁹⁰

¹⁸⁶ BOLTON, Cherish. *Through the British Looking Glass: Constructing the “Other” in the Nineteenth Century*. Disponível em: <https://www.academia.edu/1211184/Through_the_British_Looking_Glass_Constructing_the_Other_in_the_Nineteenth_Century> Acesso em: 4 de abr. 2017.

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 19.

¹⁸⁸ MORETTI, Franco. *O burguês: entre a história e a literatura*. São Paulo: Três Estrelas, 2014, p. 35-38.

¹⁸⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O’Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 425.

¹⁹⁰ MORETTI, op. cit., p. 57.

No caso de Maria Graham, existe certa ambiguidade entre o luxo e conforto no que diz respeito aos hábitos de consumo. No trecho a seguir, Graham descreve a casa da família Cotapos em que se hospedou durante sua estadia em Santiago. Nele, podemos perceber que o luxo da mobília é desassociado da elegância, portanto da noção de gosto. Segundo os padrões de consumo de Londres e Paris, considera Graham, os móveis não correspondem à moda atual – estão em torno de um século ultrapassados. Apesar de tudo isto, Graham termina sua observação afirmando que, mesmo ultrapassada, a mobília faz “*un lucidísimo papel en esta apartada del continente austral*”. Nesse sentido, ainda que a noção de luxo seja criticada, os móveis representariam um passo na direção dos hábitos de consumo europeus. Descreve Graham:

La casa de Cotapos está amueblada con lujo, pero sin elegancia. Sus ricos espejos, sus hermosas alfombras, un piano fabricado por Broadwood, y una buena provisión de sillas, mesas y camas, no precisamente de las que hoy se usan en París ó en Londres, pero sí de las que estuvieron allá de moda hace un siglo ó poco más, hacen un lucidísimo papel en esta apartada tierra del continente austral.¹⁹¹

Outros costumes geram uma reação de repulsa por parte dos autores. Graham narra que, em uma visita ao *Palacio de la Moneda*, uma senhora sentara-se ao lado de uma escarradeira, cuspidando constantemente nela. Para Graham, o único consolo é o de que as jovens chilenas de classe alta estavam largando esse hábito.

Las chilenas poseen una urbanidad natural y llana y maneras afectuosas que me encantan; pero á la vez he notado en ellas algunas costumbres desagradables. Por ejemplo, una rolliza y bella señora que vino hoy á palacio vestida de raso azul, se hizo poner delante de ella una escupidera, en que escupía sin cesar y con gran destreza, como para demostrar que estaba habituada á semejante maniobra. Sin embargo, las jóvenes aristocráticas y todas las que quieren ser tenidas por tales están abandonando rápidamente estos feos hábitos.¹⁹²

Uma esfera que já comentamos no caso de John Beaumont também se faz presente no relato de Maria Graham, a saber: os costumes relativos à alimentação.

¹⁹¹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 254.

¹⁹² Ibid., p. 263-264.

A falta da utilização de talheres, o uso das mãos para servir, cortar e comer provocam uma reação de estranhamento na autora:

Se considera como una muestra de la más delicada atención sacarle á alguien una porción de su plato y ponerla en el de su amigo, y á nadie se le hace escrúpulo servirle á uno con el cuchillo ó cuchara con que ha estado comiendo, ó tomar algo directamente de la fuente sin intervención de platos.¹⁹³

Ao visitar outra família, Graham destaca novamente o uso das mãos para servir alimentos e levar os alimentos à boca. Nessa ocasião, porém, a autora relata que as filhas da dona da casa, sabendo que o seu costume era outro, lhe trouxeram um prato e um garfo, ainda que a matriarca continuasse servindo com as mãos. Relata Graham:

La dueña de casa comenzó inmediatamente á comer en la fuente con los dedos, invitándonos á que hiciéramos lo mismo; pero una de sus hijas nos trajo á cada una un plato y un tenedor, diciendo que ella sabía esa era la costumbre nuestra. Esto no obstante, la buena señora persistió en ponernos en el plato los pedazos más delicados con su pulgar é índice.¹⁹⁴

Em outra ocasião, a autora relata que hesitava em experimentar o mate, pelo fato de que teria que compartilhar o mesmo copo com outras pessoas. Tendo sido convidada pela esposa de seu arrendador, Graham deixa de lado sua reação inicial e aceita o convite.

Fui á hacerle una visita á la esposa de mi arrendador, que me tenía muy convidada á ir á tomar mate con ella; pero hasta hoy me lo impedía el temor de tener que usar la bombilla ó tubo que sirve para chupar el mate y que pasa por boca de toda la concurrencia. Me resolví, sin embargo, á desechar esta preocupación y así dispuesta me dirigí esa tarde á su casa.¹⁹⁵

Ao chegar na casa de seu arrendador, Graham relata a experiência de compartilhar o mate. Ainda que demonstre novamente hesitação, a sua reação não é igual àquela de Beaumont, que rejeita em absoluto os costumes dos *gauchos* em termos de alimentação após sua experiência. A reação de Graham, nesse caso, não é a de uma marcada superioridade cultural. Apesar do desconforto evidente na

¹⁹³ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 251.

¹⁹⁴ Ibid., p. 205.

¹⁹⁵ Ibid., p. 196.

narrativa, a autora se coloca no lugar da experiência e realiza uma comparação entre o chá tomado pelos ingleses e o chá mate.

Pasáronsele á la que iba á preparar el mate los útiles necesarios, y ella, después de cebar la taza con los ingredientes acostumbrados, vertió sobre ellos el agua hirviendo, se llevó la bombilla á los labios y después de chupar el mate me lo pasó á mí; pasó largo rato antes de que pudiese atreverme á probar el hirviente brebaje, que si bien más áspero que el té, es muy agradable.

En cuanto concluí mi taza, rellenáronla al instante y se la pasaron á otra persona, y de esta manera se siguió hasta que todos se hubieron servido; dos tazas con sus bombillas circularon entre toda la concurrencia.¹⁹⁶

Dessa forma, podemos perceber que Maria Graham oscila em suas observações entre uma posição de superioridade cultural distanciada e uma posição caracterizada pelo interesse etnográfico, que, certas vezes, implica na experiência participativa na compreensão do Outro.

Para ilustrar essa oscilação, vejamos outro exemplo, no qual Graham comenta as formas de dança que havia observado. Após uma primeira reação de superioridade, comparando o *minuet* europeu com o *minuet* praticado no Chile, Graham passa a uma apreciação das danças espanholas, que considera graciosas. Se, em um primeiro momento, o contato íntimo da dança lhe causa um estranhamento, em um segundo momento, Graham admite que sua reação inicial era infundada. Ela percebe que essa característica era habitual no meio social que observava. Seu julgamento, portanto, deveria se basear no contexto de observação: “[...] *aquí parecen estar habituados á ello, y reconozco que fué una tontería mía el haberme dejado alarmar por semejante espectáculo*”.

Cuando hay un número suficiente de personas comienza el baile, con un minué, que poco se parece, en verdad, al grave y majestuoso minué que hemos visto en Europa. Grave es, sin duda, pero incorrecto y descuidado; no hay en él elegancia, finura, nada, en una palabra, en que el famoso capitán Nash de Bath pudiera reconocer los graciosos movimientos de las danzas que presidió durante tanto tiempo y con tanta maestría. Después del minué se bailan alemandas, cuadrillas y danzas españolas. Estas últimas son muy graciosas, y tales como las he visto aquí me recuerdan las poéticas danzas que suelen representar la antigua escultura y la pintura moderna; pero en aquellos tiempos el arte coreográfico no establecía tan íntimo

¹⁹⁶ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 197.

contacto entre la juventud, alegría y belleza femeninas y un compañero de baile. Sin embargo, aquí parecen estar habituados á ello, y reconozco que fué una tontería mía el haberme dejado alarmar por semejante espectáculo.¹⁹⁷

Além da contraposição entre os costumes de europeus, de um lado, e sul-americanos, de outro, é possível perceber no Diário de Maria Graham a preocupação com a diferenciação entre os costumes das diferentes classes sociais. Ao descrever um passeio pelo campo, Graham comenta que os chilenos, de forma geral, apreciavam entretenimentos campestres e que “*todas las clases sociales parecen ser igualmente aficionadas á estos rústicos goces*”.

Los chilenos, con su afición á los entretenimientos campestres, me recuerdan lo que cuentan los viajeros de los habitantes del feliz valle de Cashmeer, quienes pasan los días y las noches de luna en su hermoso lago ó en las floridas islas que lo adornan. Para una familia chilena no hay placer mayor que un paseo á pie ó á caballo al campo, un mate tomado en un jardín ó en las faldas de un cerro, bajo un frondoso árbol, y todas las clases sociales parecen ser igualmente aficionadas á estos rústicos goces.¹⁹⁸

Em outra ocasião, Graham aponta o caráter indiferenciado dos gostos e costumes que percebe entre as classes sociais como uma questão a ser superada. Na passagem que se segue, a autora supõe que, a partir da abertura dos portos, os chilenos teriam entrado em maior contato com os europeus, que ofereceram o exemplo de refinamento às classes altas. Após transcrever excertos de duas canções frequentemente tocadas em *chinganas*, locais de entretenimento popular, Graham argumenta que:

Estas dos letras se cantan con frecuencia en las chinganas, y hasta hace pocos años eran aceptadas por todas las clases sociales. Pero la apertura de los puertos de Sur-América poniendo á los nacionales en más íntimo contacto con los europeos, ha refinado el gusto de las clases elevadas.¹⁹⁹

Assim como no caso da religião, que veremos na seção seguinte, é por ocasião da narração dos terremotos que Maria Graham intensifica suas críticas, nesse caso, à falta de diferenciação entre os espaços e costumes das diferentes

¹⁹⁷ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 252.

¹⁹⁸ Ibid., p. 284.

¹⁹⁹ Ibid., p. 274.

classes sociais, segundo sua percepção. Para a autora, os terremotos representam não só uma calamidade física, mas também social e moral, dando margem à corrupção dos costumes. Graham dá especial atenção no texto aos espaços compartilhados em decorrência dos tremores e considera que:

Con razón dice Shakespeare: "los infortunios obligan al hombre á familiarizarse con extraños compañeros". Ingleses y chilenos, hombres, mujeres y niños, nos encontramos reunidos en una familiar promiscuidad solo explicable por los sufrimientos por que, unos más otros menos, todos hemos pasado.²⁰⁰

Nesse sentido, Graham salienta em seu relato o caráter inusitado e transitório dessa “*familiar promiscuidad*”, que reúne pessoas não só diferentes em termos de posição social, como também em hábitos e costumes. Argumenta a autora:

La calamidad que cayó sobre el país ha reunido á personas que ninguna otra combinación de circunstancias podría haber puesto en íntimo contacto, personas tan diferentes unas de otras en educación, hábitos y modales como en posición social y carácter, y sólo transitoriamente unidas por una imperiosa necesidad común.²⁰¹

Nesse ponto, a autora levanta no texto a preocupação com a “*corrupción de las costumbres*”. Graham argumenta que as calamidades naturais têm efeitos negativos sobre os aspectos sociais e morais de uma dada sociedade, uma vez que põem em contato as diferentes classes sociais, propiciando aquilo que a própria autora denomina como “contágio”. Para ilustrar a relação entre calamidade natural e social, Graham explica aos seus leitores ingleses fazendo uma comparação entre os terremotos que presenciava e a época de epidemia da peste negra na Idade Média:

Ricos y pobres, jóvenes y ancianos, amos y criados, todos estaban confundidos y apiñados en una intimidad que, aun aquí donde las diferencias de clases no son tan marcadas y hondas como en Europa, me pareció verdaderamente pavorosa. Ahora comprendo el poder desmoralizador y relajador de los respetos sociales de las grandes calamidades. Los historiadores de la Edad Media nos describen epidemias en que la gente huía de las ciudades y se refugiaba en los campos por escapar al

²⁰⁰ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 412.

²⁰¹ Ibid., p. 415.

contagio, volviendo después con el contagio mil veces peor de la corrupción de las costumbres.

La famosa peste de Londres tuvo también su parte de calamidad moral. Muy útil es la adversidad para los individuos y para los hombres educados; pero lo que hace desgraciadas á grandes masas de hombres, las daña también moralmente y las pervierte.²⁰²

No Diário de John Beaumont, a questão de classe aparece na forma como o autor descreve as classes baixas, associando-as, em geral, à violência, ao vício e à desonestidade. Em uma ocasião, Beaumont e seus acompanhantes de viagem intentavam atravessar um rio e buscaram ajuda em uma *pulpería*. Considerando o preço pedido para ajudá-los a atravessar como exorbitante, o autor afirma que o intento do homem era tirar “*some silver dollars from los Ingleses*”²⁰³. Logo em seguida, Beaumont parte para uma consideração sobre o caráter das classes baixas em todo o mundo: “*The disposition to impose upon foreigners who have money in their pockets, seems to be general among the lower classes all the world over: even this clown, scarcely removed from a savage, saw his opportunity, and seized it.*”²⁰⁴

Com relação ao vício e a violência, os comentários de Beaumont se dirigem principalmente aos irlandeses, além das classes baixas inglesas. Na viagem de volta do assentamento de Entre Rios, o barco que levava o autor e os imigrantes a Buenos Aires é abordado por um contingente de força patriotas. O capitão lhes explica que teriam que se dirigir a Arroyo de la China, aonde seriam presos. Beaumont relata que os imigrantes estavam planejando jogar os oficiais na água e seguir para Buenos Aires. Beaumont, porém, decide que não haveria violência – seguiriam para Arroyo de la China. No trecho seguinte, o autor demarca a associação entre os imigrantes ingleses e irlandeses e a violência: “*I therefore insisted, much to the disappointment of most of the English and all the Irishmen on board, that no violence should be used against the intruders.*”²⁰⁵ Essa situação levaria ao julgamento de Beaumont que analisamos no Capítulo 1.

Há ainda uma outra instância em que o autor associa os irlandeses à

²⁰² GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 388.

²⁰³ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 137.

²⁰⁴ *Ibid.*, p. 137-138.

²⁰⁵ *Ibid.*, p. 177.

violência. Descrevendo um mestiço que acompanhava um de seus companheiros de viagem, Beaumont reconta uma anedota. O mestiço teria sido desafiado por um irlandês, que é novamente associado à violência. Reconta a luta: “*On a certain occasion, a good-natured fellow of an Irishman, but one who liked a bit of a row dearly, set authority at defiance, when the manager directed the mulatto to draw his knife on the Irishman.*”²⁰⁶

No que se refere aos costumes, portanto, podemos concluir que as observações que fazem os autores, novamente, reforçam uma oposição em termos de Civilização, partindo de uma sensibilidade burguesa. Essa oposição, no caso de Maria Graham não é estática – as descrições da autora frequentemente incorporam a perspectiva da mudança e do “progresso” dos costumes, além daquelas observações de cunho mais etnográfico e relativo. Ademais, é interessante notar que, em ambos os autores, é possível encontrar observações com matizes de classe. Nesse sentido, além da diferença percebida entre britânicos e sul-americanos, os autores demarcam diferenças entre os próprios sul-americanos, ou, alternativamente, entre os próprios britânicos.

3.4 A Religião Cristã e suas manifestações

Outro âmbito que destacam ambos os viajantes é a questão religiosa. Partindo de um ponto de vista protestante, as críticas feitas nos Diários de Viagem analisados são dirigidas, especialmente, às práticas religiosas católicas, que são associadas à superstição, ignorância, fanatismo e obediência. Maria Graham oferece uma perspectiva que, por vezes, demonstra nuances, comparações e relativizações. Em outras ocasiões, no entanto, a autora apresenta condenações abertas ao catolicismo.

Contudo, é importante ressaltar que as considerações mais extensas dos autores sobre as práticas religiosas se restringem às comparações entre o catolicismo e o protestantismo, partindo de um ponto de vista de universalidade do paradigma cristão. No Diário de Beaumont as crenças e práticas religiosas indígenas e africanas nem sequer são mencionadas. No Diário de Maria Graham,

²⁰⁶ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 208.

como dito no Capítulo 1²⁰⁷, a autora faz considerações sobre as crenças religiosas dos indígenas, mas estas funcionam mais como uma “curiosidade etnográfica” do que como um modelo religioso ao qual a autora compara o seu próprio.

Vejamos, então, como os autores abordam a questão da religião dentro do paradigma cristão. Ao visitar a Igreja de San Isidro Labrador em Santiago, Maria Graham observa que saía de lá uma procissão, cujo intuito era pedir a São Isidro e São Tiago que trouxessem chuva à cidade. Ainda que se refira à procissão como exemplo de superstição, Graham discorre sobre a prática de solicitar intervenção divina a partir de uma comparação com casos da Antiguidade, como o da Grécia e de Roma, e casos contemporâneos, como o da própria Inglaterra. Nesse sentido, Graham, ao mesmo tempo que critica o que considera como superstição no Chile, ressalta que práticas supersticiosas não são exclusivas àquela sociedade e indaga: “¿por qué, pues, no ha de tener Santiago por patronos al santo de su nombre, el espejo y modelo de las órdenes de caballería, y á San Isidro, el labrador?”. Relata Graham:

Yo quisiera que la superstición se hubiera limitado á poner cada país, ciudad é individuo bajo la tutela de un santo patrono, ya que hay algo tan consolador en la creencia de que un ser superior vela sobre nosotros, pronto siempre á interceder por nosotros ante el Supremo Juez. Los frívolos atenienses tenían á su Minerva, los poderosos romanos á Júpiter, el señor de los dioses; Inglaterra reconoce todavía la protección de San Jorge; ¿por qué, pues, no ha de tener Santiago por patronos al santo de su nombre, el espejo y modelo de las órdenes de caballería, y á San Isidro, el labrador? Una mujer con quien entré en conversación en el cerro me dijo que aquí el tiempo seco es tenido por muy malsano, y que cuando no llueve los cuerpos se resecan como la tierra, y que por lo tanto había gran necesidad de recurrir á la intercesión de los santos para alejar de la ciudad las epidemias y la carestía.²⁰⁸

Em outros pontos, Graham realiza críticas mais explícitas ao catolicismo e ao clero. A autora comenta que, em um passeio de navio, ela e seus acompanhantes se divertiram com a gula de um padre da aldeia de Placilla. Este, embriagado, é prontamente associado pela autora à figura de Caliban:

El pobre cura, que había sido obsequiado en varias ocasiones con cerveza inglesa por sus amigos, tomó el champagne por

²⁰⁷ Cf. nota 36 do Capítulo 1.

²⁰⁸ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 259-260.

cerveza blanca y se puso á beberlo como tal, declarando que incondicionalmente le daría la absolución por cien años á todo el que se embriagara con tan divino licor, é indudablemente se hubiera transformado en un segundo Caliban y hubiese adorado al bodeguero si un accidente no hubiese venido á llamar nuestra atención.²⁰⁹

Em outra ocasião, após encontrar e ter uma conversa com José de San Martín, Graham faz considerações sobre seu “*estado de alma*”. No trecho a seguir, a autora critica o catolicismo, “*lo absurdo de las supersticiones romano-católicas*”, que, além disso, não conta no Chile com a pompa e elegância que observara na Itália.

La natural sagacidad y penetración de su juicio debe haberle hecho ver lo absurdo de las supersticiones romano-católicas, que ostentan aquí toda su fealdad, sin el barniz que les dan la pompa y la elegancia de Italia, y á las cuales ha solido asociarse por razones de Estado con todas las demostraciones exteriores de respeto.

Alguien ha observado que "cuesta mucho más desprenderse de las doctrinas católico-romanas que de las que se enseñan en las iglesias reformadas; pero, una vez que pierden su dominio sobre el alma, preparan de ordinario el camino al más absoluto escepticismo." Tal es, á mi juicio, el estado de alma de San Martín.²¹⁰

Em sua posição, Graham leva em consideração a dimensão temporal dos objetos de sua descrição. Dessa forma, a autora admite que o objeto de conhecimento possui uma dimensão diacrônica e, portanto, não pode ser descrito como tipo absoluto. Assim, ela constrói a alteridade religiosa levando em conta o tempo, diferente daquilo que Guillermo Wilde aponta como formas de antropologia que descrevem objetos fora do tempo.²¹¹

É nesse sentido que a autora constrói, em paralelo com suas críticas ao catolicismo, uma narrativa sobre o progresso da tolerância religiosa no Chile. Em uma conversa com Bernardo O’Higgins, Graham relata que este disse não duvidar que ela estaria surpreendida com o atraso do país, em geral, e, em especial, em matéria de tolerância religiosa. Graham relata a conversa colocando a situação

²⁰⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O’Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 223.

²¹⁰ Ibid., p. 350.

²¹¹ WILDE, Guillermo. *La problemática de la identidad en el cruce de perspectivas entre antropología y historia: reflexiones desde el campo de la etnohistoria*. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

religiosa do país sob contexto histórico – havia-se concedido liberdade privada de consciência e um cemitério exclusivo aos protestantes em “*un país que apenas hace doce años estaba sometido á la Inquisición de Lima*”.

Discurrió con mucha franqueza sobre la actual condición de Chile, y me dijo que no dudaba que yo estaría sorprendida del atraso del país en muchas cosas, haciendo especial mención de la falta de tolerancia religiosa, ó más bien, la pequenísima proporción en que, dado el estado general de las cosas, ha podido hasta ahora concederla sin turbar la tranquilidad pública, y se manifestó algo dispuesto á censurar á ciertos protestantes que prematuramente pretendían exigirle la construcción de un templo y el reconocimiento oficial de aquel culto, olvidando que hace todavía muy poco tiempo que se les concedió la libertad privada de conciencia y un cementerio exclusivo para ellos en un país que apenas doce años ha estaba sometido á la Inquisición de Lima.²¹²

Ao final do Diário, Maria Graham relata a história do casamento de seu amigo Mr. B., considerando que “*las circunstancias con él relacionadas constituyen un interesante capítulo en la historia del progreso de la tolerancia en Chile.*”²¹³ O caso resulta de especial significância para a autora por se tratar de um matrimônio entre um protestante e uma católica que estabeleceria um precedente para os próximos casos. No trecho a seguir, Graham opõe, de um lado, o bispo que se recusava a conceder a licença para o casamento, identificado com o fanatismo e a ambição de poder e riqueza, e, de outro, a intervenção do governo no sentido de impor limites ao poder da Igreja, dado que “*los actuales tiempos exigían menos fanatismo y el bien del país mayor liberalidad respecto de los extranjeros*”.

En otros matrimonios de esta especie los extranjeros han abrazado casi siempre la religión de sus novias, pero mi amigo participa de los sentimientos de los héroes de Richardson; [...] ha observado en este negocio una conducta firme y recta por lo que toca á su conciencia y sagaz y prudente por lo que atañe á su patria de adopción, conducta en que ha tenido el apoyo del Director, á despecho de la intolerancia y del espíritu de partido. No queriendo que su novia abjurara su fe, ni cambiar él la suya, solicitó del obispo la licencia y dispensa necesarias para casarse. El prelado se negó á dárselas mientras no entrara al seno de la Iglesia. El gobierno intervino, representando al obispo que los actuales tiempos exigían menos fanatismo y el

²¹² GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 262.

²¹³ Ibid., p. 392.

bien del país mayor liberalidad respecto de los extranjeros. El obispo persistió en su resolución, hasta que se le notificó que si no cedía no se devolverían á la Iglesia ciertos diezmos y emolumentos que había perdido en las últimas conmociones civiles. Y ahora, después de conceder de mala gana la licencia, todo lo que ha ganado se reduce á la propuesta por el gobierno de un concordato que cercena sus entradas y disminuye su poder.²¹⁴

Um caso emblemático que ilustra as posições mais condenatórias de Maria Graham ao catolicismo é a sua narração sobre as reações da população aos terremotos que presencia ao longo de sua estadia no Chile. A narrativa da autora opõe duas principais formas de reação: a religiosa, associada à superstição, e a racional. A perspectiva racional, representada no texto por ela mesma e outros ingleses, implica em pragmatismo e investigação científica. Maria Graham apresenta a si mesma nessas ocasiões como representante científica europeia.

As primeiras considerações que faz acerca do primeiro terremoto que presencia procuram, antes de mais nada, aproximar seus leitores da experiência: os tremores lembram o balanço do mar e os sons lembram explosões de pólvora ou explosões vulcânicas. Se, anteriormente no texto, Graham celebrara as conquistas do homem moderno perante a Natureza²¹⁵, nesse momento a narrativa aponta para a impotência humana. Contudo, logo em seguida, a autora inicia a narração de suas investigações sobre o fenômeno do terremoto. A sensação de falta de controle do homem sobre a Natureza, portanto, não leva Graham a uma posição de inação, contemplação ou a uma postura religiosa.

Em suas observações, Graham nota que os móveis da casa em que estava hospedada tinham se movido todos no mesmo sentido, que ela determinou utilizando uma bússola (sentido Noroeste-Sudeste). Graham mede os períodos de tremor observando o relógio – o primeiro durara três minutos – e os intervalos entre um e outro, que duravam entre quinze e vinte minutos. Ela relata que os tremores que se seguem movem os objetos em outras direções. A autora visita os arredores, inspeciona os deslizamentos de terra e a destruição das casas, visita o porto de Valparaíso e observa as rachaduras nas rochas. Em meio ao relato das investigações, Graham, inclusive, menciona o paradigma de Humboldt de buscar

²¹⁴ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 392-393.

²¹⁵ Cf. nota 29 do Capítulo 1.

as forças ocultas da natureza: “*Parecíanos que penetrábamos en los secretos del laboratorio de la Naturaleza.*”²¹⁶

Em suma, Graham narra um percurso de investigação metódica (ela mantém um registro dos tremores), que culmina na seguinte hipótese: seria a Cordilheira dos Andes um resultado dos terremotos? As consequências dessa indagação já foram exploradas no Capítulo 1, no que se refere à autoridade discursiva da autora. O que nos interessa, nesse momento, porém, é como esse paradigma racional-científico é oposto ao paradigma religioso.

A reação dos chilenos é descrita pela autora a partir das seguintes características: desespero, superstição, fanatismo e credulidade. Maria Graham narra que as pessoas fogem desesperadas para os montes, com medo de profecias de cataclismos, demonstrando sua credulidade.

São vários os exemplos que a autora elenca para reforçar a ideia de credulidade popular. Graham comenta que após um grupo de pescadores ter visto uma luz vinda do mar, “*La credulidad de la gente la ha convertido en la Virgen, que vino á salvar al país.*”²¹⁷ Sobre a sua própria casa, Graham afirma que: “*Viendo que mi casa había escapado casi ilesa, el clero lo atribuyó á milagro.*”²¹⁸

Em outra dessas ocasiões, Graham relata que um grupo de pessoas havia atribuído a sua salvação à intercessão de Nossa Senhora de Quintero, que era venerada na região em uma capela. Em seguida, a autora relata que, após um novo terremoto, a capela fora destruída e a imagem da santa havia sido quebrada. A esse relato se segue a sua própria reação, oferecendo contraste. Graham, nesse momento, narra suas observações sobre o comportamento dos líquidos durante os tremores: “*En varios de los temblores observé que en la mesa el vino ó el agua no se agitaban con un movimiento vibratorio regular, sino que parecían como proyectados hacia arriba por porciones.*”²¹⁹

Essa contraposição aparece novamente em outra instância. Relatando as reações aos terremotos nas ruas, Graham contrapõe a reação de desespero do povo, que, segundo ela, considerava que os tremores eram um castigo divino, com

²¹⁶ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 404.

²¹⁷ Ibid., p. 384.

²¹⁸ Ibid., p. 389.

²¹⁹ Ibid., p. 383.

a reação pragmática de Mr. Fawkner, inglês, que decidira reunir “*los principales de la ciudad*” para tomar medidas para oferecer alívio aos atingidos.

Todos se golpeaban el pecho y se postraban en la tierra. Tejiendo coronas de espinas, las ponían sobre sus cabezas y las oprimían hasta que la sangre les corría por el rostro. [...] Sus pecados atrajeron sobre la ciudad el castigo del cielo. Así lo proclamaba el pueblo á gritos, y algunos llegaron hasta acusar al gobierno de Santiago, cuya tiranía había excitado á Dios á la venganza. Mientras tanto el teniente gobernador, Mr. Fawkner, inglés de nacimiento, reunió á los principales de la ciudad para tomar algunas medidas en alivio de los damnificados.²²⁰

Em especial, Graham utiliza a narração desses eventos para condenar as reações da Igreja Católica. No trecho a seguir, a autora interpreta as reações do clero como orientadas pelo objetivo de retomar os espaços que havia perdido, aproveitando a oportunidade dos terremotos. É possível perceber o envolvimento do clero no âmbito político, uma vez que estariam ameaçando o povo com a vinda de calamidades se aderissem “*á causa de los herejes*”, forma como se referem aos patriotas. A essa investida do que considera como fanatismo, Graham opõe a ação do governo. Ela termina o relato com a constatação de que o povo não teria aderido aos discursos do clero que os incitavam a atacar os hereges, uma vez que não reconheceriam nos estrangeiros os atributos que se atribuía a eles por parte do clero.

A pesar de la lluvia, que duró hasta la media noche, hoy tembló no menos de cinco veces. El fanatismo se ha puesto en campaña durante este calamitoso período, creyendo, sin duda, favorable la ocasión para recuperar una parte del terreno que de algún tiempo atrás venía perdiendo. Hoy era el día fijado para la ejecución de un francés y tres chilenos que se introdujeron durante la noche en un buque anclado en la bahía, hirieron gravemente al capitán y al piloto y robaron una fuerte suma.

El clero ha estado excitando al pueblo á levantarse en favor de los reos, anunciando nuevas y grandes calamidades si se permite que buenos católicos sean ejecutados á causa de los herejes.

El gobierno, sabedor de estas intrigas, hizo rodear de numerosos soldados el lugar de la ejecución, que se verificó tranquilamente. Y no es éste un caso aislado.

El clero ha tratado de excitar al pueblo á atacar á los herejes, pero sin resultado; ya sea porque éste oye tales insinuaciones con indiferencia, ya porque no reconoce en los cultos y

²²⁰ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 385.

benéficos extranjeros residentes en el país los execrables rasgos y costumbres que el clero atribuye á los pobres herejes en sus imaginarias pinturas.²²¹

Nesse sentido, é possível identificar novamente esse trecho enquanto representação dupla – Graham representa o clero e o clero representa os estrangeiros. Esse movimento duplo, no entanto, apesar de estar contido na narrativa é deslegitimado pela autora. A representação do clero sobre os estrangeiros é desacreditada, entendida como “*imaginarias pinturas*”, enquanto que os estrangeiros, em realidade, seriam compreendidos pelo povo como “*cultos y benéficos*”.

John Beaumont, por sua vez, reserva suas críticas, principalmente, aos jesuítas. Ao fazer um esboço da História da Região do Prata, o autor dá especial atenção ao papel dos jesuítas e sua relação com os indígenas nas missões. Os jesuítas são criticados pelo autor em razão dos efeitos que o catolicismo teria gerado sobre os indígenas enquanto trabalhadores. Os missionários teriam doutrinado os indígenas, segundo sua perspectiva, de modo a inculcar a superstição, criando sujeitos obedientes, sem espírito de empreendimento ou pensamento próprio, dotados de uma preguiça paralisante e ensinados somente a seguir os passos dos ritos e cerimônias. Lamenta Beaumont: “*All the rites and ceremonies of the Romish church were displayed in full pomp to the eyes of these poor Indians.*”²²² A passividade é especialmente criticada no que tange a capacidade para o trabalho, de modo que, conclui Beaumont, pouco progresso resultou e “*very little further increase took place in the number of new towns*”.
 Critica o autor:

They were also marched to their labour in procession to the sound of bands of music, and the chaunting of hymns; similar forms accompanied their return. All their motions were restricted and watched; all they produced was thrown into a common stock; rations and clothes were given out equally to the industrious and the idle, the able and the imbecile; no reward arose out of good conduct, nor punishment followed upon bad, unless it were a great theft, or disobedience to their superior. Both parents and children were uninstructed in the moral duties, but were compelled to endure religious austerities,

²²¹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 393-394.

²²² BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 12.

and practise numerous ceremonies. The strict performance of these ceremonies, and passive obedience to their superiors, were the great duties inculcated. Hence they became singularly docile and stupid; they were almost insensible to the difference between good and bad treatment; and would submit to a gross injury, and receive a kindness, with apparently equal indifference. Motives to exertion or enterprise they had none, and scarcely ventured to think for themselves, even for the supply of their natural wants. The consequence was that, soon after the commencement of this system, heartlessness and lassitude paralyzed the people; and very little further increase took place in the number of new towns.²²³

O autor, em seguida, narra a expulsão dos jesuítas e a integração e mistura dos indígenas nos meios sociais espanhóis na América. Com relação a isso, Beaumont comenta que os indígenas teriam se livrado dos seus mestres jesuítas e se misturado com os espanhóis. A crítica, porém, se prolonga ao colonialismo espanhol sob o comando direto da Coroa, esta também propiciando a superstição e a ignorância. Dessa forma, o autor conclui que, após trezentos anos de colonização espanhola e uma breve tentativa inglesa com as invasões de Buenos Aires, muito pouco progresso intelectual, material e populacional havia resultado.

With this change of masters, however, the spell which bound the Indians became broken; and they by degrees left their settlements and mixed with the Spaniards in different parts of the country, adopting their dress and manners. But the jealousy of the Spanish government continued, and the habits of superstition and of aversion to knowledge, inculcated by the Jesuits, continued. The acquisition of the dead languages, of homilies, and some little medical information, were deemed enough for any loyal scholar to know; a general knowledge, of the sciences, and even of geography, was forbidden as heresy. The intrusion of strangers was watched and discouraged; commerce was encumbered by heavy duties, and shackled with vexatious forms and restrictions, insomuch that, on the conquest of Buenos Ayres by a handful of English troops (about one thousand five hundred), in 1806, and after a possession of the country by the Spaniards for nearly three centuries, very small advances had been made in knowledge or wealth, or even in population.²²⁴

A crítica ao catolicismo, portanto, não se restringe aos jesuítas. De fato, ao descrever as festividades religiosas de Buenos Aires, Beaumont parte, igualmente,

²²³ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 12.

²²⁴ *Ibid.*, p. 12-13.

de um lugar de crítica. O esplendor dos ritos católicos é identificado com a ostentação, que se opõe ao *ethos* protestante. Na Europa, argumenta ele: “*the most ignorant and superstitious inhabitants of the civilised world have been reasoned out of their prejudices*”. Em contraposição, Beaumont apresenta a esfera religiosa na América do Sul como identificada à tenacidade “*with which bigots adhere to superstitions in which they have been brought up*”.

On their religious festivals, their displays of plate and precious stones, and other pageantry, are described to have outvied the splendour of the catholic cities of Europe on such occasions; but this taste is now gone by, and the facility with which the most ignorant and superstitious inhabitants of the civilised world have been reasoned out of their prejudices, and have disclaimed them, is very different to the reputed tenacity with which bigots adhere to superstitions in which they have been brought up.²²⁵

Podemos concluir que, tanto Maria Graham, como John Beaumont produzem descrições sobre as práticas religiosas das sociedades sul-americanas, de modo que, ao mesmo tempo que constroem uma imagem de um Outro supersticioso, ainda que por vezes matizada, relativizada ou comparada, os autores também produzem imagens de si mesmos que funcionam como o oposto. Ambos partem de um ponto de vista ligado ao protestantismo. No caso de Maria Graham, a oposição cria uma imagem de si mesma que tem por característica principal a racionalidade e a investigação. No caso de John Beaumont, a imagem que constrói de sua perspectiva religiosa é a da religião que não se baseia na ostentação e na doutrinação, se associando à razão e estimulando o trabalho.

3.5 Trocas Culturais: Assimilação, Rejeição e “Contágio Social”

Nessa seção, iremos analisar as diferentes formas pelas quais Maria Graham e John Beaumont abordam a questão das trocas culturais a partir do contato com o Outro. Essas perspectivas compreendem desde a ideia ou tentativa de assimilação cultural, até a ideia de contágio social.

No que se refere à perspectiva de assimilação cultural, tanto Maria Graham como John Beaumont privilegiam o tema da assimilação cultural dos indígenas,

²²⁵ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 76-77.

entendidos como populações a serem incorporadas às sociedades sul-americanas. Nesse sentido, vale ressaltar que essas perspectivas de trocas culturais nem sempre supõem o contato entre, de um lado, o sul-americano, e de outro, o europeu, mas também supõem o contato entre os próprios americanos.

No caso de Beaumont, a assimilação cultural das populações indígenas é defendida, principalmente em contraposição à perspectiva do extermínio. De início, Beaumont argumenta que os indígenas, de forma geral, estão dispostos a trocar sua forma de vida nômade por uma vida sedentária. Em seguida, o autor relata que seu pai teria tentado convencer Rivadavia a adotar uma política de conciliação com os indígenas, ao invés de exterminá-los. Nesse sentido, a perspectiva da assimilação cultural tem um caráter racional e utilitário, voltada ao objetivo de transformar os indígenas em súditos do governo e trabalhadores. Argumenta o autor:

It is much to be regretted that the rulers of Buenos Ayres, who profess so strong a desire to increase the population of their country, and offer to pay largely for the transport of Europeans into it, should entertain the design of driving from the lands of their inheritance, or to exterminate the aboriginal inhabitants. These natives have given ample evidence of the docility of their nature, and of their aptitude to become excellent artisans and faithful troops. Their disposition to exchange a wandering life for the comforts of a home, is proved by the facility with which the early Spanish settlers, the Jesuits, and the Spanish Governors since, have induced them to take up fixed abodes. [...]

My father endeavoured to convince M. Rivadavia, when in London, of the preferable policy of conciliating the Indians, and of adopting various means to draw them into settled abodes in their own country, to that of destroying them, and peopling their country with emigrants from Europe, all which could only be accomplished after a long series of warfare, and at an immense expense. M. Rivadavia's reply always was, "*they are bad people—they must be got rid of*" A more liberal and just policy is due from Buenos Ayres to these lawful proprietors of the soil.²²⁶

Maria Graham, por sua vez, como vimos anteriormente no caso das suas observações sobre a crença em bruxas, admite a possibilidade da cultura como produto híbrido, combinando matrizes distintas. Em se tratar das populações indígenas, o relato de Graham também produz uma narrativa de assimilação

²²⁶ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 58-59.

cultural. No entanto, ao contrário de Beaumont, no Diário de Graham é possível encontrar observações baseadas em relatos de encontros da própria autora com povos indígenas.

Passando por San Francisco del Monte, Graham presencia uma dança de um grupo de indígenas em frente a uma igreja. Não compreendendo do que se tratava, a autora pergunta a um outro observador, que lhe dá a seguinte explicação:

Cuando los franciscanos emprendieron la conversión de los indios de estas comarcas centrales, establecieron su convento en Talagante, el pueblo de las palmeras, más arriba mencionado, contando entre sus primeros prosélitos á los caciques de Talagante, Llupeo y Chenigüé.

No tardaron los buenos padres en descubrir que era más fácil convertir á los indios á una nueva fe que alejarlos de ciertas prácticas supersticiosas de la antigua idolatría, y punto menos que imposible hacerlos renunciar á la danza que en honor de un poder tutelar ejecutaban anualmente bajo el follaje de los canelos. Hubieron, pues, de tolerarles esta práctica, pero deberían ejecutar la danza dentro de los muros del convento y en honor de Nuestra Señora de la Merced. Los caciques tomarían á su cargo, por turnos, los costos de la fiesta.

Trasladado el convento á su sitio actual, se les permitió celebrarla en la iglesia. Los danzantes, en vez de pintarse el cuerpo y adornarse la cabeza con plumas y la tradicional cinta, que todavía consideran sagrada, se presentan ahora con trajes y atavíos femeninos, los mejores que pueden procurarse, y como los religiosos han reducido mucho el tiempo de la solemnidad, la danza se prosigue y termina delante de la iglesia, con tanto respeto de los circunstantes como en el templo mismo. Los danzantes y todos los que quieren acompañarlos se dirigen en seguida á la casa del cacique, donde comen lo que éste puede ofrecerles y beben hasta agotar su provisión de chicha.

Quedé muy contenta de haber visto á estos danzantes, que me inclino á tener por descendientes de los Promaucaes, que opusieron resistencia á las tentativas de los incas de conquistar el país y que, después de defenderlo intrépidamente contra los españoles, terminaron por celebrar con ellos una alianza á que siempre se han mantenido fieles.²²⁷

Nessa passagem, é possível que Graham tenha oferecido sua própria interpretação sobre a dança baseando-se em algumas informações que conseguira coletar, mesmo porque, em outra parte da narrativa, ela mesma admite que seu espanhol não era perfeito: “*Hoy he conversado con Zenteno como me lo ha permitido mi imperfecto conocimiento del español.*”²²⁸ De qualquer forma, essa

²²⁷ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 330-331.

²²⁸ Ibid., p. 223.

explicação narra um processo de assimilação cultural. Os indígenas teriam se visto obrigados a abandonar certos aspectos de suas crenças tradicionais, mas o que teria resultado seria uma prática cultural que se misturava ao catolicismo. Seria mais fácil, como narra, associar as práticas religiosas dos indígenas a uma nova fé do que rejeitá-las de todo. Graham termina essa história associando os indígenas à ideia de resistência, mas ao mesmo tempo, a uma ideia de aliança com os espanhóis.

Em seguida, Maria Graham narra sua visita ao cacique de Llupeo, próximo a San Francisco del Monte. Este, porém não se encontrava. Graham tenta aproximar os indígenas às categorias que conhece – “*Nos encontramos con que Su Majestad (¿deberé darle este título?) estaba ausente, quizás en la fiesta de Chenigüé.*”²²⁹ Nessa narrativa, a construção da figura do indígena é identificada ao passado; o cacique “*no es más que una sombra*”. Sobre sua autoridade, ela relata:

Los huertos y campos anexos son bellos y perfectamente mantenidos, gracias al trabajo personal del cacique, sus dos hijos y sus mocetones, sobre quienes ejerce todavía una jurisdicción nominal y una autoridad moral, no menos poderosa aquí que en las naciones más civilizadas. [...] Durante las dos últimas generaciones se le ha despojado de las dos terceras partes del pueblo, de manera que ahora el cacique no es más que una sombra.²³⁰

Ademais, Graham comenta os hábitos, a linguagem e as vestimentas dos índios. Se, por um lado, a autora considera que esses foram assimilados aos seus conquistadores, de forma que poucos hábitos os distinguem, por outro lado, considera que os próprios espanhóis também adotaram muitos dos costumes indígenas. Relata a autora:

El lenguaje, hábitos y vestido de estos indios no se diferencian casi de los de los demás chilenos, de que sólo unas pocas costumbres los distinguen; hasta tal punto se han asimilado á sus conquistadores, quienes, por su parte, han adoptado también muchos de sus usos.²³¹

Por fim, Graham retoma o paradigma da exemplaridade, que analisamos

²²⁹ GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 331.

²³⁰ Ibid., p. 332.

²³¹ Ibid., p. 332.

anteriormente. Ao se deparar com o cacique no caminho de volta, a autora afirma que este fica feliz de os ter encontrado, pois não queria perder a oportunidade de receber visitantes ingleses, a quem prontamente apresenta os aperfeiçoamentos que havia introduzido em sua casa. Nesse ponto, Graham puxa uma nota de rodapé para exemplificar o aperfeiçoamento: “*Últimamente le ha puesto ventanas.*”²³² Relata a autora:

A nuestro regreso de la casa del cacique, donde se nos agradeció nuestra visita como un gran favor y se nos encareció cuánto sentiría haber perdido esta oportunidad de atender personalmente á dos visitantes ingleses y de mostrarles las mejoras que ha introducido en su residencia [...]

²³³

No Diário de Beaumont, por sua vez, encontra-se uma instância em que o autor, ao narrar suas experiências de viagem no interior, apresenta um enredo de tentativa de assimilação cultural com relação aos hábitos dos *gauchos*. Essa tentativa de assimilação, que o autor ironicamente denomina de “*my South American education*”²³⁴, no entanto, é ao final rejeitada pelo autor. De fato, o enredo em que Beaumont se vê obrigado a imitar os costumes dos *gauchos* está permeado de um distanciamento irônico e de sentimentos de repulsa.

Relatando uma parada da viagem no interior, Beaumont descreve os modos e costumes dos *gauchos*, os quais se vê obrigado a imitar. Sentados sobre crânios de bois, seus acompanhantes de viagem passavam entre si, utilizando as mãos, o assado que haviam preparado. Beaumont descreve a cena com repulsa e se espanta com o fato de que o seu companheiro de viagem inglês adotava os costumes dos *gauchos* “*as though he had been a gaucho born and bred*”. Nesse primeiro momento, nem mesmo a fome, narra o autor, havia sido capaz de instigar nele um “*spirit of emulation*” – “*I could not yet bring my stomach to the new mode of life which I had to lead [...]*”. Com efeito, o autor termina esse primeiro momento do relato ressaltando a falta de conforto a que estava sujeito na viagem. Reconta Beaumont:

The broth was drunk with the assistance of scallop shells; but,

²³² GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)*. San Martín. Cochrane. O'Higgins. Madrid: Editorial America, 1964, p. 332.

²³³ Ibid., p. 332.

²³⁴ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 149.

as there was a deficiency in the number of these, one shell had to salute many lips. In sipping the broth, they held their heads (that is, not their seats, but their own living heads) over the pot, so that whatever ran over the mouth, or was ejected from being found too hot, was not lost, but returned to the common stock. This repast was unflavoured with salt, seasoning, or vegetables of any kind, and nothing was drunk but the pot liquor.

The feast proceeded, and was finished with much jocularly, my companion declaring the beef excellent; and to my surprise handling it with as much ease as though he had been a gaucho born and bred; but alas! I could not yet bring my stomach to the new mode of life which I had to lead—the satisfaction with which my dark and dirty companions fingered the roasting joint—the keenness with which they grasped and gulped the severed slices—the adroitness with which they tore the bouilli with their fingers, and laved their throats and chins with the broth—all failed to excite me to a spirit of emulation. Even the cravings of a good appetite (for I had eaten nothing all day) were insufficient to make me a partaker of the feast. I grew delicate, and went to bed; that is, on the bare ground in an adjoining shed, I spread out a hide for my couch, and with my saddle for a pillow, and no covering but my poncho and cloths, laid me down to sleep.²³⁵

No segundo momento do relato, Beaumont passa à tentativa de assimilação. O autor argumenta consigo mesmo que deveria se desvencilhar de seus preconceitos iniciais e adotar os costumes dos *gauchos* para se alimentar, já que estava em seu país. Porém, após ter comido um pedaço de carne à sua moda, Beaumont descreve o seu nojo, novamente. Nesse sentido, a tentativa de assimilação não é bem-sucedida e o autor retorna para uma posição de distância crítica. Relata o autor:

The pain in my toe was accompanied by another, a ravenous appetite; and looking up, I saw a great mass of undressed beef hanging from the beam. A thought then struck me that I ought to be above early prejudices, and feed like the hale fellows about me, as I had come into their country; so drawing my knife I cut a good slice of beef, and put it into the hole in the embers, where my toe had just been overdone; but in this second roasting I was by no means successful; the fire had got low, and after waiting and watching nearly half an hour, the meat was scarcely warmed through. I was determined to master my task however, and by dint of cutting and gnawing, I masticated, or bolted several mouthfuls. When I had satisfied myself that I had not flinched from my resolution, but had actually swallowed as dirty and ill-dressed a piece of meat as any gaucho could get

²³⁵ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 140-141.

down, I left off, and fell to sleep again. In the morning, when I awoke, I looked at the remains of my steak, which was so uninvitingly raw, that the remembrance of having devoured part of it gave me a nausea, which I found it necessary to get into the open air in order to overcome [...]²³⁶

Em contraposição, Beaumont menciona de passagem em seu Diário o caso de um inglês, Mr Macartney, estabelecido em Entre Rios que se destacava pela habilidade de adotar diferentes costumes segundo o ambiente social – de um lado, representa a civilidade europeia e o polimento, e de outro, é capaz de adotar as maneiras dos *gauchos* em sua *estancia*.

The well-educated European, therefore, if he become a cattle owner, and would escape pillage, must become a gaucho in his own person; and it is curious to see with what facility a polished Englishman mixes in the almost savage state of society of the native herdsmen, and adopts their manners. One of the most expert horsemen and efficient herdsmen whom I met with in the country was a Mr. Macartney, who had an estancia near Villa de la Concepcion, in the province of Entre Rios; on his estate he was a complete gaucho and he was equally at home as a well-bred gentleman in the best society at Buenos Ayres.²³⁷

Nesse sentido, Macartney representa a possibilidade de transitar entre culturas – possibilidade negada na narrativa das experiências próprias do autor. Seu encontro com os *gauchos* e tentativa de assimilação de costumes resultara, inversamente, na rejeição do Outro.

Por fim, uma última perspectiva de trocas culturais representada no Diário de Beaumont, essa sob uma chave de absoluta negatividade e crítica, é a perspectiva do contágio ou contaminação social. O contágio social também aparece no Diário de Graham, como vimos anteriormente no caso do terremoto. No texto de Beaumont, por sua vez, essa questão se expressa em suas considerações sobre as condições de chegada dos imigrantes pelos quais a sua companhia se encarregara.

Segundo o autor, era evidente que os imigrantes não deveriam receber o dinheiro a eles prometido assim que desembarcassem em Buenos Aires, uma vez que estes gastariam o dinheiro com vício e bebida. O dinheiro, destinado aos imigrantes para que se estabelecessem inicialmente no país, seria assim

²³⁶ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 144-145.

²³⁷ Ibid., p. 63-64.

desperdiçado em outros fins. Sem dinheiro, esses imigrantes se veriam obrigados a se colocar a serviço das tropas de Buenos Aires na guerra contra o Brasil ou, então, ficariam presos à terra até repagarem o dinheiro a eles avançado, em um estado similar à condição servil. Nesse sentido, Beaumont afirma que: “*This contamination, waste of property, and bondage, were to be guarded against.*”²³⁸

Portanto, Beaumont considerava imperativo, em primeiro lugar, que os imigrantes não desembarcassem em Buenos Aires, sendo conduzidos diretamente às terras do assentamento. Segundo o autor, se os imigrantes fossem conduzidos direto ao local de trabalho, seria evitada a situação de contágio social que Buenos Aires propiciava:

A principal object of the Rio de la Plata Agricultural Association was, to settle the English agriculturists in villages, away from the contamination of the populace at Buenos Ayres; and to surround them with motives and facilities to improve their condition, and increase their possessions in land.²³⁹

Após dedicar algumas considerações às necessidades dos imigrantes nessas terras (necessidade de leis que assegurassem a propriedade privada, protegendo-os das ambições dos índios e dos *criollos*), Beaumont afirma que era de suma importância que os imigrantes mantivessem seus hábitos europeus e se tornassem proprietários independentes o quanto antes. Logo, ele lhes dispensa as seguintes instruções:

The instructions and advice composed for their guidance would fill a folio volume. The cardinal points were: —inflexibly to regard truth and justice in all their dealings with the natives and with one another, and to be industrious and economical in themselves. Orders were issued to put each man in possession of his ground as soon as he arrived; to give all honours and rewards to the sober and industrious, but none to the dissipated and idle; to divert the little pride and rivalry that will exist amongst us, in all conditions of life, from dress and entertainments, to who should be foremost to discharge their debts, and to sit, as independent men, under their own vines.²⁴⁰

Dessa forma, a retórica segue uma sensibilidade burguesa que valoriza a sobriedade, o trabalho, a economia no consumo, e desvaloriza a preguiça e o

²³⁸ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 110.

²³⁹ *Ibid.*, p. 256.

²⁴⁰ *Ibid.*, p. 113-114.

vício. Em diversas ocasiões, Beaumont repete no texto a ideia de que os imigrantes estavam sob risco de contágio. Ao deixar Buenos Aires, em certa ocasião, o autor se diz satisfeito, visto que os imigrantes do primeiro assentamento, que haviam sido expulsos das terras alocadas a eles, teriam encontrado empregos ou em Buenos Aires ou em Montevideu. Ainda assim, Beaumont se preocupa com a questão do contágio social – “[...] *the contagion of idleness and drunkenness, which is so apt to taint all English mechanics in that region.*”²⁴¹ De fato, para o autor, ainda que a situação na Região do Prata exigisse menos do trabalhador inglês, o contágio social de hábitos que considerava indesejáveis seria responsável pelo fato de que os imigrantes raramente avançavam a sua condição social. Dessa forma, em razão do contágio, “*the emigrant is soon brought to the level of the country*”. Argumenta Beaumont:

The climate is enervating, and disinclines a man from labour; the customs of the country—examples and invitations on every side, or the sneers and reproaches of idlers—all tend to produce drinking, idleness, and smoking. In these latter ways, the emigrant is soon brought to the level of the country; and in the result, although a plentiful living may be got even then for much less labour than is required in England, the English emigrant at Buenos Ayres is not found to be on the whole better off, or so well off as in England; he is not so clean, so well clothed, or lodged, and he seldom saves money, or advances his condition.²⁴²

O clima, portanto, aparece como mais uma força que estimula a ociosidade e o vício. Carmen Bernand, nesse sentido, argumenta que a fertilidade da natureza americana é entendida, no período colonial, como ameaça social. Segundo a autora:

La fuerza contenida en esa naturaleza salvaje es a la vez una ventaja y una amenaza para el orden social: por un lado permite a la gente vivir sin trabajar, por otro, estimula la ociosidad. El término español que se emplea para designar la plenitud de la naturaleza es calificativo de “viciosa”. Esta potencia genérica de la tierra se transmite igualmente a los pueblos que allí habitan, y a los que nacen en esas tierras.²⁴³

²⁴¹ BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs*. London: James Ridgway, 1828, p. 229.

²⁴² *Ibid.*, p. 255.

²⁴³ BERNAND, Carmen. *Los Híbridos en Hispano-América: un enfoque antropológico de un proceso histórico*. In: BOCACARA, Guillaume; GALINDO G, Silvia (ed.). *Lógica Mestiza en América*. Temuco: Instituto de estudios indígenas, 1999, p. 70.

Por fim, podemos concluir que os autores abordam a questão da alteridade sob diversos ângulos, admitindo a possibilidade das trocas culturais, ainda que nem sempre as apresentem sob um aspecto positivo. O imigrante europeu e o indígena passaram por processos de assimilação e contágio, segundo os autores. Portanto, a oposição nós-eles que constrói identidades contrapontuais é suavizada. Para Beaumont, como vimos, a troca cultural entre o europeu e o americano aparece como uma ameaça, sob o paradigma do contágio. Para Graham, a percepção das trocas culturais admite mais nuances. Se, no episódio dos terremotos, como vimos, a autora critica a questão do contágio social, em outros pontos é possível entrever uma perspectiva que admite trocas culturais em via dupla, além da percepção da cultura como produto híbrido de distintas matrizes.

Conclusão

Como vimos no capítulo anterior, os Diários de Viagem de Maria Graham e John Beaumont representam a figura do Outro como elemento essencial em suas narrativas. Maria Graham oscila entre uma posição de superioridade cultural distanciada e uma posição orientada pelo interesse etnográfico, construindo aproximações e relativizações. Já John Beaumont entende e apresenta o Outro de forma essencializada, constituindo um elemento de obstáculo na narrativa.

As posições tomadas pelos autores em seus relatos constroem oposições de identidades de forma contrapontual. A construção do Outro, ao mesmo tempo, reforça a perspectiva da identidade britânica, especialmente como paradigma da civilização.

A perspectiva das trocas culturais e a possibilidade da suavização da fronteira nós-eles é entendida ora como objeto de considerações culturais e etnográficas, ora como uma ameaça a ser evitada. A fronteira cultural, nesse sentido, é ambígua. Dá margem tanto ao reforço do senso de identidade pela via do contraste, como evidencia os encontros, as assimilações, os hibridismos culturais.

No segundo capítulo, analisamos as diferentes representações da ideia de Nação, associada, especialmente, à construção dos Estados no contexto do Pós-Independência. Buscamos ressaltar a percepção dos autores de que a construção da Nação consistia em um projeto criativo. As observações dos autores sobre a Nação partem da perspectiva do progresso civilizacional. A Nação que os viajantes observam e descrevem é uma nação que não é ainda, é a que gostariam de ver em construção; a Nação em devir, sob a ótica iluminista do progresso e da civilização.

A dimensão criativa desse projeto pode ser percebida em diversos aspectos. Os autores comentam e avaliam as tentativas e projetos de construção dos Estados, a fragilidade destes enquanto instituições políticas e a sua dimensão de provisoriedade. Além disso, observamos a partir de uma passagem do Diário de Maria Graham como a identidade nacional é entendida como algo a ser criado e elaborado ao longo do tempo e não como uma identidade que precede e justifica a Independência. Os comentários dos autores sobre a criação de símbolos no contexto do Pós-Independência, igualmente, evidenciam o caráter criativo da

construção da nacionalidade e da Nação. Essas considerações acerca dos símbolos nacionais nos permitem ver a preocupação dos autores com relação à perspectiva da posteridade e da memória futura dos eventuais sujeitos nacionais sobre o período que estava sendo por eles vivenciado.

No primeiro capítulo, analisamos os Diários de Viagem a partir das especificidades do seu gênero narrativo. Percebemos a partir dessa análise que as observações dos viajantes são atravessadas por um amplo conjunto de questões. Em primeiro lugar, vimos que o Diário de Viagens é estruturado tendo em vista um público específico. O olhar dos viajantes é direcionado tanto pelas suas próprias expectativas, como pelas expectativas do público. Mais ainda, o público leitor de Diários de Viagem espera que estes contenham elementos literários, daí a preocupação em aproximar o relato, em certos pontos, à narrativa de um Romance.

Esse gênero de escrita, portanto, revela-se um gênero complexo que envolve a escrita de si, as expectativas do público leitor e a procura por garantir, através de diversos recursos, a veracidade do relato. O Diário de Viagem, por um lado, introduz elementos narrativos que criam ambiguidades no que diz respeito à ficcionalidade. Por outro lado, ele consiste em um relato testemunhal que, como qualquer outro, utiliza estratégias discursivas a fim de garantir a sua credibilidade.

Por fim, ressaltamos as diferenças entre os estilos dos dois autores. Um ponto importante para essa distinção é a relação entre gênero e autoridade discursiva. Concluímos que a escrita dos Diários é diferenciada entre Maria Graham e John Beaumont com relação às estratégias discursivas. Enquanto Beaumont se apresenta como partindo de um lugar de total autoridade na produção do seu discurso, Graham mobiliza ainda um conjunto de artifícios variados para convencer o leitor da veracidade do seu discurso.

Referências Bibliográficas

Fontes:

BEAUMONT, J. A. B. *Travels in Buenos Ayres, and the Adjacent Provinces of the Rio de la Plata. With Observations, Intended for the Use of Persons who Contemplate Emigrating to that Country; or Embarking Capital in its Affairs.* London: James Ridgway, 1828.

GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823). San Martín. Cochrane. O'Higgins.* Madrid: Editorial America, 1964.

Bibliografia:

AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography.* New York: Cambria Press, 2009.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BASSNETT, Susan. "Travel writing and gender." In: YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing.* Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

BERNAND, Carmen. *Los Híbridos en Hispano-América: un enfoque antropológico de un proceso histórico.* In: BOCACARA, Guillaume; GALINDO G, Silvia (ed.). *Lógica Mestiza en América.* Temuco: Instituto de estudios indígenas, 1999, p.61-83.

BOLTON, Cherish. *Through the British Looking Glass: Constructing the "Other" in the Nineteenth Century.* Disponível em: <https://www.academia.edu/1211184/Through_the_British_Looking_Glass_Constructing_the_Other_in_the_Nineteenth_Century> Acesso em: 4 de abr. 2017.

DOYLE, Don H.; PAMPLONA, Marco A. (Orgs.). *Nacionalismo no novo mundo.* Rio de Janeiro: Record, 2008.

MORETTI, Franco. *O burguês: entre a história e a literatura.* São Paulo: Três Estrelas, 2014.

PIERINI, Margarita. “La mirada y el discurso: la literatura de viajes”. In: *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Unicamp, vol. 2, 1994.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 103.

SARLO, Beatriz. *Tiempo Pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión*. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2012.

SMITH, Anthony D. Conmemorando a los muertos, inspirando a los vivos. Mapas, recuerdos y moralejas en la recreación de las identidades nacionales, *Revista Mexicana de Sociología*, v. 60, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 1998.

WASSERMAN, Fabio. “El concepto de nación y las transformaciones del orden político en Iberoamérica (1750-1850).” In: LOSADA, Cristóbal. SEBASTIAN, Javier. *Diccionario político y social del mundo iberoamericano La era de las revoluciones, 1750-1850*. Madrid: Fundación Carolina Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales y Centro de Estudios Políticos y Constitucionales de Madrid, 2009.

WILDE, Guillermo. *La problemática de la identidad en el cruce de perspectivas entre antropología y historia: reflexiones desde el campo de la etnohistoria*. Disponible em: <<http://www.naya.org.ar>>.